

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS - LINGUÍSTICA

DIOVANA DA SILVEIRA BALDEZ

**O USO DA MARCAÇÃO DE GÊNERO NEUTRO NO TWITTER POR UMA PERSPECTIVA  
SOCIOLINGUÍSTICA**

Porto Alegre  
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

DIOVANA DA SILVEIRA BALDEZ

**O USO DA MARCAÇÃO DE GÊNERO NEUTRO NO TWITTER POR UMA  
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre em Linguística pelo  
Programa de Pós-graduação em Letras da  
Escola de Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini

Porto Alegre

2022

## Ficha Catalográfica

B176u Baldez, Diovana da Silveira

O uso da marcação de gênero neutro no Twitter por uma perspectiva sociolinguística / Diovana da Silveira Baldez. – 2022.

151 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini.

1. Gênero neutro. 2. Marcação de gênero. 3. Variação linguística. 4. Comunidade de prática. I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Loiva Duarte Novak CRB-10/2079

DIOVANA DA SILVEIRA BALDEZ

**O USO DA MARCAÇÃO DE GÊNERO NEUTRO NO TWITTER POR UMA  
PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 31 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Livia Oushiro (UNICAMP)

---

Luiz Carlos da Silva Schwindt (UFRGS)

Porto Alegre

2022

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Elisabete, e à minha avó, Teresa, pelo apoio, encorajamento e amizade, fundamentais para que eu enfrentasse as adversidades encontradas durante meu percurso no Mestrado, principalmente devido ao COVID-19, e chegasse até aqui.

Ao meu namorado, Leonardo, que acompanhou as dificuldades enfrentadas até a finalização deste trabalho e esteve comigo, motivando-me, sempre disposto a me ajudar a entender melhor R e estatística.

À professora Cláudia Brescancini, por aceitar a minha proposta de trabalho e me ajudar a elaborar o presente estudo, compartilhando comigo sua experiência e seus conhecimentos sempre de forma muito dedicada e gentil.

À professora Livia Oushiro e ao professor Luiz Schwindt, pelos quais tenho profundo respeito e admiração, por aceitarem ler e avaliar este trabalho, oferecendo contribuições valiosas durante e após o Exame de Qualificação, as quais enriqueceram muito esta pesquisa.

Ao professor Filipe Jaeger Zabala, que, de forma muito atenciosa, prestou auxílio quando necessário e esclareceu dúvidas em relação ao R e ao tratamento estatístico conduzido.

À professora Vera Wannmacher Pereira, que me introduziu à pesquisa acadêmica em 2018 e proporcionou-me inúmeros momentos de aprendizado e companheirismo juntamente aos meus colegas do NUCCLIN (Núcleo de Pesquisa em Cognição, Cultura, Linguagens e Interfaces: Ciência, Arte e Tecnologia), incentivando-me sempre a ingressar no Mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, que contribuíram imensamente com a minha formação acadêmica.

À CAPES, uma vez que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito principal investigar o uso da marcação neutra de gênero no português: um fenômeno de variação linguística ainda recente, o qual divide muitas opiniões nos meios social e político. A escolha do tema justifica-se dado o interesse que temos, como linguistas, de analisar a língua como um organismo em constante construção e ressignificação, capaz de materializar visões de mundo diversas, por meio das quais diferentes identidades se estabelecem. Desse modo, a Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com enfoque nas Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b) embasam a descrição e análise conduzidas. Como meio para a observação da variante, foi considerada a rede social Twitter, sendo feita a coleta de 3.446 ocorrências referentes a tuítes produzidos por três sujeitos durante o segundo semestre de 2020, os quais expressam explicitamente preferência pelo uso dos pronomes neutros “Elu”, “Ilu”, “El” ou “Ile”. Como critério de seleção, consideraram-se tuítes que continham adjetivos, substantivos e pronomes cujo referente caracterizava-se pelo traço [+sexuado], nos quais a distinção de gênero ocorria por flexão. As variáveis previsoras estipuladas foram Classe Morfossintática, Função Sintática, Item Lexical, Tópico do tuíte, Concordância de Gênero, referência desempenhada pela marcação de gênero (genérica ou específica) e o mês no qual o tuíte foi escrito. A amostra coletada foi submetida, por meio da interface RStudio, à versão 4.1.2 do programa R, através do qual realizou-se o tratamento estatístico proposto. Os resultados obtidos apontaram como condicionadores do emprego de gênero neutro a classe de Adjetivo, os tópicos de Relacionamento Afetivo e Identidade e a Referência Genérica desempenhada pela marcação de gênero, bem como a função sintática de Predicativo e a Referência Genérica em relação aos Participantes A e C especificamente, os quais apresentam menor porcentagem de uso de gênero neutro. Indicando desfavorecimento quanto à marcação neutra, observou-se o fator Concorda com Referente, relativo à Concordância de gênero, na amostra de dados dos Participantes A e B.

**Palavras-chave:** Gênero neutro; Marcação de gênero; Variação linguística; Comunidade de prática.

## ABSTRACT

The main purpose of this research is to investigate the use of gender-neutral marking in Portuguese: a still recent linguistic variation phenomenon, which divides many opinions in social and political circles. The choice of the theme is justified given the interest, as linguists, to analyze language as an organism in constant construction and resignification, capable of materializing different worldviews, through which different identities are established. Thus, the Theory of Variation (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), with a focus on Communities of Practice (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b) support the description and analysis conducted. As a means of observing the variant, the social network Twitter was considered, in which we collected 3,446 tweets produced by three subjects during the second half of 2020, who explicitly express a preference for the use of the neutral pronouns “Elu”, “Ilu”, “El” or “Ile”. As a selection criterion, tweets containing adjectives, nouns and pronouns whose referent was characterized by a human were considered, in which the gender distinction occurred morphologically by gender marks. The predictor variables stipulated were Morphosyntactic Class, Syntactic Function, Lexical Item, the tweet Topic, Gender Agreement, the reference performed by gender marks (generic or specific) and the month in which the tweet was written. The collected sample was submitted, through the RStudio interface, to version 4.1.2 of the R program, through which the proposed statistical treatment was carried out. The results obtained pointed as conditioners of gender-neutral employment the Adjective class, the topics of Affective Relationship and Identity and the Generic Reference performed by gender marking, as well as the syntactic function of Predicative and the Generic Reference in relation to Participants A and C specifically, which have a lower percentage of gender-neutral use. Indicating a disadvantage regarding gender-neutral marking, the Agree with Referent factor was observed, related to Gender Agreement variable, in the data sample of Participants A and B.

**Keywords:** Gender-neutral; Gender marking; Linguistic variation; Communities of practice.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de palavras contendo os Itens lexicais ( <i>types</i> ) marcados com gênero neutro (Participante B).....	112
Figura 2 - Nuvem de palavras contendo os Itens lexicais ( <i>types</i> ) marcados com gênero neutro (Participante A).....	121
Figura 3 - Nuvem de palavras contendo os Itens lexicais ( <i>types</i> ) marcados com gênero neutro (Participante C).....	124

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de gênero gramatical por participante (A, B e C) .....	84
Gráfico 2 - Proporção da marcação de gênero neutro por Função Sintática e Participante (A, B e C).....	93
Gráfico 3 - Proporção da marcação de gênero neutro por Classe Morfossintática e Participante (A, B e C).....	96
Gráfico 4 - Proporção da marcação de gênero neutro por Tópico e Participante (A, B e C).....	100
Gráfico 5 - Proporção da marcação de gênero neutro por Concordância de Gênero e Participante (A, B e C).....	103
Gráfico 6 - Proporção da marcação de gênero neutro por Referência Genérica/Específica e participante (A, B e C).....	107
Gráfico 7 - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante A).....	117
Gráfico 8 - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante B).....	118
Gráfico 9 - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante C).....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes neutros nos sistemas “Elu”, “Ilu”, “Ile” e “El”.....	47
Quadro 2 - Fatores referentes à variável Função Sintática.....	71
Quadro 3 - Itens Lexicais nos quais há variação na marcação de gênero neutro (Participante A).....	122
Quadro 4 - Lista de Itens Lexicais marcados com gênero neutro.....	148

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência Global – Marcação de Gênero Gramatical: Participantes A, B e C.....	82
Tabela 2 - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante A).....	87
Tabela 3 - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante B).....	88
Tabela 4 - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante C).....	89
Tabela 5 - Fatores estatisticamente significativos em posição de favorecimento e desfavorecimento do emprego de gênero neutro (Participantes A, B e C).....	110
Tabela 6 - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Classe Morfossintática, Tópico e Referência Genérica/Específica (Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias) .....	127
Tabela 7 - Coeficientes angulares referentes a Item Lexical (em ordem decrescente).....	129

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2. CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO EM PORTUGUÊS</b>	<b>19</b>
2.1. SUFIXO DE GÊNERO	19
2.2. NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO	28
2.2.1. Identidade de Gênero Não-binária	28
2.2.2. Marcação de Gênero Neutro	38
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>50</b>
3.1. TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICAS	50
3.2. COMUNIDADE DE PRÁTICA	56
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>63</b>
4.1. A AMOSTRA	63
4.1.1. Critérios para a seleção dos participantes	67
4.2. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	68
4.2.1. Variável Resposta	68
4.2.2. Variáveis Previsoras	69
4.2.2.1. <i>Classe Morfossintática</i>	69
4.2.2.2. <i>Função Sintática</i>	69
4.2.2.3. <i>Tópico</i>	72
4.2.2.4. <i>Concordância de Gênero</i>	74
4.2.2.5. <i>Marcação de Gênero em Referência Genérica/Específica</i>	76
4.2.2.6. <i>Participante</i>	77
4.2.2.7. <i>Mês de Coleta</i>	78
4.2.2.8. <i>Item Lexical</i>	79
4.3. ORGANIZAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	79
4.4. INSTRUMENTO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA	80
4.5. PROCEDIMENTOS ÉTICOS	81
<b>5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>83</b>
5.1. FREQUÊNCIA GLOBAL	83
5.2. ANÁLISE MULTIVARIADA	87
5.3. VARIÁVEL MÊS DE COLETA	116
5.4. VARIÁVEL ITEM LEXICAL	120

<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE A - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE B - Quadro 4 - Lista de Itens Lexicais marcados com gênero neutro</b>	<b>148</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Pode-se observar nas últimas décadas movimentos linguísticos impulsionados por falantes de várias línguas (como português, inglês, sueco, espanhol etc.), cujo objetivo volta-se para a inclusão de indivíduos não contemplados pelos gêneros feminino e masculino, buscando-se, para tal, o estabelecimento de um gênero neutro<sup>1</sup> responsável por compor pronomes e outras classes morfossintáticas que admitem marcação de gênero. No Brasil, o movimento pelo uso mais inclusivo da linguagem acompanha o avanço da adesão ao uso das redes sociais, ocorrendo, em um primeiro momento, a partir do uso dos caracteres “@” e “x” no lugar do sufixo de gênero e, mais recentemente, a partir do uso da marca “-e”: alternativa de marcação neutra pronunciável mais adotada em redes sociais hoje em dia, sendo inclusive utilizada recentemente pelo Museu da Língua Portuguesa (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2021), em postagem online, bem como de forma oral em narração oficial da Olimpíada de Tóquio no ano de 2021 pela jornalista Natália Lara, do “SportTV”<sup>2</sup>.

Tendo em vista que o uso dessas manifestações linguísticas inovadoras tem se tornado cada vez mais frequente, esta pesquisa tem como objetivo central contribuir para a investigação do uso da marcação de gênero neutro em português: um fenômeno de variação linguística recente, portanto carente ainda de análise no Brasil, e motivo de constantes embates políticos e ideológicos.

De um lado, políticos de vários estados<sup>3</sup> têm se empenhado em proibir o uso de marcações neutras de gênero em escolas com base em argumentos de ordem tradicionalista e normativa, como de que o gênero neutro corrompe as regras gramaticais estabelecidas no país e inexistente na língua portuguesa, conforme afirma Carlos Bolsonaro em seu projeto de lei (RIO DE JANEIRO, 2020). Em justificativa à proposta, o vereador afirma que a vedação da marcação de gênero neutro é uma forma de defesa da “educação correta e regular” da língua portuguesa,

---

<sup>1</sup> Esse tema é abordado mais a fundo no Capítulo 2, tendo-se em consideração os textos de Chak (2015), Tavits e Pérez (2019) e Lee (2019).

<sup>2</sup> UOL, Redação. Narradora do SporTV trata atleta por pronome neutro e gera debate nas redes sociais. **UOL**, São Paulo, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2021/07/21/narradora-do-sportv-trata-atleta-por-pronome-neutro-e-gera-debate-nas-redes-sociais.htm>. Acesso em: 02 ago. 2021.

<sup>3</sup> Até o momento, constatou-se que foram propostas leis proibitivas da marcação de gênero neutro nas escolas no estado de São Paulo pelo deputado Guilherme Derrite (PP), na cidade de Rio de Janeiro pelo vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos) e em Belo Horizonte pelo vereador Nikolas Ferreira (PRTB). Em Santa Catarina, já é vetada a adoção de linguagem neutra em escolas públicas e privadas do estado, conforme medida publicada pelo governador Carlos Moisés da Silva (PSL) no dia 15 de junho de 2021. Em 28/10/2021, também houve proibição do emprego de marcas neutras de gênero em âmbito federal, sendo vedado o uso da “linguagem neutra” em projetos financiados pela Lei Rouanet.

bem como “dos valores das famílias brasileiras”, “detentoras do direito inalienável de uso do Português na forma e no conteúdo corretos, sem perversões e alterações maliciosas e progressistas de suas bases” (RIO DE JANEIRO, 2020).

Em perspectiva semelhante, a marcação de gênero neutro é referida por Mario Frias, atualmente secretário especial de Cultura do governo Bolsonaro, como uma “vandalização cultural”, conforme afirma em comentário a um tuíte oficial do Museu da Língua Portuguesa (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2021), no qual a palavra “todes” é utilizada. Segundo Frias, o dinheiro público federal não deve ser utilizado para “piruetas ideológicas”: “se o governo paulista se comporta como militante, vandalizando nossa cultura, não o fará com verba federal.” (FRIAS, 2021). Para os formadores de opinião dessa linha de pensamento, a linguagem neutra é tida como um “delírio progressista”, conforme afirma Kanner (2021), cujo objetivo é desestruturar a língua falada e escrita. Tal uso não seria “português correto”.

Opiniões dessa natureza podem ser explicadas pela proposta de Bagno (1999) sobre o imaginário linguístico popular no qual se confundem gramática normativa e língua portuguesa, o que seria uma das bases para o surgimento do preconceito linguístico. Segundo esse imaginário, que não se baseia em nenhum conhecimento científico, a língua é tida como um ideal, de reprodução homogênea, conforme descrita nas gramáticas tradicionais, sujeita à classificação dual entre “certo” e “errado”. O preconceito linguístico origina-se de crenças que tomam por base tais pensamentos, caracterizando-se pela estigmatização das mudanças da língua com base na crença de que só existe “uma única língua portuguesa digna deste nome” (Bagno, 1999, p. 40). Pela ótica do preconceito linguístico, a variação é considerada, conforme aponta Bagno (1999, p. 40), como “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, sendo consideradas “corretas” apenas manifestações linguísticas reconhecidas pelas gramáticas e dicionários, utilizados no ensino formal escolar. Tratando mais a fundo dessa problemática, Bagno (1999) explica que o preconceito linguístico está diretamente relacionado a “quem” fala, sendo uma decorrência do preconceito social.

De um outro lado, grupos compostos por indivíduos de identidade não-binária e apoiadores da comunidade LGBTQIA+ mobilizam-se cada vez mais nas redes sociais a fim de reivindicar visibilidade linguística por meio da marcação de gênero neutro. Conforme explica Viscardi (2020):

[utilizar marcas neutras de gênero] é, na verdade, atuar num movimento de transformação de um sistema que, como atestam linguistas e antropólogos, foi

pensado por homens e para homens. A acolhida, na língua, de outras identidades não implica a exclusão da identidade masculina, mas dá espaço para as variadas existências na nossa sociedade, que vão além da binaridade de gênero.

Por essa perspectiva, o emprego do gênero neutro pode ser considerado como um recurso visando ao reconhecimento da existência de identidades de gênero não-binárias, de modo que se evita o uso do masculino genérico para a referência a outros gêneros a fim de visibilizar grupos além do masculino. Pode ser observado, nesse sentido, um esforço da comunidade não-binária e LGBTQIA+ de forma geral em informar e explicar o funcionamento da marcação de gênero neutro por meio de *posts*, principalmente em redes sociais, o que caracteriza um movimento de apropriação das regras da língua que vai de encontro à gramática normativa do português, tradicionalmente prescrita por um grupo seletivo de homens e pouco questionada fora do meio acadêmico.

Nesse contexto, a opinião popular divide-se, em parte tomando como argumentos discursos conservadores que pouco apresentam reflexões linguísticas ou consciência acerca do funcionamento de uma língua natural. Por esse motivo, considera-se, nesse cenário, a relevância do linguista frente às inovações que ocorrem na língua, reconhecida como um organismo em constante construção e ressignificação, capaz de materializar visões de mundo diversas, através das quais diferentes identidades se estabelecem. Um uso linguístico inovador, que pode vir a acarretar um processo de mudança linguística, leva tempo para se estabelecer na comunidade, podendo enfrentar resistência dos falantes principalmente quando surge em um meio social de força predominantemente conservadora, no qual ainda pouco se discute sobre variação e identidade de gênero nas grandes mídias, como é o caso do Brasil. Por essa razão, considera-se relevante buscar, por meio de pesquisa e divulgação científica, formas de descrever as características da marcação de gênero neutro, bem como contribuir para o entendimento acerca dos motivos pelos quais esta surgiu e da comunidade que a usa.

Cabe ao linguista, por essa perspectiva, tomar lugar de fala frente aos fenômenos de mudança da língua, explicando-os com base em evidências científicas, a fim de colaborar para a desmistificação de crenças populares, amplamente tomadas por verdade, que prolongam preconceitos sociais e linguísticos no Brasil. Nesse sentido, esta pesquisa emerge da necessidade social que há de se discutir sobre variação linguística e marcação de gênero neutro, uma vez que, diante de tantas manifestações cientificamente polêmicas, bem como de preconceitos de ordem linguística e social, faz-se necessário buscar um tratamento do fenômeno com base linguística.

Toma-se como objetivo principal desta pesquisa, portanto, a descrição acerca do uso da marcação de gênero neutro na rede social Twitter, que tem se mostrado um espaço de discussão e de uso no que se refere à linguagem neutra, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e das Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b), abordagens sociolinguísticas que observam a língua em uso, sempre vinculada aos fatores sociais aos quais esta se associa. Por essa perspectiva, busca-se neste trabalho identificar as variáveis linguísticas e/ou sociais que condicionam o emprego do gênero neutro no ambiente delimitado, de modo a descrever seu uso, observando-o como um recurso para construção de identidades individuais e grupal.

Desse modo, busca-se verificar de que forma o gênero neutro é utilizado no Twitter por pessoas associadas à comunidade de prática não-binária, a partir da seguinte questão de pesquisa: é possível identificar na amostra, composta por tuítes produzidos por três participantes, condicionadores comuns quanto à marcação de gênero neutro em substantivos, adjetivos e pronomes? Essa pergunta relaciona-se ao problema da implementação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), cujo cerne remete aos fatores condicionantes que exercem influência sobre o processo de variação e mudança, favorecendo-o ou não.

Esta pesquisa conta, portanto, com três participantes que fazem uso da marcação de gênero neutro “-e” e de pronomes neutros (como “elu”, “ilu”, “mi”, “sue” etc.). A amostra considerada é composta de tuítes, escritos por esses participantes durante o segundo semestre de 2020, nos quais foi observado o uso de adjetivos, substantivos e pronomes cujo referente era humano, caracterizados pelo traço [+sexuado]. Quanto aos adjetivos e substantivos, foram consideradas as palavras nas quais a distinção de gênero realizava-se por meio de flexão (“-a”, “-o” ou “-e”), uma vez que a marcação neutra “-e”, foco desta pesquisa juntamente às formas pronominais neutras, ocorre em contexto de oposição entre flexões masculina e feminina (PESSOTTO, 2019; SCHWINDT, 2020b).

Para a apresentação do presente estudo, dividiu-se o conteúdo em seis partes, sendo esta a primeira, de teor introdutório, voltada para uma apresentação acerca do propósito da pesquisa e do contexto do qual esta emerge.

O segundo capítulo, denominado Considerações Sobre Gênero em Português, aborda o funcionamento do sufixo de gênero em língua portuguesa, a fim de fornecer as bases para o

entendimento acerca de como a marcação de gênero neutro é realizada. Para tanto, buscou-se considerar quais são as características das pessoas que utilizam a marcação de gênero neutro e quais são as motivações para seu surgimento, bem como o papel que esse uso inovador desempenha no contexto comunicacional.

No terceiro capítulo, apresenta-se a Fundamentação Teórica adotada neste trabalho, a qual se baseia principalmente nas propostas de Labov (2008 [1972]), referente à Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, e de Eckert e McConnell-Ginet (1992a; 1992b), no que se refere às Comunidades de Prática.

O capítulo seguinte, Metodologia, busca detalhar o procedimento metodológico adotado para esta pesquisa, organizando-se de modo a apresentar como a amostra foi definida, quais critérios foram considerados para a seleção dos participantes e quais foram as variáveis resposta e previsoras contempladas. Também é explicado nesse capítulo o modo como foi feita a organização e a codificação dos dados, sendo apresentados o instrumento de análise estatística utilizado e os procedimentos éticos considerados.

Em sequência, no capítulo 5, são apresentadas a descrição e a análise dos resultados obtidos. Dessa forma, é reportada a distribuição geral dos dados, sendo feita a seguir a exposição dos resultados obtidos por meio da análise de regressão logística, tendo em vista as amostras referentes a cada participante, contemplando-se as variáveis preditoras estipuladas. Por fim, seguem-se as considerações finais do trabalho e as referências. Como apêndices são apresentados, além do Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado para a coleta de dados deste trabalho, o Quadro 4, composto por uma lista contendo todos os itens lexicais marcados com gênero neutro observados na amostra.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO EM PORTUGUÊS

A fim de apresentar um panorama da literatura relevante para este trabalho, dividiu-se esta seção em duas partes principais. A primeira, denominada Sufixo de Gênero, trata de aspectos morfofonológicos do português brasileiro (PB), com foco no funcionamento da marcação de gênero em língua portuguesa. Na segunda parte, denominada Neutralização de Gênero, são abordadas questões referentes à identidade de gênero não-binária e à marcação de gênero neutro, as quais buscam situar como a variante em exame surgiu e quais causas motivam seu uso.

### 2.1. SUFIXO DE GÊNERO

Conforme explica Kehdi (1990, p. 28), desinências são “os morfemas terminais das palavras variáveis”, caracterizando-se por indicar as flexões, no caso das desinências nominais, de gênero e número. São morfemas que não podem ser dispensados, por meio dos quais se estabelece uma relação de concordância entre os elementos sintáticos. Com relação à desinência de gênero em português, especificamente, é prevista a existência de dois gêneros, o masculino e o feminino, os quais podem se manifestar por meio de (1) flexão, em situações nas quais a marcação é realizada morfológicamente pelos morfemas “-o” (masculino) e “-a” (feminino), como se observa em “garoto/garota”; (2) derivação, quando a distinção entre a forma masculina ou feminina ocorre pelo acréscimo de um sufixo ao radical, como se observa em “conde/condessa”; ou (3) heteronímia, nos casos em que a diferença entre os dois gêneros ocorre por meio de vocábulos completamente diferentes, como se observa em “bode/cabra” (KEHDI, 1990).

Camara Jr. (1970) parte da premissa de que, nos nomes, o gênero condiciona uma oposição entre forma masculina e feminina, apresentando como flexão básica a adição do sufixo flexional “-a” com a supressão da vogal temática no singular, como em “lob(o)” + “-a” = “loba”. Nessa proposta, considera-se que os pronomes, de modo similar, apresentam essas mesmas flexões de gênero, de forma que “tanto para nomes como para pronomes, o mecanismo flexional é aí o mesmo” (CAMARA JR., 1970, p. 85). Por essa perspectiva, o gênero masculino caracteriza-se pela ausência da marca de feminino, visto que o gênero masculino é não marcado no português, assinalado por um morfema gramatical zero ( $\emptyset$ ) (CAMARA JR., 1970).

Por essa perspectiva, o gênero masculino é tido como gramaticalmente neutro, reconhecido como “termo genérico”, englobando em si os dois gêneros, enquanto o gênero feminino demarca apenas nomes que se encaixam na forma feminina. Desse modo, em “todos gostam de chocolate”, por exemplo, o pronome na forma masculina abrange nomes de gênero gramatical feminino e masculino. No entanto, se flexionado para o feminino, “todas”, a oração limita-se à referência de nomes do gênero feminino. Nesse sentido, o uso da forma masculina não invisibilizaria semanticamente nomes femininos, mas o contrário seria verdadeiro.

Kehdi (1990), por outro lado, argumenta contra a redução do processo flexional de gênero entre uma oposição “ø/-a”, indicando que a oposição ocorre entre “-o/-a”, tendo em vista a associação que se realiza entre “-o” e o gênero masculino. Nessa direção, poderia se afirmar que a desinência “-o” apresenta as variantes “ø” (como em “peru/perua” e “autor/autora”, por exemplo) e “u semivocálico” (como em “europeu/europeia” e “mau/má”, por exemplo) (KEHDI, 1990).

Do ponto de vista da gramática tradicional, Camara Jr. (1970) considera que a flexão de gênero é abordada de forma incoerente e confusa, pois é tratada como intimamente associada ao sexo dos seres e descrita sem a especificação de processos lexicais ou sintáticos capazes de indicar o sexo. De acordo com o autor, é necessário considerar que o gênero abrange todos os nomes em português, mesmo aqueles que não dizem respeito a seres sexuados, de modo que é impossível estabelecer uma relação entre gênero semântico e gramatical nesses casos. Ainda, considerando apenas os substantivos que se referem a seres sexuados como animais ou pessoas, há uma discrepância frequente entre gênero gramatical e sexo biológico. Como exemplo, Camara Jr. (1970) apresenta os nomes “testemunha” e “cônjuge”, que, apesar de pertencerem respectivamente ao gênero gramatical feminino e masculino, não possuem gênero semântico explícito, podendo se referir tanto a um sujeito de gênero feminino ou masculino. Assim, além da arbitrariedade do gênero de palavras que designam seres assexuados, haveria arbitrariedade também em relação a palavras que se referem a animais e pessoas, como os exemplos apresentados. Por essa perspectiva, o gênero pode ser entendido como uma distribuição em classe mórfica para os nomes da mesma forma que as conjugações são para os verbos, sendo classificado, portanto, como uma flexão (CAMARA JR., 1970).

Nessa direção, de acordo com Camara Jr. (1970), a oposição entre o feminino e o masculino não diz respeito necessariamente à diversidade de sexo biológico, e sim a certas qualidades semânticas não relacionadas a sexo/gênero que podem variar conforme o sufixo, como a palavra “barco” – a forma geral do substantivo – e “barca” – um barco grande. Assim,

é observada distinção do sexo por meio da marcação de gênero apenas em relação aos animais e às pessoas, como se observa em “urso/ursa” e em “menino/menina”, por exemplo.

Conforme o autor, o artigo também desempenha papel relevante para a especificação de gênero dos nomes que apresentam possibilidade de dois gêneros para marcação, mas não se caracterizam por possibilitar flexão, como ocorre em “artista”, “intérprete” e “mártir”, por exemplo (CAMARA JR., 1970). Nesses casos, a distinção de gênero ocorre por meio do artigo.

Outra questão que pode gerar diferentes interpretações na literatura sobre o tema relativo à marcação de gênero envolve a diferenciação entre desinência de gênero e vogais temáticas nominais. Estas são explicadas por Kehdi (1990) como vogais acrescentadas ao radical para constituir a base à qual são anexadas as desinências, caracterizando os temas, “-a”, “-e” e “-o”. Tendo em vista que “-a” e “-o” também podem desempenhar o papel de desinência, Kehdi (1990) diferencia tema de desinência tomando como base a função de exprimir mudança de gênero apresentada pelas desinências de gênero, como ocorre em “menino/menina”, pois “-o e -a temáticos não se associam necessariamente às noções de masculino e feminino” (KEHDI, 1990, p. 35). Nesse sentido, Kehdi (1990) explica que “-o” e “-a” em “livro” e “carta”, por exemplo, são consideradas vogais temáticas pois não apresentam possibilidade de realização como “livra” e “carto”<sup>4</sup>.

De um ponto de vista mais voltado para a norma gramatical, a questão acerca do gênero em língua portuguesa é abordada por Bechara (2009) a partir dos fundamentos que baseiam a distinção do gênero, de modo que o autor afirma que “[...] a distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos ‘lápiz’, ‘papel’, ‘tinteiro’, e femininos ‘caneta’, ‘folha’ e ‘tinta’” (BECHARA, 2009, p. 133). Nesse sentido, o gênero gramatical é considerado inconsistente pelo autor, uma vez que tende a variar conforme a língua, sendo atribuído de forma arbitrária.

No que tange aos adjetivos em específico, Bechara (2009) assume que a distinção de gênero para substantivos e adjetivos possui diferente valor referencial, pois o gênero modifica a referência no substantivo; mas, no adjetivo, designa sempre a mesma qualidade, não realizando nenhum tipo de acréscimo semântico. O gênero para adjetivos, portanto, estabeleceu-se devido à concordância sintática com o referente, caracterizando-o: um sujeito cujo gênero é

---

<sup>4</sup>A discussão que envolve as classificações de vogal temática e sufixo de gênero pode ser observada com mais detalhes nos trabalhos de Alcântara (2010) e Armelin (2014).

feminino requer que o adjetivo concorde em gênero com este, flexionando também para a forma feminina.

Por uma outra perspectiva, Cegalla (2008, p. 135-136) reconhece gênero como “a propriedade que as palavras têm de indicar o sexo real ou fictício dos seres”. Segundo o gramático, os substantivos que designam seres vivos apresentam uma correspondência entre gênero semântico e gênero gramatical, sendo convencionado o gênero dos nomes que designam seres inanimados. Assim sendo, é possível realizar uma distinção entre os substantivos e adjetivos cujo gênero gramatical condiz com o gênero semântico do referente, no caso de palavras que se referem a seres vivos sexuados, e aqueles cujo gênero gramatical é de natureza arbitrária, atribuídos a objetos ou coisas.

Considerando as diferentes perspectivas acerca do sufixo de gênero em português, ainda é possível constatar que existem nomes cujo gênero gramatical é de fato determinado por traços semânticos, como aponta Carvalho (2018). Para ilustrar esses casos, o autor toma como exemplo as palavras “manhã” e “pai” nas línguas portuguesa, francesa e russa, constatando que, nessas três línguas, a palavra “manhã”, substantivo que não se vincula a um gênero em particular, tem o gênero gramatical atribuído arbitrariamente, sendo feminino em português, masculino em francês e neutro em russo. No entanto, a palavra “pai”, semanticamente vinculada à figura masculina, constitui-se pelo gênero gramatical masculino nessas mesmas três línguas, “pois nomes que referem a entidades masculinas são (geralmente) masculinos em todas as línguas” (CARVALHO, 2018, p. 637). Assim, o autor assume que há duas dimensões para a atribuição de gênero: uma concorda com propriedades semânticas do mundo material e a outra é arbitrária.

Nessa direção, Carvalho (2013, p. 31) considera que há duas marcações de gênero passíveis de serem aplicadas a todos os nomes, “[...] mas apenas em um subconjunto de nomes, os que possuem o traço [+animado], [o] gênero gramatical pode ser associado a um gênero natural – macho/masculino e fêmea/feminino”. Nesse sentido, assume-se que, na atribuição de gênero a nomes de traço [-animado], a marca de gênero caracteriza-se como arbitrária. Levando em consideração que o morfema “-a” pode designar gênero, tornando a forma feminina, portanto, como a morfologicamente marcada, Carvalho (2013) explica a flexão de gênero para os nomes constituintes do subconjunto com traço [+animado] a partir da adjunção do morfema “-a” à base masculina, como em “professor/professor-a”; “peru/peru-a” (CARVALHO, 2013, p. 33).

A fim de explicar, de forma mais detalhada, a atribuição de gênero em português, considera-se relevante apresentar a explicação realizada por Carvalho (2013, p. 33-34):

Quando a base masculina termina com a vogal temática -o ou -e, a adjunção do morfema de gênero causa supressão da vogal temática, como em *menin-o/menin-a*, *mestr-e*, *mestr-a*. Para nomes derivados [+animados] em -(a)nte ou -ista, como *estudante*, *dent-ista*, da mesma forma que finais consonantais, como *refém*, a expressão morfológica do valor do traço de gênero opcional se restringe à flexão do determinante concordando com o nome (*o/a estudante*). Há, entretanto, um padrão co-relacionado entre a forma morfológica do nome e seu gênero. Por razões históricas, a maioria dos nomes terminados com a vogal temática -o são masculinos, enquanto a maioria dos nomes terminados com a vogal temática -a são femininos.

Também no que se refere a esse assunto, Schwindt (2018) considera a atribuição de gênero em português sistemática, passível de ser apreendida pelos falantes nativos da língua com grande margem de acerto. Para o pesquisador, essa habilidade diz respeito a um sistema de marcação que integra a competência linguística dos falantes, caracterizada pela capacidade de atribuição de gênero a palavras novas ou de origem estrangeira, bem como pela concordância nominal constituída por nomes de gênero feminino e masculino no plural. Exemplificando, Schwindt (2018) cita substantivos emprestados do inglês, que não possuem marca gramatical de gênero, como “link”, “scanner” e “mouse”, atentando para o modo como tais palavras foram assimiladas no português na classe de gênero masculina sem recomendação formal ou um acordo consciente realizado entre os falantes. Tal assimilação relaciona-se ao apontamento realizado por Camara Jr. (1970) de que, no português, o gênero tende a convergir para o masculino na ausência do feminino. Sendo essa uma tendência que compõe a competência linguística dos falantes, explica-se, portanto, a atribuição uniforme de gênero nas palavras da língua inglesa citadas.

Ainda, destaca-se que a atribuição de gênero pode basear-se na forma e/ou no significado das palavras, sendo que, no que se refere a significado, evidencia-se a relação entre palavra e sexo/gênero social do referente, e, no que diz respeito à forma, consideram-se fatores tais como a prevalência de vocábulos masculinos terminados em “o” e de femininos terminados em “a” (SCHWINDT, 2018). Por essa perspectiva, pode-se considerar que os falantes do português apresentam, ao atribuir gênero a uma palavra, um raciocínio linguístico que associa gênero gramatical a gênero semântico quando cabível e reconhece a estrutura da língua no que se refere ao sufixo de gênero, respeitando características estruturais, como a noção de que o gênero é marcado pela adição de uma vogal e a associação desta a um gênero específico.

Em síntese, pode-se considerar que o traço morfossintático referente a gênero na língua portuguesa é atribuído, na maioria dos nomes, de forma arbitrária, de modo que pode ser verificada uma motivação semântica no gênero gramatical apenas em casos específicos, como o exemplificado por Carvalho (2018). Segundo os dados apresentados por Schwindt (2020a) no que se refere à frequência de nomes de traço [+sexuado] (nos quais a marcação de gênero tende a ser semântica) no Dicionário Aurélio Eletrônico e no banco de dados do VARSUL, constatou-se que esses substantivos caracterizam minoria em LP; no entanto, o autor atenta para o fato de os nomes desse grupo serem compostos predominantemente por formas masculinas. Em outras palavras, observou-se que os substantivos caracterizados pelo traço [+sexuado] são, em sua maioria, do gênero masculino, o que poderia contribuir para a intuição de gênero masculino como dominante em português, conforme aponta Schwindt (2020a). De acordo com o autor, essa é uma impressão demonstrada, de maneira geral, pelos falantes nativos de LP, que pode ser explicada tendo em vista a saliência cognitiva do traço [+sexuado], o qual propicia uma percepção masculinizante da língua.

Em concordância com os dados apresentados por Schwindt (2020a) no que se refere a essa percepção da marcação masculina como privilegiada, o fato de o gênero masculino ser não marcado em LP, sendo empregado para a generalização no tratamento de ambos os sexos, vem suscitando questões acerca da predominância da forma de gênero masculino no português, o que poderia se relacionar de alguma maneira à predominância social da figura masculina. Considerando que o gênero masculino como generalizador é frequente na grande maioria das línguas que adotam marcação de gênero (CORBETT, 1991; LAKOFF, 1984 *apud* MÄDER, 2015), estudos da área da linguagem têm questionado o emprego e as origens do masculino genérico, sendo exemplos nesse âmbito os trabalhos de Mäder (2015) e Caldas-Coulthard (2007), voltados para a análise das implicações sociais e políticas no uso da linguagem, tais como o sexismo gramatical e a exclusão e a invisibilidade linguística.

Nessa linha, com o objetivo de descrever e analisar as causas do masculino genérico, Mäder (2015, p. 83) propõe um estudo acerca desse fenômeno, definindo-o como “o uso do gênero gramatical masculino para denotar gênero humano”. Sua causa, conforme estipula o autor, estaria relacionada à falta de um recurso gramatical específico para a devida referência ao gênero humano, considerando que apenas a flexão de gênero em um sistema linguístico binário se mostra insuficiente para tal. Por consequência, o masculino é adotado como forma geral por faltar à língua um mecanismo, seja morfológico ou sintático, capaz de comportar o

ser humano de modo inclusivo, independente de gênero, dado que, como Mäder (2015, p. 22) aponta:

[...] nem sempre o masculino permite uma interpretação genérica, ou permite tanto uma interpretação genérica quanto uma específica (de acordo com a intenção de quem profere o enunciado), e mesmo quando aparentemente possibilita uma interpretação genérica, esta tende para o masculino específico.

Segundo o autor, o masculino genérico manifesta-se na língua portuguesa em casos nos quais há o emprego de nomes masculinos para a referência de indivíduos de gênero não especificado ou irrelevante, bem como na tendência de se realizar a concordância de gênero no masculino em sujeitos coordenados ou no uso de pronomes indefinidos.

Partindo, portanto, da premissa de que o masculino genérico não é suficiente para a denotação do gênero humano, Mäder associa a flexão masculina a um sexismo linguístico perpetuado na história, cujas origens relacionam-se à motivação por trás do masculino como gênero não marcado em detrimento do feminino, uma vez que essa é uma escolha que se repete em várias línguas. Como o autor explica:

Se não houvesse relação alguma entre a preponderância de um gênero gramatical sobre o outro na denotação do gênero humano e o predomínio do gênero masculino nas relações humanas, seria esperado que tanto o masculino quanto o feminino fossem utilizados para denotar o gênero humano (digamos, em aproximadamente metade das línguas seria utilizado o masculino, e na outra metade o feminino). No entanto, na grande maioria das línguas é o masculino que desempenha essa função, o que é um fato intrigante do ponto de vista estatístico, mas perfeitamente esperado se relacionarmos a predominância do masculino na gramática com a predominância do masculino nas relações humanas. (MÄDER, 2015, p. 100).

A recorrência do masculino não marcado na maioria das línguas suscita dúvidas acerca das origens da categoria de gênero, posto que a escolha do masculino como categoria não marcada é tomada como algo aleatório, sem “nenhuma significação social ou política”, como aponta Caldas-Coulthard (2007, p. 238). Sendo assim, não se justifica o fato de haver muitas línguas com o masculino generalizado e poucas com o feminino generalizado. A hipótese, portanto, é a de que há, de fato, motivações sociais, políticas e/ou culturais para a adoção do masculino genérico. Sobre isso, Caldas-Coulthard (2007) argumenta que há evidências de que, em certas construções frasais do inglês, a forma não marcada até o século XVII era “they” (neutra), sendo modificada para “he” (masculina) no século XVIII devido à

gramática prescritiva sob o argumento de que o masculino genérico seria mais “natural” e “próprio” à língua (CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 238).

No que se refere à língua francesa, Mäder (2015) lembra que, antes da noção de masculino não marcado ser utilizada pela comunidade científica, a defesa do masculino genérico baseava-se no conceito de nobreza, visto que o masculino era aceito como o “gênero mais nobre” (MÄDER, 2015, p. 100) por gramáticos como Claude Favre Vaugelas, da primeira metade do século XVII. A atribuição do valor de nobreza ao gênero, nesse sentido, associa-se a noções extralinguísticas, de ordem social e cultural da época, presentes nas normas gramaticais discutidas e consolidadas por homens. Assim, a reflexão proposta na pesquisa de Mäder volta-se para as formas de sexismo implícitas na frequência do masculino genérico em tantas línguas, mais recentemente mantidas sob o argumento de gênero não marcado.

Tratando da inclusão de nomes na forma feminina em casos nos quais o genérico masculino é recorrente, Caldas-Coulthard (2007, p. 238) apresenta em sua pesquisa a questão da invisibilidade feminina, considerando que as escolhas gramaticais “podem ser manipuladas de acordo com determinadas ideologias”. Para a pesquisadora, o problema recai sobre como deveria ser feita a referência de um grupo misto de pessoas, tendo em vista que a configuração linguística do português prevê a escolha de um gênero específico para tal.

A fim de testar a invisibilidade linguística, Caldas-Coulthard (2007) selecionou pessoas do meio acadêmico, falantes do português que, supostamente, já teriam adotado na escrita meios para a inclusão do gênero feminino e as questionou sobre o uso do masculino genérico, obtendo, em sua maioria, respostas que apresentavam pouca preocupação com o uso de uma linguagem mais inclusiva. Segundo a autora, com a exceção de um homem, todos os questionados do gênero masculino admitiram utilizar apenas referência masculina ao se dirigirem a um grupo heterogêneo de pessoas. Quanto às mulheres, foi constatado que metade busca utilizar formas compostas, que incluam o feminino e o masculino, mas apresenta dúvidas acerca de como.

Para Caldas-Coulthard (2007), a referência genérica precisa ser reavaliada e contestada para se viabilizar inclusão. Nesse sentido, conclui-se que “muito ainda tem de ser feito em relação às formas de representação de grupos minoritários” (CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 243), sendo a conscientização uma das chaves para a mudança social.

Nesta subseção, foram apresentados estudos sobre o funcionamento do sufixo de gênero em LP e problematizações que a classificação suscita na língua, principalmente no que se refere

ao masculino genérico. Buscou-se, de forma geral, identificar os pontos mais relevantes acerca do tema, constatando-se que: (1) a língua portuguesa é dotada de dois gêneros, atribuídos de forma abstrata a nomes que caracterizam objetos não animados e de forma semântica a nomes que caracterizam seres sexuados; e (2) a interpretação do masculino como gênero não marcado (masculino genérico) pode tender ao masculino específico na referência de pessoas, mostrando-se ineficiente para a referência a um grupo de sujeitos cujo gênero é indeterminado ou variado.

Em relação ao fenômeno de neutralização de gênero em português, enfatizam-se dois aspectos apresentados neste capítulo, elementares para a compreensão acerca dos fatores que motivam o emprego do gênero neutro, sendo eles a noção de masculino como gênero não-marcado, baseada em abordagens estruturalistas, como a de Camara Jr. (1970), e a saliência cognitiva relacionada a palavras sexuadas, conforme discute Schwindt (2020a). O masculino como gênero não-marcado, utilizado em referência genérica, é empregado devido à falta de um recurso gramatical capaz de contemplar ao gênero humano, mostrando-se insuficiente para tal, uma vez que pode tender a interpretações específicas, de modo a invisibilizar outros gêneros (MÄDER, 2015). Já o grupo de palavras do português de traço [+sexuado], embora conte com um número pequeno de palavras, é formado predominantemente por formas masculinas, o que contribui para a impressão de que o gênero masculino é dominante em português, tendo em vista a saliência cognitiva relacionada a palavras sexuadas (SCHWINDT, 2020a).

Esses aspectos relacionados à marcação de gênero contribuem para a percepção de que o gênero masculino é predominante no português, podendo ser associados, por uma perspectiva que contemple os valores simbólicos assumidos pela linguagem em uso, à predominância da figura masculina também no meio social. Como recurso de expressão ideológica, o emprego do gênero neutro representa uma posição contrária aos valores implícitos no uso do gênero masculino, de modo que os aspectos aqui discutidos contribuem para a compreensão acerca dos motivos pelos quais indivíduos de identidade de gênero não-binária, de forma geral, não adotam o gênero masculino, apesar deste ser morfologicamente neutro.

Esse tema será discutido com mais detalhes na próxima seção, voltada para o tema de neutralização de gênero.

## 2.2. NEUTRALIZAÇÃO DE GÊNERO

Esta seção tem por objetivo tratar de questões referentes à marcação de gênero neutro, bem como à comunidade que a utiliza. Buscou-se, para tanto, trazer para a discussão estudos que contribuam para o entendimento acerca do que é gênero, como as pessoas de identidade de gênero não-binária o compreendem e qual a relação entre o emprego do gênero neutro e essa comunidade. Levando em conta esses objetivos, a seção foi dividida em duas partes, sendo a primeira voltada para questões acerca dos conceitos de identidade de gênero e não-binariedade, e a segunda para as características e o funcionamento das alternativas utilizadas para a neutralização de gênero.

### 2.2.1. Identidade de Gênero Não-binária

Para compreender concepções relevantes acerca da identidade de gênero não-binária, considera-se necessário, em um primeiro momento, abordar noções relativas ao que é gênero: como este se delimita e é, por meio da cultura ocidental, associado a certos comportamentos e atitudes que não se relacionam a sexo biológico, mas sim a papéis a serem desempenhados.

Para Simone de Beauvoir (1967, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A expressão “tornar-se mulher” implica um processo: uma formação determinada pelo meio social, como explica Beauvoir ao tratar sobre o desenvolvimento da feminilidade na mulher. Conforme a autora, “[...] é um erro pretender que [a feminilidade] se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p. 21). Por essa perspectiva, assume-se que, do mesmo modo que se torna mulher, ou seja, aprende-se a desempenhar certas características e papéis associados ao gênero feminino, é possível tornar-se homem ou ainda tornar-se alguém além do que estabelece o espectro binário, visto que a noção de gênero se baseia em uma construção social que, muito além de fatores biológicos, trata de comportamentos e características culturais. Semelhante à colocação de Beauvoir, gênero é compreendido por West e Zimmerman (1987) como um comportamento adquirido na infância e reproduzido durante a vida. Nesse sentido, gênero é algo que nós praticamos e que reforça diferenças em nada relacionadas à biologia, compreendido pelos autores como um meio de legitimar divisões sociais e culturais.

Eckert e McConnell-Ginet (2013) tratam dessas divisões, explicando como a construção de gênero se dá desde o ato de nomear o bebê com um nome que é ou “de menino” ou “de

menina” até a escolha das roupas, dos brinquedos e das atividades as quais a criança deve praticar. Conforme cresce, esta aprenderá a, de fato, ser um menino ou uma menina, reproduzindo determinados comportamentos e costumes conforme os adultos lhe ensinarem. O gênero é, nesse sentido, uma espécie de elaboração social do sexo biológico, estabelecida por meio de uma associação entre fatores comportamentais e biológicos que se realiza por convenção social (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013). O gênero, então, é um ato colaborativo: a criança aprende a performar determinado gênero e o meio no qual esta está inserida apoia essa performance. Em outras palavras, pode-se dizer que a criança aprende a ser menino ou menina (e conseqüentemente homem ou mulher) conforme normas sociais ensinadas pelos adultos, o que faz com que, como Eckert e McConnell-Ginet (2013) explicam, meninos e meninas aprendam, ao aderir certos comportamentos, a ser diferentes.

Essas normas comportamentais ensinadas às crianças e reproduzidas amplamente na sociedade associam-se ao que Bernini (2011) chama de “sistema binário sexual”: a concepção normalizada de que o gênero, o sexo biológico e a orientação sexual restringem-se ao campo binário e heteronormativo. Conforme o autor, o sistema binário sexual é uma espécie de operador lógico que constitui a noção de identidade sexual das sociedades ocidentais, o qual impõe dois polos para o sexo<sup>5</sup> (macho ou fêmea do ponto de vista biológico), para o gênero (homem ou mulher do ponto de vista social) e para a orientação sexual (heteronormatividade do ponto de vista sexual). No meio social, a normalização dessa dicotomia entre feminino e masculino nos âmbitos descritos acima pode implicar na renúncia de sujeitos cujas identidades se afastam do sistema binário sexual. Essa perspectiva binária é intrínseca à visão de mundo moderna e à forma de pensar questões relativas à sexualidade, o que tem como consequência, conforme aponta Bernini (2011, p. 20), “uma hierarquia machista e heterossexista que atribui aos homens heterossexuais o status de identidade majoritária, e às outras identidades resultantes da composição desses termos [...] o status de minorias morais”. Conseqüentemente, identidades de gênero que não se limitam a uma noção binária estão situadas em uma posição marginalizada, passíveis à repressão e/ou ao estranhamento social por diferirem do padrão estabelecido pelo sistema binário sexual.

---

<sup>5</sup> Sobre esse tema, considera-se pertinente a menção ao movimento “intersex”, o qual contempla pessoas que nasceram com órgãos reprodutivos não correspondentes ao sexo feminino nem ao masculino. Pino (2007) explica que a experiência intersex é um exemplo da restrição das identidades de gênero ao binarismo, tendo em vista que esses sujeitos costumam a ser submetidos a intervenções corporais médicas (cirúrgicas e/ou hormonais) que têm como objetivo encaixá-los nas categorias binárias de sexo.

Pesquisas e estudos que visam a questionar o sistema binário sexual como abordado por Bernini são recentes, destacando-se, nesse assunto, a crítica à noção dicotômica entre os gêneros feminino e masculino apresentada por Butler (2003). Conforme a autora, partindo do pressuposto de que o gênero é uma construção social, não se sustenta o pensamento de que este é um resultado ou uma consequência direta do sexo biológico, uma vez que a construção do que seria “homem” não deriva necessariamente de corpos biologicamente masculinos, bem como a construção do que seria “mulher” não deriva necessariamente de corpos biologicamente femininos. Nesse sentido, não haveria motivo para presumir que há apenas dois gêneros, posto que não se compreende gênero como algo dependente ou restrito a determinado sexo. Segundo Butler (2003, p. 24-25):

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (grifos da autora)

Por essa perspectiva, Butler (2003, p. 59) estabelece gênero como a “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância de uma classe natural de ser”. Ao se estabelecer que gênero é uma espécie de performance – um ato que caracteriza a construção de uma identidade –, concebe-se que práticas que transpassem a noção binária de feminino e masculino podem, então, ressignificar o que se conhece por gênero, visto que a própria concepção acerca do que caracteriza determinado gênero está em um constante processo de construção, sobre o qual, conforme aponta Butler, não se é possível determinar o início ou o fim. Pode-se considerar gênero, portanto, como um conjunto de ações contínuas, associadas ao meio social e independentes de sexo biológico, através das quais o sujeito se estabelece como indivíduo e apresenta a própria identidade.

Com base no que foi até então apresentado, tem-se em vista que “gênero não-binário” surge como um termo guarda-chuva, utilizado de forma a contemplar indivíduos cujas identidades não se definem totalmente como femininas ou masculinas. Nesse sentido, a identidade de gênero não-binária, também referida como “genderqueer”, abrange indivíduos que não se identificam inteiramente nem como mulher nem como homem, podendo se referir a sujeitos que compreendem o próprio gênero em um espectro entre o masculino e o feminino, bem como àqueles cujo gênero não se encaixa nessa dicotomia (CORWIN, 2009).

Tomando a definição de transgênero de Bernini (2011, p. 34), que se refere a pessoas “que se identificam com o gênero oposto ao sexo do nascimento”, bem como aquelas “que ao longo da vida têm experimentado diferentes papéis de gênero”, observa-se que a categoria é ampla e pode incluir sujeitos de identidade de gênero não-binária. Conforme explicam Reis e Pinho (2016, p. 14), os gêneros incluídos no espectro não-binário transgridem a “imposição social dada no nascimento, ultrapassam os limites dos polos [feminino e masculino] e se fixam ou fluem em diversos pontos da linha que os liga”. Indivíduos contemplados pela identidade de gênero não-binária, desse modo, “não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas [...] irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações” (REIS; PINHO, 2016, p. 14).

Para maior aprofundamento acerca do tema, foi feita a seleção de pesquisas que buscam investigar identidades de gênero não-binárias, abordando como se definem e organizam identidades que transpassam o espectro da binariedade. Não foram localizadas pesquisas dessa natureza em língua portuguesa, por isso é importante atentar, em relação aos trabalhos apresentados a seguir, que os sujeitos descritos se encontram em um contexto diferente do contexto brasileiro, tanto no que se refere à sociedade quanto no que se refere à língua e ao modo como são realizadas estratégias de neutralização de gênero gramaticalmente, tendo em vista que, em português, há marcação morfológica de gênero, mas no inglês não. Em outras palavras, a neutralização de pronomes como “they” em inglês tem dimensões diferentes do que a neutralização por “-e” ou a adoção de pronomes como “elu” ou “ile” em português, por exemplo. Esse assunto será retomado na seção seguinte, denominada “Marcação de gênero neutro”.

Tratando-se das pesquisas, Galupo et al. (2017), a fim de investigar a concepção de identidade de gênero de indivíduos que se identificam no espectro de gênero não-binário, propõem uma pesquisa quantitativa com 197 sujeitos, em sua maioria (73,6%) oriundos dos Estados Unidos, cujas identidades de gênero não se caracterizam como binárias, sendo separadas nas categorias “gênero variável” e “agênero”. Os participantes, adultos entre 18 e 70 anos de idade, responderam a duas questões por meio de uma enquete online: a primeira referente à designação que eles atribuíam à própria identidade de gênero e a segunda relacionada a como tal identidade poderia ser descrita.

No que se refere às designações, foi recorrente nas respostas dos sujeitos o uso de múltiplos termos para a referência da identidade de gênero. Conforme exemplificam os autores,

um participante respondeu a essa questão da seguinte forma (GALUPO et al., 2017, p. 168): “Eu uso as palavras gênero-queer, gênero fluido, trans, transgênero, gênero não-conforme e ocasionalmente transmasculino para referência própria”<sup>6</sup>. Os pesquisadores dividiram as designações utilizadas pelos sujeitos em cinco grupos: (1) designações que usam termos binários, (2) designações que usam termos não-binários, (3) designações que usam termos que expressam fluidez, (4) designações que usam termos agêneros e (5) designações que usam termos trans. Foi constatado que os sujeitos da categoria “gênero variável” utilizaram mais termos do grupo “não-binário” (principalmente “genderqueer”, que teve 37 ocorrências, e “não-binário”, com 19 ocorrências) e do grupo “fluido” (o termo “gênero fluido” teve 32 ocorrências), enquanto os sujeitos da categoria “agênero” utilizaram mais termos dos grupos “agênero” e “não-binário”.

Em relação à descrição da identidade de gênero, os pesquisadores observaram que os termos binários foram utilizados para a caracterização de identidades que ou não se encaixavam totalmente nem no masculino nem no feminino ou se definiam por ser uma mistura de ambos. Também foram registradas descrições relativas à propriedade fluida do gênero, caracterizada pela constante mudança da identidade de gênero, à não-binariedade, caracterizada pela rejeição do uso de termos binários e da conceitualização tradicional de gênero, e à falta de gênero, caracterizada pela independência da identidade no que se refere à noção de gênero (GALUPO et al., 2017). Exemplos das descrições elaboradas pelos participantes, seguidas pelos termos utilizados para a designação da identidade destes em parênteses, podem ser observados a seguir (GALUPO et al., 2017, p. 172-173): “Eu estou além dos gêneros binários e não me identifico nem como mulher nem como homem (gênero-queer/não-binário)”; “No fim, eu sinto que a categorização de gênero é absurda e que minha identidade não é modificada por um gênero, portanto me considero agênero (gênero-queer/agênero/gênero não-conforme)”<sup>7</sup>. As respostas observadas, segundo Galupo et al. (2017), demonstram que a variedade de designações adotadas para a realização de uma definição mais precisa da identidade de gênero não pode ser contemplada em conceitualizações simplificadas, tais quais “homem”, “mulher”, “nenhum dos dois” ou “ambos”, dadas as complexidades que caracterizam a identidade de gênero de um indivíduo.

---

<sup>6</sup> Tradução minha. No original em inglês: “I use the words gender-queer, gender fluid, trans, transgender, gender non-conforming, and occasionally transmasculine to refer to myself”.

<sup>7</sup> Tradução minha. No original em inglês: “I am beyond the binary gender and do not identify as either female or male (genderqueer/non binary)” e “In the end I feel that categorization by gender is absurd and my identity is not modified by gender. Hence non-gendered or agender (genderqueer/non-gendered/gender non-conforming)”.

Em uma outra pesquisa sobre o tema, Elliott (2017) apresenta uma entrevista com quatro alunos da Universidade de Montfort, em Leicester, Inglaterra, que se consideravam contemplados pela identidade de gênero não-binária. As entrevistas, de duração de 15 a 22 minutos, foram conduzidas a partir de perguntas pré-elaboradas, de resposta livre, e tiveram como propósito tratar de detalhes relevantes sobre identidade, opiniões e experiências dos entrevistados.

Sobre questões referentes à identidade, os quatro sujeitos, pertencentes à categoria não-binária de gênero, identificaram-se de formas diferentes, sendo elas: “gênero não-binário”, “gênero fluido”, “demi-boy” e “gênero neutro”. De acordo com Elliott (2017), a variedade de perfis descritos pelos participantes demonstra a abundância de identidades que constitui o espectro não-binário, considerado pela autora e pelos participantes da pesquisa como um termo guarda-chuva. Foram notadas pela pesquisadora duas formas de explicar a identidade de gênero não-binária adotadas pelos entrevistados: a primeira incorpora concepções do gênero feminino e do masculino para a constituição da expressão de gênero, descritas pelos participantes 1 e 2 na medida em que ambas as concepções de gênero apresentam elementos constituintes de suas identidades. Conforme explica Elliott (2017), a noção de se identificar parcialmente tanto com o feminino quanto com o masculino (porém não inteiramente com nenhum) é a chave para a descrição da identidade desses sujeitos. A segunda forma de explicar a identidade de gênero não-binária foi adotada pelo sujeito 4, cuja identidade fora especificada como gênero neutro, pois se descreveu como completamente fora da caracterização de gênero, o que significa que a identidade desse participante transcende ao espectro de gênero, dado que não é possível categorizá-la.

Apesar da variedade de identidades descritas pelos entrevistados, foi unânime a preferência pelo uso dos pronomes neutros (“they”, “them” e “theirs”), além de recorrente o tópico sobre uso incorreto de pronomes quando outras pessoas se referiam a eles. Conforme Elliott (2017), os participantes relacionam o uso incorreto dos pronomes à predisposição que as pessoas teriam de encaixá-los nas categorias binárias de gênero baseadas na aparência física.

Também foi observado pela pesquisadora que (1) a maioria dos participantes (3/4) ocultou por algum tempo a própria identidade da família e de amigos; (2) metade dos participantes identificou rejeição no meio familiar; (3) todos os participantes identificaram falta de aceitação e de entendimento no meio social de forma geral; (4) metade dos participantes, apesar de considerar a comunidade LGBTQIA+ mais receptiva do que a sociedade de forma geral, identificou falta de conhecimento acerca da identidade não-binária e insensibilidade

dentro da comunidade LGBTQIA+; e (5) todos os participantes acessaram/têm o costume de acessar plataformas online cujo conteúdo se volta para a temática de identidade de gênero não-binária. Além disso, foram apontados pelos participantes problemas referentes à identidade de gênero não-binário, como a falta de representatividade do gênero não-binário na grande mídia (o que afetaria o conhecimento do público geral acerca do tema, bem como o conhecimento das pessoas de identidade não-binária sobre a própria identidade) e a discriminação nos meios de serviço público, tais como saúde e educação.

Xie (2015), em uma proposta um pouco diferente, busca examinar de que forma o meio digital e a internet atuam na construção da identidade não-binária. Conforme a autora explica, redes sociais como o Tumblr<sup>8</sup> contam com a participação ativa de grupos em situações marginalizadas, o que fez com que uma quantidade significativa de jovens queers e de identidade de gênero não-binária se organizassem em comunidades nesse ambiente, ocasionando um novo tipo de discurso transgênero. De acordo com Xie (2015, p. 2), “ao definir e negociar os limites de sua identidade de gênero, a juventude não-binária parece mais focada em questionar a atual concepção social de gênero [...]”<sup>9</sup>. Nesse sentido, Xie (2015) observou diferentes recursos empregados pelos usuários de identidade de gênero não-binária no Tumblr para a definição de suas identidades.

Foi selecionado como corpus dessa pesquisa postagens da rede social Tumblr que continham tags relacionadas à não-binariedade de gênero (como “#nonbinary”, “#agender”, “#queer” etc), de modo que foi composto um corpus contendo mais de uma centena de postagens voltadas para a discussão acerca da identidade de gênero não-binária. Xie (2015) dividiu essas postagens em três categorias, denominadas “termos novos de gênero”, “termos fantásticos de gênero” e “termos nulos de gênero”<sup>10</sup>.

Os termos novos de gênero observados por Xie (2015) caracterizavam-se pelo uso de uma terminologia trans utilizada de modo semelhante aos termos referentes aos gêneros binários, como “genderqueer”, “transmasculino”, “não-binário”, “demi-girl”, sendo compostos pela combinação de termos já existentes no âmbito de gênero, como “garoto”, “feminino” ou

---

<sup>8</sup> O Tumblr é uma plataforma digital de *blogging* lançada em 2007, por meio da qual é possível publicar textos, imagens, vídeo, links, citações, áudio e diálogos.

<sup>9</sup> Tradução minha. No original em inglês: “In defining and negotiating the bounds of their nonconventional gender identity, the nonbinary youth appear to be focused more on questioning the current social conception of gender [...]”.

<sup>10</sup> Tradução minha. No original em inglês as categorias são denominadas: “new gender terms”, “fantastic gender terms” e “null gender terms”.

“cara”, com a adição de prefixos que constituíram novos termos derivados. Esses termos, conforme Xie (2015), oferecem aos usuários uma forma destes reivindicarem suas próprias identidades de gênero, permitindo a organização e o estabelecimento de espaços e comunidades não-binárias online.

Em relação aos termos fantásticos de gênero, Xie (2015) observou estratégias muito particulares ao indivíduo para a explicação de identidades de gênero, ao contrário das apresentadas anteriormente na categoria de termos de gêneros novos, que podem ser utilizadas em certa medida para generalizar identidades. Esses termos fantásticos compõem-se de componentes literários, culturais e narrativos para criar frases contraditórias, repletas de significados não concretos e ambíguos, referindo-se a identidades que não se conformam completamente com nenhum de seus componentes. Exemplos de identidades descritas dessa forma podem ser “pequeno garoto bruxo”, “garoto princesa” e “garoto anime robô”<sup>11</sup> (XIE, 2015, p. 25), de modo que é adicionada a uma palavra com gênero explícito, que não é utilizada de forma convencional para a descrição de um gênero (como “bruxa”, “rainha”, “príncipe” etc.), algum termo com gênero diferente (como “garoto” ou “garota”).

Nesse sentido, Xie (2015, p. 25) explica que:

Quando um usuário se autodenomina “pequeno garoto bruxo”, sua escolha de linguagem evoca vários significados simultaneamente. “Bruxa” é um termo de gênero fortemente marcado para “feminino”, mas a produção da palavra também deriva significados históricos [...], carregando conotações de ocultismo, malignidade e misticismo - o usuário está se marcando como feminino, mas também como de outro mundo e pagão. “Garoto” opera em um nível mais simples, na medida em que está mais claramente associado ao gênero, porém a escolha deliberada de “garoto” em vez de “homem” ou “masculino” representa não apenas a imaturidade da juventude, mas também o apego histórico à noção de “garoto” - imprudência, potencial e dominância. Ao modificar o termo “garoto” adicionando “bruxa”, o usuário sugere que seu gênero é contraditório e impossível de entender, ao mesmo tempo que sugere um aspecto sobrenatural e não humano de sua identidade.<sup>12</sup>

A utilização dessas metáforas para referência à própria identidade pode ser compreendida como uma forma temporária e pessoal de explicar gênero na rede social,

<sup>11</sup> Tradução minha. No original em inglês, os termos são: “small witch boy”, “boy princess” e “anime robot boy”.

<sup>12</sup> Tradução minha. No original em inglês: “When a user calls themselves a “small witch boy”, their language choice evokes several meanings simultaneously. “Witch” is a strongly gendered term marked for ‘female’, but the production of the word also derives meaning from the history of the word [...], carrying connotations of the occult, malignancy, and mysticism - the user is marking themselves as female, but also as otherworldly and pagan. “Boy” operates on a simpler level, in that it is more clearly associated with gender, however the deliberate choice of ‘boy’ over ‘man’ or ‘male’ connotes not only the immaturity of youth, but also the historical attachment to ‘boy’ - recklessness, potential, and dominance. By modifying ‘boy’ with ‘witch’, the user suggests that their gender is contradictory and impossible to understand, while simultaneously suggesting an otherworldly, non-human aspect of their identity.”

refletindo a percepção de gênero do sujeito naquele dado momento. Conforme Xie (2015), essas definições fantásticas de gênero não são socialmente tão produtivas e objetivas quanto os novos termos de gênero, apresentados anteriormente, mas permitem, dentro do grupo de pessoas de identidade de gênero não-binária, uma interpretação da identidade de gênero com mais nuances e mais individualizada, desempenhando assim um papel único na interação online da comunidade.

Por fim, a terceira categoria de termos observadas por Xie (2015) nas discussões voltadas para identidade e não-binariedade de gênero refere-se aos termos nulos de gênero: formas abstratas de definição de gênero, utilizadas para expressar frustração em relação a aspectos da narrativa dominante de gênero, que associa determinadas características aos polos feminino ou masculino. Esses termos nulos têm como propósito a negação do gênero, descrevendo uma imagem ou ideia que não diz nada sobre a identidade de gênero do indivíduo. Exemplos dessa categoria foram definidos por Xie (2015) como “sem limites”, considerando que qualquer coisa pode ser tratada de forma a descrever um gênero nulo, até uma negação como “não”. Xie (2015, p. 29) apresenta como exemplo o seguinte diálogo, observado em um blog do Tumblr:

- (1) – em que direção você é transgênero?  
 – eu sou transgênero principalmente ao nordeste<sup>13</sup>

Em (1), a pergunta do primeiro usuário é feita no sentido de questionar em qual espectro o gênero do segundo usuário se situa, se mais alinhado ao feminino ou ao masculino; no entanto, a resposta do segundo usuário se refere a uma direção cardinal, e não ao espectro de gênero. Para Xie (2015), a utilização de termos referentes a “gênero nulo”, como o exemplificado na resposta em (1), é uma estratégia adotada por pessoas de identidade de gênero não-binária para resistir às concepções pré-estabelecidas sobre gênero, de modo a expressar como essas concepções não afetam suas identidades.

Em síntese, Xie (2015) admite que todas essas formas de expressão de identidade de gênero são modos que pessoas de gênero não-binário encontram para tratar de suas experiências com gênero, criando um ambiente virtual (no caso o Tumblr), no qual é possível promover

---

<sup>13</sup> Tradução minha. No original em inglês, o diálogo é: “which direction r u transgender?”; “I mostly transgend to the northeast”.

discussões e suporte aos membros da comunidade LGBTQIA+. Nesse espaço, foi constatado que usuários de identidade de gênero não-binária oferecem suporte uns aos outros, tratando de questões voltadas para inseguranças e legitimidade de suas identidades como na postagem exemplificada a seguir (XIE, 2015, p. 33): “há algum tempo eu sinto que sou não-binário, mas estou preocupado que, se eu contar às pessoas, elas pensarão que estou me rotulando por atenção, especialmente porque não sou disfórico, e a maneira como me visto não é o que elas pensam que ser não-binário é”<sup>14</sup>. De acordo com Xie (2015), esse é um exemplo de um problema social material, de modo que a pessoa que fez essa postagem está em um contexto de contrariedade em relação à legitimidade da própria identidade de gênero, pois se preocupa com a opinião de pessoas fora da rede social, sendo o Tumblr, nesse contexto, um ambiente relativamente seguro para tratar de tais temas.

Essa seção objetivou tratar de questões relativas à comunidade de gênero não-binária, priorizando delimitar o que é gênero e como o gênero pode ser compreendido por esse grupo. No Brasil, mais especificamente, foi encontrado um menor número de trabalhos com enfoque no tema de não-binariedade de gênero; no entanto, notou-se a presença desse assunto em trabalhos de áreas diversas<sup>15</sup>.

Para as discussões abordadas nos capítulos que seguem, considera-se relevante a noção de “sistema binário sexual”, conforme entendida por Bernini (2011), que se refere à concepção normalizada de que gênero, bem como sexo biológico e orientação sexual, restringem-se à binariedade e heteronormatividade. Essa perspectiva socialmente convencionalizada implica em uma hierarquia de identidades, que atribui aos homens heterossexuais status superior àqueles que se caracterizam por possuir corpos, identidades e sexualidades que diferem do padrão estabelecido. Essa reflexão vai ao encontro dos apontamentos realizados ao fim da seção Sufixo de gênero, na qual são apresentados aspectos linguísticos que são associados simbolicamente à figura masculina como predominante (a saber, o gênero masculino como não marcado morfologicamente e a saliência cognitiva de nomes sexuais). Nesse sentido, pode-se considerar que, como minoria moral, os indivíduos de identidade de gênero não-binária criam, por meio da linguagem, recursos simbólicos que demarcam oposição aos valores relativos ao sistema binário sexual.

---

<sup>14</sup> Tradução minha. No original em inglês: “For a while now I've felt like I'm nb but I'm worried that if I tell people, they'll just think I'm labeling myself for attention, especially since I'm not dysphoric and the way I dress is not what they think being nb is.”

<sup>15</sup> São exemplos os trabalhos de Carvalho (2017), na área do direito, o de Vieira (2015), na área da saúde coletiva, os de Reis e Castro (2019) e Castro e Reis (2017), na área da educação, e o de Henn e Dias (2019), no jornalismo.

Também considera-se importante enfatizar o trabalho de Xie (2015), que observou no Tumblr um espaço para expressão de identidades não-binárias e de suporte mútuo, por meio do qual pessoas não-binárias puderam promover discussões relativas à questão de identidade de gênero. Nesse caso, há uma relação entre o espaço virtual do Tumblr e o espaço fora da rede social, sendo o primeiro uma espécie de ambiente seguro no qual as pessoas podem tratar de assuntos que concernem ao segundo, como inseguranças e legitimidade em relação à própria identidade de gênero. Tendo em vista o contexto dessa pesquisa, considera-se que o Twitter pode exercer um papel semelhante ao observado por Xie (2015) em relação ao Tumblr, sendo um espaço onde identidades não-binárias interagem e dialogam.

A seguir, é proposto um panorama acerca de como as línguas têm se modificado para abarcar indivíduos de identidade de gênero não-binária, sendo foco da seção o funcionamento de estratégias de neutralização de gênero no PB.

#### 2.2.2. Marcação de Gênero Neutro

Nas seções anteriores, foram apresentadas noções essenciais para a compreensão da problemática que envolve a marcação de gênero neutro, cujo uso se sustenta principalmente devido à insuficiência do masculino genérico para a inclusão de indivíduos que não se identificam com o gênero masculino. Retomando a discussão proposta por Mäder (2015) sobre masculino genérico e sexismo gramatical, considera-se que “o conceito de gênero ‘não marcado’ não é nem suficiente e nem adequado para explicar o uso do masculino genérico, pois não é mais do que uma descrição circular carente de poder explanatório” (MÄDER, 2015, p. 145). Como Mäder (2015) demonstra ao longo de sua pesquisa, é possível constatar traços sexistas no estabelecimento do masculino como gênero não marcado, reflexo de uma posição prestigiada do homem nos âmbitos cultural e social.

Também é relevante retomar o problema apresentado por Bernini (2011), referente à noção binária de gênero tomada por padrão nas sociedades ocidentais, nas quais o maior privilegiado é o homem. Sujeitos cuja identidade de gênero não se encaixa no masculino nem no feminino, bem como mulheres e a comunidade LGBTQIA+ de forma geral, são vistos como minorias morais nessas sociedades. Considera-se que a redefinição dos valores que delimitam essas minorias em um processo de ressignificação social requer discussão acerca dos modelos tomados por padrão na sociedade (BERNINI, 2011), responsáveis pela visão de mundo que

provoca a discriminação de indivíduos situados à margem. Para tal, “a própria maioria deverá então pôr em questão os modelos *standard* que lhe atribuem superioridade, e reconhecer-se delimitada por eles” (BERNINI, 2011, p. 19-20).

Nesse sentido, tratando mais especificamente da relação entre o âmbito da linguagem e o da identidade de gênero e sexualidade, Borba (2015) trata da “linguística queer” como uma possibilidade de análise de práticas linguísticas em contato com ideologias acerca de questões identitárias. Assim, a linguística queer preocupa-se em investigar “como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas” (BORBA, 2015, p. 99). A língua, por essa perspectiva, é considerada como um meio para a construção identitária, de modo que diferentes possibilidades de expressão linguística têm o potencial de questionar o padrão binário e heteronormativo estabelecido pela sociedade, presente no discurso e na própria língua. Conforme explica Borba (2015), tratar dos estudos linguísticos por uma ótica queer significa considerar a forma como “queers” (sujeitos da comunidade LGBTQIA+ e/ou sujeitos que transpassam as dicotomias identitárias) fazem uso da linguagem para construírem-se “dentro das limitações heteronormativas dos discursos que impõem posições de sujeito neutralizadas” (p. 102). Por essa perspectiva, o emprego de formas linguísticas que transgridam as estruturas binárias e heteronormativas caracteriza uma estratégia para a criação consciente, a partir da língua, de meios para tornar possível uma representação de identidades e sexualidades não contempladas pelo padrão linguístico e social.

Considera-se, portanto, que o masculino genérico se mostra insuficiente para a referência neutra de indivíduos que não se identificam com os polos binários da identidade de gênero, bem como para a designação de um grupo misto de pessoas, visto que a interpretação acerca do masculino genérico, mesmo possibilitando uma generalização, tende para o masculino específico (MÄDER 2018), invisibilizando assim outras identidades de gênero além da masculina. Como resposta a esse problema, vêm se buscando maneiras de incluir na língua portuguesa, bem como em outras línguas ao redor do mundo, alternativas mais inclusivas a indivíduos cuja identidade de gênero transpassa a noção binária, sendo, o foco desta seção, a marcação de gênero neutro.

Como exemplo de adesão à linguagem neutra, destaca-se a Suécia em relação ao pronome neutro “hen”, proposto por ativistas nos anos 60, embora apenas reconhecido e utilizado pela mídia a partir de 2010. O artigo de Tavits e Pérez (2019) mostra que a linguagem neutra tem mudado o modo como as pessoas pensam e entendem a língua, influenciando

percepções sobre gênero e atitudes em relação a indivíduos da comunidade LGBTQIA+. De acordo com os autores, “pronomes de gênero neutro podem operar na ultrapassagem da ortodoxia mental masculina, permitindo que grupos não-masculinos se tornem mais evidentes”<sup>16</sup> (TAVITS E PÉREZ, 2019, p. 16781). Como consequência disso, verifica-se no artigo que a linguagem neutra pode atuar aumentando a aceitação de sujeitos de identidade de gênero não-binária.

Nos EUA, o movimento de adesão a pronomes neutros ocorreu após anos de discussões acerca do emprego de uma linguagem mais inclusiva no âmbito do gênero, realizadas desde a década de setenta por movimentos feministas. Na língua inglesa, a implementação de uma linguagem não-sexista desdobra-se na referência a profissões (por exemplo, “firefighter” no lugar de “fireman”; “chairperson” no lugar de “chairman” etc.) e de modo a evitar termos que se refiram apenas ao gênero masculino (“humans” ou “humankind” no lugar de “man” ou “mankind”, por exemplo). Mais recentemente, são observadas propostas linguísticas cujo objetivo volta-se para a inclusão de indivíduos de identidade de gênero não-binária, como o emprego do pronome “they”, utilizado em referência a uma pessoa de gênero não-binário ou não especificado, e o uso de pronomes como “ze”<sup>17</sup>, os quais apresentam-se como alternativas aos pronomes masculino e feminino. Esses pronomes neutros são contemplados nas políticas organizacionais de universidades como a American University, University of Vermont, Harvard University entre outras, sendo utilizados de modo a facilitar a inclusão de pessoas que não se identificam com os pronomes feminino e masculino (CHAK, 2015).

No ano de 2019, o dicionário Merriam-Webster incluiu nas definições do vocábulo “they” as seguintes explicações: “utilizado para a referência de uma pessoa (singular) cujo gênero é intencionalmente não revelado” e “utilizado para a referência de uma pessoa (singular) cujo gênero é não-binário”<sup>18</sup>. Além da inclusão do pronome neutro, o dicionário elegeu a palavra “they” como a palavra do ano de 2019, dada a mudança de significado atribuída ao pronome e o uso crescente deste no Twitter, nas assinaturas de e-mails e nos crachás de conferências que contêm espaço para os pronomes preferidos para uso (MERRIAM-

---

<sup>16</sup> Tradução minha. No original em inglês: “gender-neutral pronouns might operate by chipping away at males’ mental orthodoxy, allowing nonmale groups to become more pronounced”.

<sup>17</sup> Essas são algumas das alternativas utilizadas para neutralização pronominal em inglês, conforme aponta Chak (2015). O neopronome *ze* surgiu na comunidade transgênero como uma alternativa neutra aos pronomes masculinos e femininos *he* e *she*, sendo utilizado nas funções de sujeito e de objeto, bem como caracterizando posse, respectivamente como *ze/hir/hirs* ou *ze/zir/zirs*.

<sup>18</sup> Tradução minha. No original: “used to refer to a single person whose gender is intentionally not revealed” e “used to refer to a single person whose gender identity is nonbinary”.

WEBSTER, 2019). Destaca-se também, em relação ao pronome “they”, o seu reconhecimento pela APA (American Psychological Association), que recomenda o uso do pronome neutro para a referência a pessoas cujo gênero é desconhecido. Lee (2019), representante da APA, ao explicar o funcionamento do pronome “they” e especificar as situações nas quais seu uso é recomendado, adverte que: “se você está escrevendo sobre uma pessoa que usa “they” como pronome, então sim, você deve utilizá-lo. O uso de uma linguagem respeitosa e inclusiva é importante, e faz parte do estilo da APA”<sup>19</sup>.

Esses casos, apesar de caracterizarem neutralização e contemplarem pessoas de identidade de gênero não-binária como referentes, não são diretamente comparáveis às estratégias de neutralização de gênero em LP, abordadas com mais detalhes nos parágrafos seguintes, tendo em vista o modo como o gênero gramatical funciona em línguas como o inglês e o português. No inglês, o gênero evidencia-se lexicalmente por meio dos pronomes (“he”, “she” ou “they”); contudo, no português, o gênero é marcado por meio de sufixos em adjetivos, substantivos, pronomes, numerais e artigos, o que torna muito diferente a dimensão da utilização de um gênero neutro nessas línguas, uma vez que, no português, a marcação de gênero não ocorre apenas em pronomes.

Nesse sentido, mais próxima do contexto da língua portuguesa, a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA Sociales) (2019) reconheceu o uso da linguagem neutra em trabalhos acadêmicos de nível de graduação e pós-graduação. Semelhante ao português, no espanhol, o gênero neutro caracteriza-se pelo uso da marcação “-e” em vez das marcações de gênero feminina ou masculina, tendo sido adotada, inclusive, pelo presidente Alberto Fernández em discursos, nos quais ele se refere aos cidadãos como “argentines”. Segundo a UBA Sociales (2019), a resolução que permite o uso da linguagem neutra em trabalhos acadêmicos concebe que é necessária uma profunda transformação nas práticas sociais para proporcionar maior igualdade e considera que a linguagem comporta desigualdades entre os gêneros, naturalizando a segregação, a discriminação e a exclusão.

No Brasil, pode-se observar que o movimento por um uso mais inclusivo da linguagem acompanha o avanço da adesão ao uso das redes sociais na última década, ocorrendo, em um primeiro momento, a partir da valorização do emprego do gênero feminino em casos nos quais empregava-se apenas o gênero masculino como genérico, e, mais recentemente, a partir do uso

---

<sup>19</sup> Tradução minha. No original: “if you are writing about a person who uses “they” as their pronoun, then yes, you have to use it. Respectful and inclusive language is important. And it’s part of APA Style”.

dos caracteres “@” e “x” no lugar do sufixo de gênero, sendo o emprego da vogal “-e” a alternativa mais atual para neutralização. Schwindt (2020b, p. 2) distingue essas propostas de uso inclusivo da linguagem como (1) o uso do gênero feminino em nomes comuns de dois gêneros (ex: “presidenta”); (2) o emprego de ambas as formas feminina e masculina em vez do uso genérico masculino (ex: “alunas e alunos, todas e todos”); (3) a inclusão dos caracteres “x” e “@” no final de nomes e adjetivos (ex: “amigx, amig@”); (4) a ampliação da função de marcas já existentes (como “-e”, em “amigue”), e (5) alterações na base ou raiz de pronomes e artigos (ex: “ile, nile, dile, aquile, le”).

Embora os usos descritos no parágrafo anterior apresentem objetivos semelhantes na medida em que visam ao uso de uma linguagem mais inclusiva, Schwindt (2020b) questiona os papéis desempenhados por esses empregos, considerando que o processo de neutralização pode ocorrer por meio da coexistência de dois sons, sendo um deles adotado para neutralização, ou pelo emprego de um novo som utilizado para a representação de ambos (TRUBETZKOY, 1939 *apud* SCHWINDT, 2020b). Os casos (1) e (2), por exemplo, não se caracterizam como uma proposta de neutralização, mas de evidenciação do gênero feminino por meio do contraste entre feminino e masculino, de modo a servir como uma afirmação da binariedade no sistema de gênero (SCHWINDT, 2020b). Em outras palavras, o uso do gênero feminino em nomes comuns de dois gêneros e o emprego das formas feminina e masculina em vez do uso genérico masculino atuam de modo a promover visibilidade ao gênero feminino no discurso, não sendo uma estratégia de neutralização, mas de ênfase à forma feminina.

Nessa linha, é possível observar propostas provindas de manuais linguísticos, como os analisados por Garcia e Sousa (2016), que, de acordo com as autoras, objetivam a constituição de uma linguagem não sexista, buscando representar a mulher (o gênero feminino) nos usos linguísticos, bem como propor uma discussão que contemple o sexismo como elemento constituidor das línguas. Esses manuais propõem que o gênero feminino seja utilizado juntamente ao gênero masculino (como no exemplo apresentado por Schwindt (2020b, p. 2): “alunas e alunos, todas e todos”), ou, em casos nos quais nomear feminino e masculino se mostre um processo demasiado complexo, que se utilize palavras abstratas ou genéricas para referência coletiva, como “o pessoal”, “a comunidade”, “a vizinhança” (GARCIA; SOUSA, 2016), de modo que seja realizada uma generalização sem ser necessário o emprego do masculino genérico.

O uso de caracteres “@” e “x” e o emprego da vogal “-e”, por outro lado, são, de acordo com Schwindt (2020b), uma estratégia de neutralização de gênero por meio de uma terceira

marca além da masculina e da feminina. Sobre esse tema, Freitas (2015) explica que as construções marcadas por “@” e “x” têm como objetivo a neutralização do gênero da palavra; no entanto, compartilham a característica de serem impronunciáveis, possíveis, portanto, apenas na forma escrita. Assim sendo, esses caracteres não encontram correspondência no sistema fonológico do português (SCHWINDT, 2020b).

A vogal “-e” como marca de gênero neutro surge justamente como uma possível solução a esse problema, sendo uma alternativa pronunciável, passível de ser utilizada na língua oral e já existente no português, apesar de implicar em “um processo espinhoso” (FREITAS, 2015, p. 167), pois a adesão ao gênero neutro tem como consequência a alteração de vários itens gramaticais para que seja realizada a devida concordância. Schwindt (2020b) enfatiza ainda que o gênero, mais do que uma informação lexical, é um mecanismo gramatical, o que, no caso de neutralização por “@”, “x” ou “-e”, pode causar complicações relacionadas à determinação por artigos e pronomes, bem como à retomada pronominal, conforme exemplifica: “Meus(?) dois(?) amigues mais próximos, Vini e Léo, chegaram. Preciso dar atenção a eles(?)” (SCHWINDT, 2020b, p. 17). Nesse exemplo, a neutralização dos determinantes e do pronome em função anafórica se mostra um processo complexo, que não se resolve apenas com a adição da vogal “-e”. O emprego de gênero neutro nos casos exemplificados, conforme aponta Schwindt (2020b), depende de aprendizagem formal em alguma medida.

Adicionalmente, Schwindt (2020b) aponta como um problema relacionado ao emprego dos caracteres “@”, “x” ou “-e” como neutralizadores a definição de uma referência semântica, considerando quais referentes são contemplados por esses usos. O foco representativo desses neutralizadores não recai apenas sobre indivíduos cuja identidade de gênero se situa no espectro não-binário, mas também pode contemplar grupos formados por pessoas de gênero variado e indeterminado. De acordo com Schwindt (2020b), são observados ao menos dois usos para essas marcações: um genérico, para referência masculina e feminina, e um designando um terceiro gênero, conforme o autor exemplifica (SCHWINDT, 2020b, p. 16) em “a) Amigues querides, eu uso *e* porque não quero excluir ninguém; b) Bom dia amigas, amigos e amigues!”. Nesses casos, é feita uma distinção entre “-e” como estratégia de generalização para um grupo de pessoas de gênero variado/indeterminado e “-e” como marcação de um terceiro gênero, evidenciando um grupo de pessoas de identidade de gênero não-binária, semelhante às estratégias mencionadas anteriormente para a promoção da visibilidade feminina no discurso.

Considerando as estratégias para neutralização de gênero apresentadas, Pessotto (2019), por uma perspectiva semelhante a apresentada por Schwindt (2020b), argumenta que os

caracteres “@” e “x” não são as alternativas mais recomendadas para a prática de uma linguagem mais inclusiva tendo em vista o funcionamento do gênero gramatical no PB, pois “@” não representa nenhum som na língua, sendo sequer uma letra do sistema de escrita do português, e “x”, apesar de ser uma letra do alfabeto, não caracteriza um som que possa servir como núcleo de sílaba, dificultando a questão da pronúncia. Nesse sentido, a pesquisadora assume que “a alternativa ‘-e’, a única que se conforma às regras fonotáticas da língua [...] seria, portanto, mais amigável aos processos de aquisição de língua falada e escrita” (PESSOTTO, 2019, p. 172), apesar de não ser plenamente satisfatória, tendo em vista a restrição de seu emprego a um contexto de oposição entre “-o” e “-a”.

Do ponto de vista da aceitação/rejeição dessas formas, embora a variação e a mudança sejam inerentes às línguas naturais, conforme será discutido com mais detalhes no Capítulo 3, de Fundamentação Teórica, toda inovação linguística sofre resistência (PESSOTTO, 2019). Nesse sentido, o sistema linguístico pode se modificar a partir de demandas conscientes dos falantes, mas, para tal, faz-se necessária, além da naturalidade dos processos envolvidos na mudança em relação ao sistema, uma clareza coletiva acerca do referente semântico dessas formas, de modo que o significado de categorias como “cis”, “trans” e “não-binário” esteja claro para que as marcas linguísticas que as designam se estabeleçam no uso (SCHWINDT, 2020b). Indo além, pode-se afirmar que a adesão de estratégias que objetivam a neutralização do gênero gramatical em português está associada, em grande parte, aos valores sociais e ideológicos que as motivam, sendo sua rejeição também associada a tais valores.

Para Colling (2015), é natural que a busca de alternativas mais inclusivas para a linguagem cause desconforto e estranhamento; no entanto, a historiadora considera que o masculino genérico tem causado muito mais desconforto ao longo da história, tendo em vista o papel que a linguagem pode desempenhar na reprodução e preservação de preconceitos. Nas palavras da autora, “o ‘x’ e a ‘@’ não irão modificar as relações de poder entre os sexos [...], mas tenho a esperança de que o uso da linguagem não sexista possa contribuir como um alerta para a desigualdade” (COLLING, 2015). Por essa perspectiva, o emprego de estratégias para neutralização de gênero atua de forma a tornar evidente um grupo de pessoas, visibilizando também o contexto no qual esse grupo está inserido e o movimento social contra a discriminação de gênero.

Sobre esse assunto, Santana (2021) considera que o ataque à tentativa de alteração do sistema flexional prescrito pela gramática normativa, no caso de estratégias para neutralização como o “-e”, é apenas uma dimensão da reação, sendo esse ataque também uma estratégia

ideológica de apagamento do debate e desvio da causa da luta que envolve a comunidade de identidade de gênero não-binária. Essa luta “não se encerra na dimensão significativa do signo linguístico” (SANTANA, 2021, p. 697), mas remete a um debate voltado para as condições reais de vida das pessoas que utilizam em seus discursos marcações neutras de gênero.

De acordo com Santana (2021, p. 708):

A neutralização de gênero no português, apenas como uma intervenção na linguagem, sem referência, torna-se uma categoria solta que pode encobrir a grande narrativa que é o enfrentamento das condições materiais que estruturam na sociedade as práticas discriminatórias. Como estratégia de luta, o gênero neutro pode estimular debates com poder de desestabilizar significados já postos e apontar para a diversidade de referências com as quais novos significados mais plurais e democráticos podem ser construídos pelos sujeitos.

Nesse sentido, Santana (2021) aborda o emprego da marcação de gênero neutro como um ato de luta, que remete às condições sociais dos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ e ao movimento por equidade de direitos. Assim sendo, o uso de gênero neutro transpassa aspectos gramático-normativos, situando-se na dimensão interacional e ideológica da língua (SANTANA, 2021).

Nessa direção, para a compreensão acerca do fenômeno linguístico que envolve a marcação de gênero neutro, Lucchesi (2021) ressalta a relevância de se considerar a língua uma prática social, permeada pelas disputas de poder e de hegemonia ideológica. Para o autor, o argumento de natureza estruturalista, utilizado por alguns profissionais da área de linguagem contra a marcação de gênero neutro (de que o gênero masculino é não marcado, já sendo morfologicamente neutro, conforme discutido na seção Sufixo de gênero), não muda as implicações ideológicas e simbólicas de seu uso, implícitas na língua. Segundo Lucchesi (2021):

[...] o que é preciso ressaltar é que a mera classificação formal de unidades da língua não tem qualquer relevância, no plano em que de fato se situa o debate atual sobre a adoção do gênero neutro, que é o plano dos valores simbólicos e ideológicos que as unidades linguísticas assumem na vida social.

Por essa perspectiva, faz-se necessária a compreensão da língua como uma prática social, condicionada pelos valores de seus falantes em sociedade. A língua torna-se, nesse sentido, uma ferramenta de ordem ideológica, utilizada para a expressão de diferentes percepções do mundo, sendo a marcação de gênero neutro uma dessas expressões linguísticas em oposição à percepção binária, normalizada na sociedade ocidental.

Sobre esse ponto, Viscardi (2020) destaca o papel da língua como um espaço de existência e resistência, na qual se travam embates e mudanças no que a autora chama de “cistema”: o padrão social que toma como norma a heteronormatividade expressa pelo binarismo de gênero. Para a autora, adotar a marcação de gênero neutro é um ato de transformação de um sistema pensado por homens e para homens, o qual não oferece espaço para as identidades que transpassam noções binárias de gênero. Essa transformação é considerada por muitos, conforme aponta Viscardi (2020), uma deturpação da língua, o que indica, nesses casos, uma percepção de língua idealizada e distante das diferenças sociais que constituem a sociedade, as quais se refletem na linguagem.

Lau (2017) também aborda a questão da marcação de gênero neutro como meio de visibilidade de pessoas trans não-binárias no discurso, argumentando que a finalidade primordial da linguagem neutra se baseia na desconstrução de gênero em um rompimento do binarismo na escrita e na fala. Conforme o autor, destaca-se como opção de uso para as pessoas de identidade de gênero não-binária a forma pronominal “elu”, de modo que a adesão da marcação neutra nesse contexto adquire um caráter político contra o apagamento de sujeitos que não se consideram contemplados pelos gêneros binários. Considera-se, por essa perspectiva, que o uso da marcação de gênero neutro visibiliza as pessoas de identidade de gênero não-binária, marcando na língua uma fuga da cis-normatividade. De acordo com Lau (2017, p. 2-3), o emprego do gênero neutro no português brasileiro pode ser realizado do seguinte modo:

Para “neutralizar” adjetivos e substantivos, como “aluno”, “bonita”, “entre outras”, utilizarei a vogal “e”. Então estas palavras serão escritas e faladas da seguinte forma: “alune”, “bonite” e “entre outres”. E no caso de “professores”, por exemplo? Palavras no plural consideradas masculinas terão a letra “i” no meio. Então será escrito e falado “professories”. Uma possível variação pode ser a exclusão do “e” ficando “professoris”. Preposições, como “de” e “da” serão substituídas por “du”, por exemplo: “Este lápis é du Iraci”. A respeito dos artigos definidos (“o”, “a”, “os”, “as”), serão substituídos por “le” e “les”. Por exemplo: “Les professories já estão na sala de reunião”. Os indefinidos (“um”, “uma”, “uns”, “umas”), utilizarão a letra “e” no final, ficando da seguinte forma: “ume”, “umes”. [Em relação aos] pronomes possessivos (meu, minha, seu, sua, meus, minhas, seus, suas) faço um “empréstimo” do espanhol, ficando: mi, su, mis, sus.

De modo semelhante, Mokwa (2019) e Almeida (2020), estudantes da área de Letras, explicam, de forma didática, como pode ser feito o emprego do gênero neutro na língua

portuguesa. De acordo com as descrições apresentadas pelos autores, baseadas em guias<sup>20</sup> online organizados pela comunidade não-binária, observa-se que se destacam atualmente quatro sistemas de gênero neutro no português, sendo que a adesão um ou a outro ainda é tema de debate pela comunidade não-binária. Abaixo, segue o quadro de pronomes neutros, construído com base nos materiais mencionados:

**Quadro 1** - Pronomes neutros nos sistemas “Elu”, “Ilu”, “Ile” e “El”

<b>Português padrão</b>	<b>Sistema ELU</b>	<b>Sistema ILU</b>	<b>Sistema ILE</b>	<b>Sistema EL</b>
Ele/ela	Elu	Ilu	Ile	El
Dele/dela	Delu	Dilu	Dile	Del
Meu/minha	Mi/minhe	Mi/minhe	Mi/minhe	Mi/minhe
Seu/sua	Su/sue	Su/sue	Su/sue	Su/sue
Aquele/aquela	Aquelu	Aquelu	Aquile	Aquel
Artigo o/a	Le	Le	Le	Le

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Mokwa (2019) e Almeida (2020)

Conforme compiladas por Mokwa (2019) e Almeida (2020), as quatro possibilidades mais recorrentes de marcação neutra em LP (Quadro 1) são uma espécie de adaptação do pronome demonstrativo neutro na forma nominativa “illud”<sup>21</sup>, de origem latina. O sistema “Elu”, mais próximo da forma pronominal binária em português, caracteriza-se pelo uso de “-u” como marca de gênero neutro no lugar de “-a” ou “-o”, sendo utilizada nos pronomes nominativos, possessivos de terceira pessoa e demonstrativos. Nos sistemas “Ilu” e “Ile”, é mantida parte da palavra latina original (“illud”), sendo “-u” o morfema marcador de gênero no primeiro. Por essa perspectiva, o sistema “Ilu” assemelha-se ao sistema “Elu” quanto ao uso do morfema de gênero, diferindo-se no que se refere à raiz da palavra. Nos sistemas “Ile” e “El”, por outro lado, não há um morfema específico que demarque o gênero, de modo que é feita a distinção em relação ao feminino e ao masculino no primeiro devido à raiz de origem latina, que preserva o “i” em vez do “e” de “ele”, e no segundo por meio da exclusão do morfema de gênero, de modo que, nos pronomes nominativos, possessivos de terceira pessoa e

<sup>20</sup> Como exemplo, pode ser observado o texto de Lewaschiw e Gaigaia (2018) no site “Wiki identidades”, um acervo eletrônico que reúne informações sobre identidade de gênero e temas afins.

<sup>21</sup> As formas feminina e masculina desse mesmo caso no latim são “illa” e “ille”, que remetem respectivamente aos pronomes “ela” e “ele” em português.

demonstrativos, a palavra é terminada apenas com “l”. Em relação aos pronomes possessivos de primeira e segunda pessoa, bem como ao artigo, são adotadas por todos os sistemas as formas “mi/minhe”, “su/sue” e “le”, apesar de não parecer haver um consenso, nos dois primeiros casos, sobre qual das duas formas em competição seria mais apropriada ou qual contexto linguístico favorece um uso ou outro.

De acordo com Schwindt (2020b), é importante considerar, tendo em vista as propostas apresentadas, o parâmetro de naturalidade para a avaliação de um fenômeno linguístico como o de emprego de estratégias para neutralização, de modo atentar sobre os limites do sistema. Conforme o autor, a naturalidade é um aspecto que pode ser avaliado no interior de um sistema linguístico, o qual considera a preservação de contrastes e a relação entre regras e restrições ativas nos subsistemas da língua (SCHWINDT, 2020b). Um exemplo de como o critério de naturalização pode ser avaliado é observado por Schwindt (2020b) em propostas referentes à marcação neutra “-e” e ao emprego de plural em palavras como “professor”, referida por Lau (2017) no plural como “professories”. Segundo explica Schwindt (2020b), é pouco natural ao sistema palavras terminadas pela sequência “rie” em posição átona, estando os vocábulos já existentes nesse grupo (como cárie, série, etc.) sujeitos aos processos de redução ou monotongação (sendo pronunciados como cár[I] e sér[I]). Nesse sentido, considerando que esses processos de redução são restrições inconscientes ativas no sistema da língua portuguesa, pode não ser considerado natural introduzir mudanças que vão de encontro ao sistema. De forma semelhante, no caso do pronome “sue” (ou “tue”, caso se considere a segunda pessoa), é criado um hiato, que, conforme demonstra Schwindt (2020b), possivelmente se ditongaria devido à redução da átona final, como “t[uj]” e “s[uj]”.

Esses casos podem ser considerados exemplos de como o sistema linguístico se restringe a certas mudanças, sendo a naturalidade dos processos envolvidos na variação fator essencial para contribuir ou não com o progresso de determinada mudança linguística (SCHWINDT, 2020b). No entanto, isso não significa dizer que qualquer estratégia de neutralização esteja contra o sistema linguístico, pois, como afirmam Pessotto (2019) e Schwindt (2020b), o emprego de “-e” como morfema de neutralização em substantivos e adjetivos em referência a seres sexuados em oposição a “-a” e “-o” parece encontrar um lugar de uso. No caso das propostas pronominais, sua adesão muito depende também do movimento de mudança empreendido pela comunidade de identidade de gênero não-binária e LGBTQIA+ de forma geral, tendo em conta que a pressão social é um fator de importância considerável para o estabelecimento de uma mudança linguística.

Em síntese, reconhece-se neste trabalho a marcação de gênero neutro como uma realização linguística resultante de uma força de mudança contrária ao sistema binário sexual, conforme define Bernini (2011), ou contrária ao “cistema”, segundo aponta Viscardi (2020), que busca explicitar no discurso a presença de sujeitos até então apagados na língua portuguesa. Diferenciaram-se propostas de uso inclusivo da linguagem (que contemplam usos de gênero masculino e feminino ou de termos generalizadores como “pessoal, galera, comunidade etc.” em uma alternativa ao masculino genérico) de propostas de neutralização de gênero, como o emprego dos caracteres “x”, “@”, “-e” e o uso de formas pronominais inovadoras. Considerando essas estratégias de neutralização de gênero gramatical, conclui-se que a que se encontra mais de acordo com o sistema da língua portuguesa, tendo em vista o funcionamento de gênero gramatical na língua, é a vogal “-e”, a qual pode ser utilizada em referência a entidades sexuadas em palavras nas quais é observada a distinção entre “-a” e “-o”.

Por meio desta subseção, buscou-se apresentar as razões que motivaram o surgimento da marcação de gênero neutro, bem como aspectos básicos de seu funcionamento no português brasileiro. Na seção seguinte, será tratado acerca da fundamentação teórica adotada para a composição deste trabalho.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa fundamenta-se na Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), com foco nas Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b), abordagens sociolinguísticas que observam a língua em uso, sempre vinculada aos fatores sociais aos quais esta se associa. Por essa perspectiva, a língua pode ser compreendida como um “veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social” (TARALLO, 1997, p. 19) e caracteriza-se pela heterogeneidade e constante mudança. Em síntese, considera-se que os modelos mencionados constituem um panorama com o qual pode-se analisar a relação entre determinado fenômeno linguístico e suas motivações, que podem ser de natureza social ou linguística.

Nas seções que seguem, busca-se explicar mais detalhadamente as duas abordagens do ponto de vista teórico, estabelecendo-se relações entre a teoria apresentada e o emprego da marcação de gênero neutro.

#### 3.1. TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICAS

Este capítulo é composto considerando-se que a marcação de gênero neutro (nesse caso, o emprego de “-e” e de pronomes neutros, foco deste trabalho de dissertação de mestrado), é um fenômeno passível de ser observado pela ótica da Teoria da Variação Linguística, pois caracteriza um processo de variabilidade no Português Brasileiro ao se apresentar como uma terceira marcação de gênero para as palavras que comportam flexão nominal de gênero.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma mudança linguística se inicia quando um dos traços da variação se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala e assume caráter de diferenciação ordenada, podendo simbolizar valores sociais ligados àquele grupo. A marcação de gênero neutro, nesse sentido, pode ser considerada uma prática linguística associada a pessoas de identidade de gênero não-binária e a membros da comunidade LGBTQIA+, bem como a seus apoiadores de forma geral, de modo que seu emprego representa, conforme discutido no capítulo anterior, uma posição de resistência ao sistema binário de gênero, expressando significados e valores representativos ao grupo que a utiliza.

Considera-se que esse grupo pode ser caracterizado em ambientes virtuais, como o Twitter, por meio das práticas empreendidas por seus membros, associadas a movimentos que

promovem visibilidade, respeito e equidade de gênero às pessoas de identidade de gênero não-binária. Nesse sentido, a adoção da marcação neutra torna-se um meio para, conforme expressa Santana (2021, p. 708) “estimular debates com poder de desestabilizar significados já postos e apontar para a diversidade de referências com as quais novos significados [...] podem ser construídos pelos sujeitos”. Essa noção de comunidade pode ser associada às comunidades de prática, por meio das quais significados sociais, valores simbólicos e identidades são construídos constante e mutualmente (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), sendo o emprego da marcação de gênero neutro, nesse contexto, um ato que representa os valores compartilhados pela comunidade.

Por essa perspectiva, compreende-se que a marcação de gênero neutro atua, no interior da comunidade referida, como um fenômeno de variação linguística, tendo em vista que o processo de variação envolve a transferência de traços linguísticos inovadores de um falante para outro em uma comunidade, caracterizando-se pela existência de duas ou mais variantes simultâneas, até que uma possível mudança se concretize e torne uma das formas obsoleta (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). A marcação de gênero neutro ocorre, nesse sentido, em alternância com outros gêneros gramaticais em dois contextos: (1) em oposição às marcações feminina e masculina quando em referência a sujeitos de identidade de gênero não-binária; e (2) em oposição à marcação masculina quando em referência a grupos compostos por pessoas de gênero desconhecido e/ou variado. É observada, portanto, a coexistência de variantes que podem ser empregadas nos mesmos contextos de maneira alternada, mas cuja escolha representa valores sociais distintos, associados ou não à comunidade de prática que contempla as pessoas de identidade de gênero não-binária.

Sendo assim, toma-se como base para explicar esse fenômeno linguístico a Teoria da Variação Linguística, fundamentada principalmente a partir do modelo teórico e metodológico elaborado por Labov nos anos 1960, considerado como uma alternativa ao modelo gerativo e estruturalista, que não contemplavam o caráter social da língua. Para Labov (2008 [1972]), o próprio termo sociolinguística seria redundante, visto que a língua, como entendida pelo autor, é inseparável de seu contexto social. Por essa perspectiva, a língua é considerada “uma forma de comportamento social, [...] usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008 [1972], p. 215).

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a chave para uma concepção racional acerca da variação e mudança linguística é a possibilidade de descrição ordenada das diferenciações presentes na língua de uma comunidade. Nesse sentido, os autores argumentam

que a heterogeneidade estrutural da língua não é apenas uma questão de dialeto, mas sim parte de uma competência linguística unilíngue, de modo que, em uma comunidade real, a falta dessa heterogeneidade caracterizaria disfuncionalidade. Por essa perspectiva, a mudança linguística é observada como um traço inerente da língua, motivada por fatores de ordem linguística e extralinguística.

Nessa linha, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125) estipulam que a mudança linguística não deve ser tratada como uma consequência aleatória da variação observada na fala, considerando que o processo de mudança se inicia quando “a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada”. Assume-se, portanto, que a estrutura da língua compreende a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos por meio de regras que regem a variação na comunidade de fala, tendo o falante nativo domínio sobre a língua e sobre essas estruturas heterogêneas.

Logo, considera-se a língua como heterogênea e mutável, bem como meio para a comunicação em uma comunidade. Sendo assim, a língua caracteriza-se por apresentar formas linguísticas que apresentam variação, denominadas “variantes”. Estas podem assumir múltiplos significados sociais, que podem ser associados a determinadas categorias estabelecidas em um meio social. Pode-se afirmar que a pesquisa sociolinguística surge, nesse sentido, como um meio para compreender o processo de variação, propondo estabelecer uma sistematização dos fenômenos de variação linguística que, a longo prazo, podem vir a constituir uma mudança na língua.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) delimitam princípios concernentes a fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística em termos de problemas a serem resolvidos, sendo eles, a saber, o problema dos fatores condicionantes, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação. Tagliamonte (2012) associa os cinco problemas apresentados a cinco perguntas, apresentadas a seguir: (1) quais são os fatores condicionantes da mudança? (problema dos fatores condicionantes); (2) como a língua muda? (problema da transição); (3) como a mudança linguística se encaixa nos sistemas linguístico e social? (problema do encaixamento); (4) como os membros de uma comunidade de fala avaliam determinada mudança e qual é o efeito dessa avaliação na mudança? (problema da avaliação); e (5) por que dada mudança linguística ocorreu em determinado tempo e lugar da forma como ocorreu? (problema da implementação).

Conforme Paiva e Duarte (2006) explicam, para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a mudança linguística é concebida como uma consequência inevitável da dinâmica que compõe as línguas naturais, podendo ser compreendida por meio da definição do conjunto de mudanças e condições possíveis relacionadas a essa mudança, segundo discute-se em relação ao problema dos fatores condicionantes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Nesse sentido, busca-se delimitar quais contextos favorecem determinada mudança, de modo a avaliar quais condições de uso esta pode apresentar.

De modo complementar a essa questão, considera-se que, de acordo com a proposta variacionista, a mudança pode ser observada por uma perspectiva sincrônica, que permite a compreensão dos estados intermediários da mudança, envolvendo sua instauração contínua e gradativa. É relevante considerar, por essa perspectiva, que “nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica em uma mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125). Tendo isso em conta, é possível verificar a existência de uma mudança linguística em andamento por meio da comparação entre as distribuições linguísticas em tempo aparente, considerando-se as dimensões das faixas etárias referentes à comunidade estudada (LABOV, 2008 [1972]). Conforme explica Tarallo (1997), se for possível observar correlação entre as variantes linguísticas e o fator idade, de modo que o uso da variante inovadora se mostre mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação às faixas etárias mais elevadas, observa-se uma situação de mudança em progresso, a qual pode ser corroborada por meio da comparação entre os resultados de um estudo em tempo real.

Essa questão associa-se ao problema da transição, observado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), considerando a distribuição das variantes estudadas através de sucessivas faixas etárias da população. Paiva e Duarte (2006) explicam que a alternância entre formas velhas e novas durante o mesmo momento no tempo pode representar uma transição para outro estado da língua, sendo percebida por meio da distribuição da variação pelos diferentes estratos sociais da população analisada.

Pode-se situar o problema do encaixamento tendo em vista a mudança linguística como um processo, que se inicia em determinado grupo social, representando valores associados àquele grupo, e expande-se de maneira gradativa entre outros falantes. Nesse sentido, o problema do encaixamento se preocupa em determinar de que modo as mudanças observadas estão encaixadas no sistema linguístico e social (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Esse problema diz respeito a “que outras mudanças estão associadas a determinadas

mudanças de um modo que não pode ser atribuído ao acaso” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 144), uma vez que um fenômeno de mudança linguística não é um fato isolado na estrutura da língua, estando relacionado a outros processos do português.

Uma vez que a mudança está encaixada na estrutura linguística, estipula-se que ela seja gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Esse processo ocorre de maneira gradativa, sendo que “o avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125). Sobre esse tema, relaciona-se o problema da avaliação, considerado pelos autores aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação acerca da mudança. Conforme apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 103), “não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo”. Tal perspectiva relaciona-se à noção de falante ativo retomada por Paiva e Duarte (2006), no sentido de que, após um fenômeno de variação surgir em uma comunidade, a consciência acerca deste propicia ao falante a capacidade de atuar em relação à variação, acelerando ou retendo processos de mudança da língua na medida em que os aprova ou os rejeita.

Nesse sentido, motivações sociais relativas à mudança linguística podem ser associadas, de forma mais ampla, a uma mudança no comportamento social de uma comunidade de fala (PAIVA; DUARTE, 2006), uma vez que é estreita a relação entre a variação linguística e o grupo social no qual esta ocorre. Sobre isso, Labov (2008 [1972], p. 195) enfatiza que “o processo de mudança sonora aparece não como um movimento autônomo dentro dos limites de um sistema linguístico, mas sim como uma reação complexa a diversos aspectos do comportamento humano”, estando associado, portanto, a fatores sociais e identitários.

Ainda, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é importante considerar que o processo global de uma mudança linguística envolve fatores sociais e estruturais que podem exercer alguma influência sobre o processo de mudança, estimulando-o ou restringindo-o dado o contexto em questão. A partir disso, o problema da implementação envolve o número de fatores que influenciam a mudança, associando-se ao comportamento social da comunidade na medida em que contempla “os modos como fatores sociais incidem sobre os traços linguísticos [...]” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124). Conforme explicam Paiva e Duarte (2006), esse problema constitui o cerne da teoria da

mudança linguística, pois remete aos fatores condicionantes da variação. Na medida em que se torna possível identificar os condicionamentos de uma mudança, torna-se possível adiantar uma explicação sobre a forma como a mudança vai se expandindo por diferentes contextos estruturais (PAIVA; DUARTE, 2006), o que permite uma compreensão acerca das motivações sociais e estruturais que atuam sobre o fenômeno.

Partindo dos estudos pertencentes à área da sociolinguística que tomam as concepções até aqui discutidas como base, Eckert (2012) apresenta uma divisão que pode ser atribuída tendo em vista três tendências, denominadas de três ondas de estudos sobre a variação linguística<sup>22</sup>. Estes compreendem desde as pesquisas de Labov até estudos mais recentes, que buscam identificar e descrever os fatores que podem vir a motivar o surgimento das variações.

De acordo com Eckert (2012), seguindo a linha dos estudos de Labov<sup>23</sup> sucederam-se uma série de pesquisas voltadas para o meio urbano, responsáveis por fornecer um panorama acerca de como as variáveis linguísticas se distribuíam em um grande número populacional. Essa é a denominada primeira onda dos estudos sociolinguísticos, caracterizada por pesquisas de natureza quantitativa e correlações entre variáveis e categorias sociais primárias (como classe, sexo e idade), bem como pela atribuição de valor social (prestígio/estigma) às variações. Nesses estudos, a alternância de estilo é associada à variação linguística, mas é definida a partir da monitoração da fala, dividida em função da formalidade. Como explica Veloso (2014), “o contínuo estilístico elaborado por Labov estava orientado assim: atenção-formalidade-prestígio em contraposição à desatenção-informalidade-estigma”.

Em relação à segunda onda, Eckert (2012) destaca os estudos de origem etnográfica focados em comunidades menores por maiores períodos, cujo objetivo principal era realizar descobertas sobre as categorias sociais ali dispostas. Semelhante à primeira onda, estudos dessa tendência “têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático” (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012, p. 922), estabelecendo uma conexão entre o panorama apresentado pela primeira onda e o uso do vernáculo como expressão de uma identidade local ou de classe (ECKERT, 2012). Foram os estudos etnográficos que mostraram de forma mais clara como a fala está imbuída de valor local: noção que concorda com os estudos atuais, característicos da terceira onda, que envolvem as comunidades de prática, conforme será elaborado com mais detalhes na próxima seção.

---

<sup>22</sup> As informações sobre esse tema foram baseadas em Eckert (2012) e Veloso (2014).

<sup>23</sup> LABOV, William. **The social stratification of English in New York city**. Cambridge University Press, 2006.

Segundo Eckert (2012), a terceira onda diferencia-se por enfatizar as práticas estilísticas dos falantes, de modo que estes são considerados não como portadores de um dialeto, mas como agentes da própria prática estilística, caracterizada como um recurso para a construção de uma identidade. A base do estilo, conforme entendido por Eckert (2012), é ideológica, sendo as produções linguísticas e construções de sentido, consequências de valores ideológicos, algumas das preocupações dos estudos situados na terceira onda (ECKERT, 2012). Tendo isso em vista, a perspectiva teórica voltada para as comunidades de prática considera a comunidade também como uma entidade ativa, por meio da qual os membros compartilham valores semelhantes e se engajam de forma mútua em práticas comuns ao grupo (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a).

Mais sobre esse tema será discutido na seção a seguir.

### 3.2. COMUNIDADE DE PRÁTICA

As comunidades de prática oferecem uma perspectiva voltada para a compreensão da variação linguística como um recurso para construção e expressão de identidades, individuais e grupais, por meio das quais são compartilhadas informações, valores e aprendizados em comum. Assume-se, dado o contexto desta pesquisa, que redes sociais como o Twitter possam exercer um papel de facilitador para a organização das comunidades de prática, sendo, no caso da marcação de gênero neutro, um espaço onde pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+ (principalmente as de identidade de gênero não-binária) podem interagir, juntando-se em prol de um interesse comum, como se posicionar a favor de mais visibilidade e respeito. Nesse contexto, o emprego do gênero neutro pode ser visto como uma estratégia de luta (SANTANA, 2021): um uso linguístico característico da comunidade por meio do qual novos significados se estabelecem e identidades não-binárias se expressam.

É importante considerar que os membros dessa comunidade se caracterizam por apresentar uma reflexão metalinguística no que se refere à marcação de gênero. Para Paveau (2020c *apud* SILVA *et al.*, 2021), o militantismo associado ao uso inclusivo da língua é indissociável de uma reflexão sobre a linguagem, de modo que os militantes são vistos pela autora como “linguistas populares”, no sentido de contribuírem com discussões e reflexões linguísticas sem terem de fato a mesma formação de um linguista. Ainda, Silva *et al.* (2021) consideram, no caso de postagens online tratando da marcação de gênero neutro, que a movimentação coletiva nas redes sociais em torno dessas postagens cria conexões de modo que

usuários, antes isolados, transformam-se em grupos com uma identidade formada (contra ou à favor do emprego da marca neutra). Nesse ambiente, grupos de ativismo digital fazem uso da linguística popular para “combater as práticas sociais de estigmatização e segregação” (SILVA *et al.*, 2021, p. 156), sendo o emprego de marcações de gênero neutro nas redes sociais, bem como a discussão que envolve seu uso, um exemplo desse embate ideológico.

No contexto deste trabalho de dissertação, é possível associar as ações de resistência e militância à prática da comunidade de identidade de gênero não-binária e seus apoiadores, sendo esses atos observados no Twitter não apenas por meio da existência de tuítes cujos tópicos abrangem questões identitárias e reflexões linguísticas, mas também pelo próprio uso da marcação “-e” e de pronomes neutros: práticas que evidenciam a comunidade e representam seus valores ideológicos, cujo emprego implica em uma reflexão metalinguística. Considera-se a linguagem, nesse sentido, como um recurso simbólico chave para o desenvolvimento das formas de pensar e agir que caracterizam a comunidade (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), sendo o uso de marcações neutras uma forma de, além de marcar um novo gênero morfologicamente, evidenciar a posição ideológica de uma comunidade.

Nessa direção, busca-se nesta seção explorar o conceito de comunidade de prática, tendo em vista que a marcação de gênero neutro possibilita, na língua, a representação de valores associados à comunidade de identidade de gênero não-binária, sendo utilizada pelos membros dessa comunidade de prática como uma forma de resistência ao sistema binário sexual.

Apesar de o conceito surgir em um primeiro momento nos estudos dos pesquisadores Jean Lave e Etienne Wenger, as comunidades de prática, como concebidas pelos autores, existem desde os tempos antigos (WENGER; SNYDER, 2000), quando o aprendizado, principalmente de trabalhos manuais, acontecia por intermédio de um grupo. Wenger e Snyder (2000) lembram que, na Grécia clássica, as corporações de artesãos tinham objetivos tanto comerciais quanto sociais, de modo que o grupo, além de trabalhar com o objetivo de treinar aprendizes e trazer inovações na área, também se caracterizava por compartilhar valores sociais como adoração das mesmas divindades e celebração em conjunto de feriados festivos.

De modo semelhante, as comunidades de prática continuam se formando em ambientes formais e informais, desde empresas (WENGER; SNYDER, 2000), onde colegas de determinado setor poderiam se juntar para realizar determinado objetivo ou desenvolver estratégias de compra e venda, até em bares (MEYERHOFF, 2008), onde um grupo de amigas com diferentes empregos poderia se reunir para conversar sobre os problemas em seus

ambientes de trabalho. Nesse sentido, Eckert e McConnell-Ginet (1992b, p. 464), baseadas nos estudos de Lave e Wenger, definem comunidade de prática como “[...] um agregado de pessoas que se une em torno de um engajamento mútuo em um empreendimento. Modos de fazer as coisas, maneiras de falar, crenças, valores, relações de poder – em suma, práticas – surgem no curso desse esforço mútuo”<sup>24</sup>.

Para Wenger e Wenger-Trayner (2015) as comunidades de prática são formadas por sujeitos engajados em um processo de aprendizado coletivo. Dessa forma, um dos aspectos que caracteriza as comunidades de prática diz respeito ao aprendizado em conjunto, o que envolve um grupo de pessoas que compartilham os mesmos interesses. O aprendizado, assim, não é apenas subjetivo ou totalmente baseado em interações sociais, mas também não pode ser construído separado do mundo social (LAVE, 1991). Uma comunidade de prática, portanto, pode ser definida como um grupo de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo, de modo que haja um aprendizado mútuo conforme o grupo interage regularmente (WENGER; WENGER-TRAYNER, 2015).

A fim de explicar o funcionamento das comunidades de prática, Wenger (1998) aponta três dimensões principais para a constituição de uma comunidade: engajamento mútuo, empreendimento em conjunto e repertório compartilhado.

Segundo o autor (1998), uma comunidade de prática não é apenas um conjunto de pessoas que possui alguma característica em comum, como uma categoria social ou um grupo no qual os sujeitos se conhecem e mantêm conversas, mas um corpo social que depende do engajamento dos participantes, o que envolve, conseqüentemente, a prática de algo. Assim, o engajamento refere-se à competência, tanto dos sujeitos individualmente quanto do grupo, implicando uma troca de conhecimentos de modo que os sujeitos se ajudem conforme o papel que desempenham dentro da comunidade (WENGER, 1998). Pode-se afirmar que o principal motivo pelo qual a comunidade se mantém ao longo do tempo decorre do engajamento, pois os membros são beneficiados nos âmbitos prático e emocional graças à troca de conhecimentos que deriva do engajamento (MEYERHOFF, 2008).

O empreendimento em conjunto, outro fator que caracteriza o estabelecimento de uma comunidade de prática, refere-se ao objetivo comum que une o grupo. Os membros de

---

<sup>24</sup> Tradução minha. No original em inglês: “[...] an aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations – in short, practices – emerge in the course of this mutual endeavor”.

determinada comunidade juntam-se por um propósito, e é o empenho em realizar esse propósito que cria uma relação de responsabilidade no grupo (WENGER, 1998). O autor (1998) explica que a responsabilidade que advém do empreendimento em conjunto envolve aspectos como o que é importante, o porquê é importante, o que fazer, no que prestar atenção, sobre o que discutir etc. Assim, os membros da comunidade de prática têm para si uma noção de como realizar os objetivos do coletivo, pois compartilham suas concepções.

Por fim, o repertório compartilhado diz respeito aos recursos acumulativos, consequência das negociações internas à comunidade de prática (MEYERHOFF, 2008). De modo geral, caracteriza-se pela história vivenciada pela comunidade, o que pode envolver, segundo Wenger (1998), ações, discursos, conceitos, eventos, ferramentas etc.

Em síntese, pode-se afirmar que a comunidade de prática envolve “cabeça, coração e mãos”, pois implica questionamento, interação e perícia, o que, por sua vez, envolve relacionamento e identidade (CABELLEIRA, 2007). Como aponta Lave (1991), o aprendizado, reconhecido como um fenômeno social, depende da participação em práticas sociais, dado que o aperfeiçoamento de uma habilidade está relacionado à identidade assumida pelo sujeito como membro de determinado meio social. No caso da comunidade de prática, concebe-se que o sujeito, como explicado ao decorrer desta seção, constrói relações por meio de atividades e discussões que lhe permitem aprender com outros membros da comunidade, de modo que haja auxílio mútuo e compartilhamento de informações relevantes para o grupo (WENGER; WENGER-TRAYNER, 2015).

No âmbito da Sociolinguística, estudos que contemplam a comunidade de prática são relativamente recentes, surgindo no início dos anos noventa com as obras de Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet, baseadas nos estudos de Lave (1991) e Wenger (1998). Segundo Meyerhoff (2008), a análise de Eckert sobre a variação linguística de falantes dentro de comunidades de prática traz avanços à Sociolinguística no que diz respeito ao entendimento do valor social que as variações carregam, dado que estas são consideradas a partir dos papéis sociais desempenhados pelos membros de uma comunidade.

Os estudos sobre variação linguística da terceira onda, que se apoiam no conceito de comunidade de prática, são caracterizados por Freitag, Martins e Tavares (2012) por incorporarem a dinamicidade da estrutura (como esta se molda no cotidiano), considerando os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela. Para Eckert (2012), a terceira onda concebe a variação não como reflexo de uma categoria social

(como etnia, gênero, idade, etc.), mas como um recurso para a construção de significados e identidades sociais. Nesse sentido, a abordagem da autora volta-se para a formação da identidade do falante a partir das comunidades de prática das quais este participa, o que envolve a construção de estilos. Visto que os falantes desenvolvem padrões linguísticos a partir do engajamento em atividades nas comunidades de prática das quais é membro (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a), a autora (ECKERT, 2005, p. 24) explica:

Quando pensamos sobre a relação entre variação e grupos sociais, geralmente não identificamos variáveis individuais. Temos construções em mente, como Valley Girls, New York Jews, Mafiosi, Rappers, Southern Belles – tipos de persona que constituem uma perspectiva social ideológica. As variáveis que caracterizam as variedades associadas a esses tipos geralmente não significam elas mesmas “Valley Girl, New York Jew” etc., mas combinam para produzir esses sentidos. Em outras palavras, o significado de variação encontra-se no seu papel na construção de estilos, e estudar o papel da variação na prática estilística não envolve simplesmente classificar variáveis em estilos, mas compreender essa classificação como uma parte integral da construção de sentido social.<sup>25</sup>

Assim, compreende-se que o estilo, bem como a linguagem, é uma prática, através da qual as pessoas podem criar significado social (ECKERT, 2005). No âmbito da análise da sociolinguística variacionista, a comunidade de prática, então, pode ser entendida como o espaço no qual o sujeito constrói a própria identidade por meio do engajamento e da relação com os outros participantes. Nesse sentido, como aponta Severo (2007), a variação linguística conecta-se ao engajamento dos indivíduos nas práticas sociais das comunidades, de modo que os significados são negociados, criados ou mantidos.

É possível pensar na comunidade, portanto, como uma representação das qualidades e valores com os quais os membros se identificam, o que influencia a forma como estes, individualmente, posicionam-se perante a sociedade, além de poder refletir estilos específicos e fenômenos de variação linguística. Como Eckert e McConnell-Ginet (2013) explicam, é através da atuação em comunidades de prática que as pessoas participam da sociedade e desenvolvem o senso sobre a posição delas, bem como as possibilidades delas no meio social.

---

<sup>25</sup> Tradução minha. No original em inglês: “When we think about the relation between variation and social groups, we don’t generally identify individual variables. We have constructs in mind like Valley Girls, New York Jews, Mafiosi, Rappers, Southern Belles – persona types that constitute an ideological social landscape. The variables that characterize the varieties associated with these types do not themselves generally mean “Valley Girl, New York Jew” etc., but combine to produce those meanings. In other words, the meaning of variation lies in its role in the construction of styles, and studying the role of variation in stylistic practice involves not simply placing variables in styles, but in understanding this placement as an integral part of the construction of social meaning”.

Dadas as possibilidades de análise que as comunidades de prática comportam, estudos linguísticos cujo enfoque recai sobre o gênero têm se destacado na área. Eckert e McConnell-Ginet (1992a, 1992b), ao introduzirem o termo comunidade de prática à Linguística, já tratavam de questões dessa natureza, observando como a construção de identidade observada nas práticas linguísticas dos falantes era afetada a depender do gênero<sup>26</sup>. Sobre isso, Meyerhoff (2008) comenta que a pesquisa das autoras se mostrou atrativa para os pesquisadores da área, pois oferece uma estrutura útil no âmbito dos estudos acerca do gênero como uma categoria social aprendida e mutável. Por essa perspectiva, as autoras (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013) retomam as noções sobre gênero apresentadas por Butler (2003), compreendendo-o não como uma característica com a qual o indivíduo nasce, mas como algo performado. Assim, o sexo é definido como uma categorização biológica, baseada em aspectos relativos à reprodução, enquanto o gênero diz respeito à elaboração social do fator biológico (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013).

A comunidade de prática, então, concordando com as concepções de gênero apresentadas, mostra-se um modelo conveniente para tratar da marcação de gênero neutro tendo em vista a comunidade de identidade de gênero não-binária, considerando-se a performance de um gênero (nesse caso, a performance de um gênero fora do padrão binário), bem como a reflexão social e linguística que motiva a adoção do gênero neutro, como práticas que podem incluir ou não o indivíduo em determinada comunidade. Análises dessa natureza tornam possíveis avaliações menos generalizadas acerca da variável gênero, pois a compreendem inserida em um contexto, a partir da prática em comunidades.

Por fim, considerando a variação linguística a partir da relação entre o coletivo e o individual expressa no conceito de comunidade de prática (no sentido de construção de identidades individuais que empreendem práticas coletivas no interior de uma comunidade, compartilhando valores, hábitos, opiniões etc.) observa-se que as abordagens oriundas da terceira onda dos estudos variacionistas oferecem múltiplas possibilidades de análise, capazes de apresentar de forma consistente fenômenos sociolinguísticos. Assim, assume-se de extrema importância estudos voltados para o papel social desempenhado pelas variações linguísticas,

---

<sup>26</sup> Um exemplo disso pode ser observado no dado apresentado pelas autoras (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2013) referente ao uso do inglês não-padrão por meninas associadas à comunidade de prática *burnout* no estudo de *Belten High School*. Conforme relatado, um grupo de meninas participantes dessa comunidade utilizava expressões não-padrão com mais frequência que os meninos como uma forma de incorporar às práticas linguísticas os valores da comunidade, apesar de esse comportamento ser bem avaliado em relação aos meninos, mas não às meninas.

que, podendo contar com o respaldo de estudos quantitativos condizentes com os das primeira e segunda ondas (FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012), contribuem para uma melhor compreensão da relação entre língua e sociedade.

Na seção a seguir, será apresentada a metodologia adotada para esta pesquisa.

## 4. METODOLOGIA

Objetiva-se neste capítulo descrever a metodologia adotada nesta pesquisa, caracterizada por uma abordagem de cunho predominantemente quantitativo, contando com descrições acerca dos dados linguísticos observados por meio de uma perspectiva qualitativa para a análise do emprego da marcação de gênero neutro em tuítes. Desse modo, o capítulo organiza-se em cinco partes, sendo a primeira voltada para a descrição da amostra, bem como quais critérios foram adotados para a seleção dos participantes, a segunda apresentando as variáveis resposta e preditoras consideradas nesta pesquisa, a terceira exemplificando como foi feita a organização e codificação dos dados, a quarta tratando acerca do instrumento de análise estatística adotado e a quinta abordando questões éticas voltadas para a coleta de dados online.

### 4.1. A AMOSTRA

A amostra se constitui de tuítes: textos de até 280 caracteres oriundos da rede social Twitter, conhecida como um *microblog*. A plataforma caracteriza-se por proporcionar diálogo em diversos campos da atividade humana desde sua criação em 2006, constituindo-se como um meio para a divulgação de notícias e de opiniões políticas voltadas a pautas relevantes ao momento, como a preservação ambiental, a inclusão da comunidade LGBTQIA+, o feminismo etc.

Em um ambiente virtual como o Twitter, é possível observar que tuítes diferentes dispõem de composição, conteúdo temático e estilo próprios, de modo que se torna possível a abordagem de temas distintos em uma mesma rede social (FREITAS; BARTH, 2015). O tuíte é, nesse sentido, um tipo de texto que, a partir de suas características próprias (tais quais o limite de caracteres, as possibilidades de interação, o uso de mídias visuais, entre outras), mostra-se capaz de contemplar propósitos comunicativos diversos, servindo como meio de interação entre usuário e seguidores, mas também atuando como ferramenta para a exposição de opiniões acessíveis a todos os usuários da plataforma. Do ponto de vista linguístico, tuítes podem se caracterizar por ocorrências espontâneas em um contexto interacional casual; contudo, podem também ser textos elaborados e bem revisados, escritos com o objetivo de informar ou explicar algo<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Um exemplo de uma sequência de tuítes cujo objetivo é informar acerca da marcação de gênero neutro pode ser observado em Calisto (2020). Na sequência referida, o usuário utiliza o ambiente do Twitter para promover uma

Um exemplo do papel do Twitter para a promoção de discussões voltadas para questões que envolvem o emprego de gênero neutro pode ser observado através da ferramenta de busca avançada<sup>28</sup> da rede social, por meio da qual é possível constatar que tuítes contendo a expressão “pronome neutro” (utilizada popularmente no Twitter também para a referência da marcação de gênero neutro em LP de forma geral) começam a surgir em português no ano de 2012 a partir de notícias acerca da adoção de pronome neutro na Suécia<sup>29</sup>, de modo que em 2014 já são observados usuários expressando a necessidade de se ter um pronome neutro em português. Em 2020, o tema foi amplamente debatido na rede social, chegando aos assuntos mais comentados da plataforma em outubro com as hashtags “#PronomeNeutroNaoExiste” e “#PronomeNeutroExiste”, dividindo opiniões e argumentos sobre o uso e a necessidade da marcação neutra.

Visto que assuntos referentes à neutralização de gênero têm sido abordados no Twitter desde 2012, aumentando cada vez mais ao longo do tempo, considera-se a plataforma de extrema relevância para a divulgação e para o debate acerca da marcação de gênero neutro, bem como para a discussão referente à identidade de gênero e não-binariedade. Com base nisso, estipulou-se que a marcação de gênero neutro poderia vir a ser utilizada com frequência nesse espaço, o que motivou a escolha do Twitter como meio para a localização de casos nos quais o gênero neutro poderia ser empregado em situações comunicacionais observáveis.

Foram selecionados como corpus desta pesquisa, portanto, tuítes, escritos pelos três participantes selecionados, publicados no segundo semestre do ano de 2020 (de julho de 2020 a dezembro de 2020) nos quais foi observada a ocorrência de substantivos (ex: “[...] pena seria o dano colateral: ês **amigues**”), adjetivos (ex: “quão **parecides** nós somos? [...]”) e pronomes (ex: “[...] por que? **elu** tem razão [...]”) que apresentavam como referente um humano, caracterizado pelo traço [+sexuado], nos quais a distinção de gênero era realizada por flexão. Cada palavra destacada nos exemplos apresentados acima constitui uma unidade de análise, ou

---

discussão voltada para marcações de gênero neutro, argumentando, exemplificando e citando literatura da área da linguística como base.

<sup>28</sup> A ferramenta de busca avançada do Twitter pode ser utilizada por qualquer usuário para a busca de palavras ou expressões específicas de determinadas contas ou em toda a plataforma ao longo de certo período. Para a localização das informações contidas neste parágrafo, foi pesquisada a expressão “pronome neutro” em tuítes de Língua Portuguesa desde o ano de criação da rede social até 2014, com o objetivo de verificar quando se iniciavam discussões sobre neutralização de gênero gramatical de pronomes na rede social. Essa busca foi citada apenas como um exemplo, tendo em vista que o foco desta pesquisa não recai especificamente apenas sobre “pronomes neutros”.

<sup>29</sup> Um exemplo de notícia comentada nessa época no Twitter pode ser observado na versão online do jornal CartaCapital (2012), que explica que o pronome neutro “hen” foi criado por linguistas nos anos sessenta como uma alternativa neutra ao masculino genérico, mas só começou a ser utilizado de fato a partir dos anos 2000 pela comunidade transgênero.

seja, uma ocorrência, de modo que o foco deste trabalho recai sobre os substantivos, adjetivos e pronomes que se encaixam nos critérios discutidos neste parágrafo.

Para localizar esses dados, foi feita uma busca por meio da ferramenta de busca avançada da plataforma, que permite a exibição de todos os tuítes de um usuário ao longo de um período específico<sup>30</sup>. Dessa forma, foram observados todos os tuítes realizados pelos três participantes durante o período referido e selecionados aqueles que continham substantivos, adjetivos e pronomes que apresentavam distinção de gênero por flexão e se referiam a um humano.

Essas classes gramaticais foram selecionadas pois podem ser utilizadas para a designação de seres de traço [+sexuado], para os quais a marcação de gênero tende a ser semântica, além de serem centrais (principalmente o substantivo) para a manutenção da concordância de gênero (CARVALHO, 2013). Estipula-se que a marcação semântica de gênero ocorra com mais consistência em substantivos, adjetivos e pronomes devido à associação que é realizada entre gênero semântico e flexão, visto que os componentes selecionados, quando se referem especificamente a uma pessoa, flexionam de acordo com o gênero do referente. Outros elementos que comportam flexão de gênero (artigos e numerais) podem ser considerados menos centrais para a manutenção da concordância, o que possibilita nestes a omissão da marcação neutra em determinados casos com menor impacto semântico, como constatado por Baldez e Gomes (2021)<sup>31</sup>, que observaram o emprego do gênero neutro em concordância parcial de gênero no Twitter. Presume-se, nesse sentido, que em um sintagma que contenha um substantivo, pronome ou adjetivo neutro, seja possível não aplicar a marcação neutra em numerais e artigos sem comprometer o sentido do enunciado, como em “dois amigos”, por exemplo.

Com base nisso, estabeleceu-se como critério de seleção adjetivos, substantivos e pronomes cujo referente fosse humano, caracterizado pelo traço [+sexuado], visto que a marcação de gênero neutro ocorre apenas quando há uma relação clara entre gênero gramatical e gênero semântico. Esse recorte foi proposto a fim de que se evitassem palavras nas quais é

---

<sup>30</sup> Essa busca pode ser realizada por meio de uma pesquisa na barra “Busca no Twitter” escrita da seguinte forma: “(from: ‘nome de usuário do participante’) until:2021-01-01 since:2020-06-31”. Dessa forma, o Twitter lista todos os tuítes, dos mais recentes aos mais antigos, realizados pelo usuário em questão durante o período solicitado (desde que este não tenha os tuítes protegidos).

<sup>31</sup> Esse emprego se refere ao tuíte: “[...] tenham bom senso e cuidem da saúde mental dos seus amigos pretes. Por favor” (BALDEZ; GOMES, 2021, p. 202), no qual foi observado que a contração entre preposição e artigo “dos” e o pronome possessivo “seu” não foram marcados com gênero neutro, embora seja observado o uso da marcação “-e” em “amigos” e “pretos”.

observada a discrepância entre gênero gramatical e semântico atestada por Camara Jr. (1970), conforme apresentado no Capítulo 1, sobre a qual o autor exemplifica que nomes com traço [+animado], como “testemunha” e “cônjuge”, embora pertençam respectivamente ao gênero gramatical feminino e masculino, não possuem gênero semântico explícito, podendo se referir tanto a um sujeito de gênero feminino ou masculino. Nesse sentido, foram adicionadas à amostra apenas palavras sexuadas, nas quais há relação entre gênero gramatical e semântico, como “garoto/garota/garote”, “amigo/amiga/amigue”, “bonito/bonita/bonite” etc.

Ainda, optou-se por selecionar apenas aqueles adjetivos, substantivos e pronomes que apresentam distinção de gênero por flexão<sup>32</sup>, nos quais é observada relação entre morfema e gênero semântico do referente por meio de oposição entre formas neutra, feminina e masculina. Conforme discutido anteriormente no Capítulo 2, segundo Pessotto (2019) e Schwindt (2020b), é nesse contexto de oposição que se pode observar o uso da marcação “-e”. Também foram incluídos como unidades de análise no presente estudo pronomes para os quais é observado o uso de estratégias de neutralização além da adição de “-e”, tais como “ele”, “aquele” e “meu”, por exemplo, que são marcados na forma neutra quando em referência a indivíduos de identidade de gênero não-binária (“elu”, “aquelu”, “mi/minhe”).

Esse recorte teve como objetivo delimitar o contexto no qual a marcação de gênero neutro está mais propensa a ocorrer, visto que o gênero neutro é utilizado atualmente em circunstâncias específicas, como para a referência de uma pessoa de identidade de gênero não-binária e de um grupo composto por indivíduos de gênero desconhecido/variado. Em outras palavras, entende-se que a marcação neutra se associa a palavras que se referem diretamente a um sujeito ou a um grupo de sujeitos, bem como se caracterizam por admitir marcação de gênero por meio de morfemas que representam gêneros semânticos.

A partir desse recorte, foram adicionados à amostra substantivos como “namorada” e “moço”, por exemplo, mas não substantivos como “pessoa” e “pai”, uma vez que, em “pessoa”, apesar de haver referência a uma entidade de traço [+animado], não se observa o traço [+sexuado], de modo que o fonema final /a/ não caracteriza necessariamente um referente de gênero feminino, e em “pai”, embora o substantivo designe uma pessoa e exista uma relação

---

<sup>32</sup> Foram incluídas as variantes da forma masculina “ø”, como em “autor/autora”, e “u semivocálico”, como em “mau/má”, conforme estipula Kehdi (1990), de modo que, nesses casos, apesar de não haver o morfema de gênero “-o” explícito, considera-se que há uma distinção entre forma masculina e feminina.

entre gênero gramatical e semântico, a marcação de gênero não é realizada por flexão, não havendo ambiente para o gênero neutro ocorrer.

Em síntese, a amostra descrita se constitui de substantivos, adjetivos e pronomes, considerados unidades de análise, que foram observados nos tuítes dos participantes selecionados, postados durante o período estipulado (segundo semestre de 2020). Foram extraídos apenas aqueles tuítes contendo substantivos, adjetivos e pronomes nos quais o gênero gramatical (feminino: “-a”, masculino: “-o”, ou neutro: “-e”) ocorre por flexão (ex: “se vc me considera **sue amigue** [...]”, “sou **péssimo** na cozinha [...]”, “eu, quando qualquer mutual é **fofinhe** [...]” e “que **linda!**”), cujo referente remete a um ser humano (traço [+sexuado]).

#### 4.1.1. Critérios para a seleção dos participantes

Para esta pesquisa, foram selecionados, de forma aleatória, três sujeitos, usuários da rede social Twitter que, por meio das ferramentas da plataforma (tais como a biografia, a localização, o tuíte fixado etc.), expressaram explicitamente preferência pelo uso dos pronomes neutros “Elu”, “El”, “Ilu” ou “Ile” para referência própria. Para a localização desses sujeitos, foi realizada uma busca avançada contendo os pronomes pessoais referidos (“Elu”, “El”, “Ilu” e “Ile”), por meio da qual se pretendeu localizar perfis de usuários que apresentavam um desses pronomes no nome ou biografia<sup>33</sup>.

Pressupõe-se que esses usuários, por incluírem alguma referência direta à marcação neutra no próprio perfil, já aderiram ou estão em processo de adesão da variação investigada nesta pesquisa, associando-se, portanto, à comunidade de prática que contempla pessoas não-binárias, uma vez que o emprego do gênero neutro pode ser considerado um ato em direção à transformação do sistema centrado na figura masculina (VISCARDI, 2020), sendo uma estratégia de luta para o enfrentamento das condições que estruturam na sociedade práticas discriminatórias (SANTANA, 2021). Considera-se, nesse sentido, que, por utilizarem os mesmos recursos linguísticos em uma posição contrária à predominância simbólica do gênero masculino e do sistema binário, compartilhando assim valores semelhantes, esses participantes

---

<sup>33</sup> É uma prática comum entre usuários da comunidade LGBTQIA+ no Twitter adicionar na “bio”, espaço de 160 caracteres destinado a uma apresentação pessoal, os pronomes com os quais a pessoa prefere ser referida, geralmente contendo os pronomes pessoais de terceira pessoa e possessivos em terceira pessoa na forma coloquial, como “ele/dele, elu/delu”, por exemplo.

associem-se a uma mesma comunidade prática, definida nos termos apresentados no Capítulo 2 desta pesquisa, com base em Eckert e McConnell-Ginet (1992a; 1992b).

Tendo em vista a seleção dos sujeitos, foram também observados os seguintes fatores: (1) idade do participante, que deveria ser superior a dezoito anos; (2) data de criação da conta na rede social Twitter, que deveria ser anterior a 2020; (3) número de tuítes realizados na conta, que deveria ser expressivo: superior a cinco mil; e (4) atividade de postagem do participante, que deveria ser ativa e frequente até a data estipulada para coleta.

Os sujeitos selecionados foram convidados a responder a uma ficha social<sup>34</sup>, na qual foram adicionadas perguntas referentes a características sociais, relativas ao local de moradia, idade, ocupação etc., bem como a quais causas sociais o participante se associa (se considera-se ativista ou simpatizante de algum movimento) e quais atividades pratica no tempo livre. Também buscou-se conhecer se o participante participa ou já participou de comunidades em redes sociais ou fóruns online nos quais são discutidas questões sobre identidade de gênero e sexualidade, além de como o participante identifica a própria identidade de gênero.

## 4.2. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

### 4.2.1. Variável Resposta

Como variável resposta para esta pesquisa, considerou-se a marcação de gênero realizada por meio de flexão em pronomes, substantivos e adjetivos cujo referente é humano, caracterizado pelo traço [+sexuado], de modo que se apresentam como possibilidades de realização o gênero neutro e outros gêneros (feminino e masculino), como exemplifica-se a seguir:

A) Gênero neutro: “[...] tentaram me convencer que eu estava **errade** [...]”, “[...] **el** posta umas coisas legais também!”

B) Outros gêneros: “[...] eu fico **emocionado**”, “que **menina** insuportável [...]”

Como Gênero neutro consideraram-se palavras marcadas pela flexão “e”, bem como os sistemas de pronomes contemplados anteriormente no Quadro 1. Também se levou em conta

---

<sup>34</sup> Questões éticas relacionadas a esse aspecto são aprofundadas na seção 4.5 a seguir, intitulada “Procedimentos éticos”.

possíveis variações na aplicação da forma neutra por flexão nas quais poderia ser observado o emprego de outras vogais como alternativa de neutralização, tal qual “u”<sup>35</sup>, por exemplo. Outras possibilidades contendo caracteres como “x” e “@”, bem como a omissão de flexão de gênero (como em “amg”, de modo a suprimir a flexão de “amigo/amiga/amigue”), alternativas contendo dois gêneros (“amigos e amigas”, “todas e todos”) ou outros casos, nos quais não é observada uma vogal diferente das utilizadas nas flexões feminina e masculina atuando como uma flexão de gênero neutro, não foram consideradas como variante de Gênero neutro. Em relação à variante Outros gêneros, foram considerados apenas os gêneros gramaticais feminino e masculino, de modo que outras possibilidades fora do estipulado não foram contempladas.

#### 4.2.2. Variáveis Previsoras

##### 4.2.2.1. Classe Morfossintática

O controle dessa variável permitirá verificar se determinada classe morfossintática propicia ou não a marcação de gênero neutro, tendo em vista a relação entre o uso da marcação neutra e a referência de pessoas de identidade de gênero não-binária. Nessa direção, considerando a função do pronome, de determinação e indicação da pessoa que participa do ato comunicativo (CEGALLA, 2008), tem-se como hipótese que a classe morfossintática Pronome possa vir a favorecer a marcação de gênero neutro, visto que é utilizada como meio para referência e especificação de indivíduos no discurso.

Como fatores, foram delimitados:

- A) Substantivo: “tô aí, **amigues**”
- B) Adjetivo: “a pessoa está **destinade** [...]”
- C) Pronome: “[...] **elu** não sabe que essa é uma possibilidade [...]”

##### 4.2.2.2. Função Sintática

Considera-se esta variável levando em conta a possibilidade de a função sintática exercida pela palavra observada favorecer a marcação de gênero neutro. Semelhante à variável

---

<sup>35</sup> Um exemplo desse uso foi observado nas palavras “meninu” e “sensatu”, nas quais a vogal “u” foi utilizada como uma alternativa à vogal “e” para neutralização.

Classe Morfossintática, estipula-se que funções sintáticas cujo propósito contemple a relação entre locutor e interlocutor no ato comunicativo, evidenciando a figura de quem é referido, favoreçam a marcação de gênero neutro, como vocativo e sujeito.

O vocativo é utilizado para chamar ou interpelar o interlocutor (CEGALLA, 2008), servindo como meio para evidenciar a pessoa a quem nos dirigimos (BECHARA, 2009), nesse sentido, podendo evidenciar também o gênero desta. O sujeito, semelhante ao vocativo na medida em que pode explicitar uma pessoa no texto, é considerado por Cegalla (2008, p. 324) como “o ser do qual se diz alguma coisa”, podendo ser composto por pronomes ou substantivos. Por uma perspectiva formal, é considerado por Perini (2005, p. 77) como “o termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado”, podendo cumprir o papel de agente, responsável pela ação determinada pelo verbo. Dado que ambas as funções sintáticas apresentam o potencial de salientar aqueles a quem o locutor se refere, toma-se como hipótese que as funções de Vocativo e Sujeito possam vir a favorecer a marcação de gênero neutro.

Essa variável foi composta a partir dos dados que constituem a amostra, sendo classificados de acordo com a orientação da norma gramatical em Bechara (2009) e Cegalla (2008) como Sujeito, Objeto direto, Objeto indireto, Predicativo do sujeito, Predicativo do objeto, Complemento nominal, Agente da passiva, Adjunto adnominal, Adjunto adverbial, Aposto e Vocativo.

Também é importante especificar que, associada à função sintática de Sujeito, considerou-se um outro tipo de papel sintático desempenhado, denominado Sujeito ao qual o discurso direto seguinte corresponde tendo em vista a recorrência de um tipo de construção frasal observado frequentemente nos tuítes coletados, que narra um acontecimento por meio de discurso direto, como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (2) **Mi namorade:** podemos conversar?  
Eu: claro amor o que foi? [...]

Em (2), a palavra destacada diz respeito ao enunciador responsável pela frase que segue. Apesar de não caracterizar uma função sintática específica conforme a norma gramatical, optou-se por codificar tais casos como Sujeito ao qual o discurso direto seguinte corresponde, considerando-os uma categoria associada à função Sujeito.

Adicionalmente, considerou-se como Frase Nominal ocorrências que não se encaixaram em nenhum outro fator da variável por constituírem sintagmas nominais com sentido completo e pausa bem definida no contexto do tuíte.

A fim manter a ortogonalidade entre os fatores para a realização de testes estatísticos, optou-se por agrupar as funções apresentadas acima, de modo a amalgamar funções sintáticas que desempenham papéis semelhantes. Nesse sentido, são contemplados pela variável Função Sintática os seguintes fatores, de acordo com o Quadro 2:

**Quadro 2** - Fatores referentes à variável Função sintática

<b>Fator</b>	<b>Quais ocorrências são contempladas</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Sujeito</b>	Ocorrências que exerçam a função sintática de sujeito ou se refiram ao sujeito ao qual o discurso direto seguinte corresponde.	(1) “[...] muitos <b>bruxinhos</b> me seguem” (2) “pessoa: boa noite <b>chiquilento</b> : eu me RECUSO a usar pronome neutro [...]”
<b>Objeto</b>	Ocorrências que exerçam as funções sintáticas de objeto direto ou indireto.	(1) “Para assombrar <b>acefobiques</b> [...]” (2) “eu não dou conta <b>delu</b> [...]”
<b>Predicativo</b>	Ocorrências que exerçam as funções sintáticas de predicativo do sujeito ou predicativo do objeto.	(1) “cês são muito <b>fofinhes</b> [...]” (2) “precisa de ume artiste muito <b>talentose</b> [...]”
<b>Complemento Nominal e Adjuntos</b>	Ocorrências que exerçam as funções sintáticas de complemento nominal, adjunto adnominal ou adjunto adverbial.	(1) “vitória des <b>não-bináries</b> ” (2) “requisitos para ser <b>minhe</b> namorade [...]” (3) “tô morrendo de medo de chegar lá <b>tode</b> saltitante [...]”
<b>Vocativo</b>	Ocorrências que exerçam a função sintática de vocativo.	(1) “[...] quero parceria e confiança, <b>gate</b> ”
<b>Outros</b>	Ocorrências que exerçam as funções sintáticas de agente da passiva ou aposto.	(1) “[...] o tweet foi excluído pelo <b>autor</b> ” (2) “[...] pena seria o dano colateral (ês <b>amigues</b> )”
<b>Frase Nominal</b>	Ocorrências que não desempenham função sintática, devido à falta de um verbo, ou que constituem sintagmas nominais com sentido completo e pausa bem definida no contexto do tuíte	(1) “ <b>tadinhe</b> de você” (2) “ <b>Obrigade!!</b> ”

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme pode ser observado no Quadro 2, foi realizada a redução de treze fatores, incluindo frases nominais e o sujeito ao qual o discurso direto seguinte corresponde, em sete, a saber: Sujeito, incluindo a função sintática de sujeito e essa subespecificação exemplificada em (2) e no segundo exemplo do Quadro 2, referente ao sujeito responsável pelo discurso direto seguinte; Objeto, contemplando as funções de objeto direto e indireto; Predicativo, abrangendo as funções de predicativo do sujeito e do predicado; Complemento Nominal e Adjuntos, incluindo complemento nominal e adjuntos adnominal e adverbial; Vocativo, referindo-se a função de vocativo; Outros, englobando as funções de aposto e agente da passiva; e Frase

Nominal, referindo-se às ocorrências referentes à sintagmas nominais com sentido completo e pausa definida (ponto final ou ponto de exclamação ou de interrogação) no tuíte.

#### 4.2.2.3. *Tópico*

Em termos referentes à estrutura da conversação, entende-se como tópico “aquilo sobre o que se fala” (KOCH, 2013, p. 81), tendo em vista que, em um contexto de interação comunicativa, a conversação se estrutura por meio de tópicos: assuntos abordados pelos interlocutores, delimitáveis em certa medida no contexto conversacional. Nesse sentido, considera-se que a variável Tópico possa influenciar o uso da marcação de gênero neutro, visto que a adoção da linguagem neutra pode se associar a textos voltados para temas específicos, como aqueles associados à inclusão e representatividade linguística de membros da comunidade LGBTQIA+, em tuítes cujo principal objetivo seja discutir sobre questões de identidade de gênero, linguagem neutra e preconceito.

Tendo em vista o potencial da rede social como um espaço de acolhimento e de manutenção de identidades, por meio do qual podem-se travar discussões acerca dos aspectos identitários que formam a comunidade não-binária, conforme observa Xie (2015), leva-se em conta a hipótese de que tuítes que tratam de questões relativas à inclusão e à identidade de gênero possam favorecer o uso da marcação de gênero neutro. Essa hipótese vai ao encontro do conceito de comunidade de prática, uma vez que se estipula que o Twitter possa ser um espaço no qual pessoas não-binárias possam organizar-se e interagir, juntando-se a favor de mais visibilidade e respeito, conforme discutido no Capítulo 3, seção 3.2. Nesse sentido, o emprego do gênero neutro, bem como a prática de discussões que envolvam a temática de identidade, podem ser consideradas práticas associadas à comunidade de indivíduos de identidade de gênero não-binária e seus apoiadores.

Como fatores dessa variável, estipulou-se a existência de tópicos variados aos quais os tuítes se associam a depender da intenção do locutor e do assunto tratado. Esses tópicos foram considerados na codificação dos dados de forma excludente, de modo que foi atribuído apenas um tópico por tuíte a partir do assunto principal que era abordado<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Exemplo de condução da codificação da variável Tópico: o tuíte “É errado ficar **trancado** no quarto pra não ter q conversar com os parentes q vem visitar?” embora se refira a uma situação cotidiana, foi codificado como Relações Gerais, uma vez que aborda uma situação referente à relação do participante com sua família. Nesse caso, o relato do usuário traz à tona aspectos do convívio familiar. Por isso optou-se por codificar esse dado como

São fatores, portanto, temáticas que incluem:

A) Política: relativa a tuítes nos quais há comentários sobre o cenário político ou manifestações explícitas contra ou a favor de uma causa social por uma perspectiva política. Exemplo: “Aqui já pediram impeachment do **novo prefeito** 3 vezes [...]”.

B) Identidade: relativa a tuítes nos quais são abordados temas que dizem respeito a características identitárias, como identidade de gênero, neuroatipicidade e sexualidade. Exemplo: “[...] é a semana da visibilidade ace! boa tarde, você é **valide** pra caramba”

C) Cotidiano: relativa a tuítes que tratam de questões rotineiras, como acontecimentos do dia a dia, comentários sobre pets, saúde e alimentação. Exemplo: “tá vindo um cheiro muito bom da cozinha e eu to com medo de chegar lá **tode** saltitante e me iludir”

D) Mídia Social e Cultura: relativa a tuítes que tratam de questões voltadas para a mídia ou redes sociais, como opiniões sobre filmes, livros, músicas etc., além de memes e interações referentes a correntes de rede social que não se aprofundam em temas específicos. Exemplo: “O filme inteiro foi meio sem noção, mas **essa** personagem ganha o prêmio.”

E) Relacionamento Afetivo: relativa a tuítes nos quais são abordadas questões que dizem respeito a relacionamentos românticos e/ou sexuais de forma geral. Exemplo: “Eu quero um beijo **delu**”

F) Relações Gerais: relativa a tuítes nos quais é estabelecido contato com outra pessoa, seja no relato de uma situação que já aconteceu ou no contato na própria rede social. Foram considerados nesta temática textos voltados para a relação entre família, amigos, colegas de classe ou trabalho, bem como demonstrações de afeto entre participante e seguidores no próprio Twitter. Exemplo: “Boa sorte, amg, espero que o **professor** seja **compreensivo**”

G) Crenças e Opiniões: relativa a tuítes que envolvam a expressão de opiniões e crenças, religiosas ou não, bem como de valores éticos, morais e filosóficos. Exemplo: “Para falar mal do cristianismo você não precisa ser **bruxe**. Olha eu aqui.”

---

Relações Gerais. De forma semelhante, para a codificação dessa variável, buscou-se verificar em qual tema delimitado previamente os tuítes se encaixavam mais adequadamente.

H) Conflitos: relativa a tuítes constituídos por provocações de teor afrontoso, caracterizando um conflito entre dois ou mais usuários. Exemplo: “não posso fazer nada se você é **burra** [...]”

Espera-se que o controle dessa variável indique em que medida o uso da marcação de gênero neutro vincula-se de alguma forma a tuítes voltados para tópicos específicos, como direcionados a questões sobre identidade, hipótese considerada, conforme apresentado anteriormente, ou apresenta-se difundido em tuítes de assuntos variados.

#### 4.2.2.4. *Concordância de Gênero*

Por meio do controle dessa variável, busca-se verificar se o uso da marcação de gênero neutro em uma unidade de análise se apresenta em concordância com os outros elementos flexionáveis constituintes do Sintagma Nominal (SN) ou com seu respectivo referente, de modo a identificar quais desses elementos podem favorecer ou não a ocorrência da marcação de gênero neutro em posição na qual seria necessário realizar concordância. Parte-se do princípio de que, no contexto delimitado nesta pesquisa (adjetivos, substantivos e pronomes que se referem a seres de humanos de traço [+sexuado], cuja marcação de gênero ocorre por meio de flexão), não há variação de gênero no PB no que se refere aos gêneros gramaticais feminino e masculino, sendo essa uma característica específica ao gênero neutro.

Tem-se como hipótese que a marcação de gênero neutro se associe mais àqueles elementos que, em determinada construção sintática, referenciam o indivíduo de gênero não-binário qualificando-o e/ou especificando-o, o que pode ocasionar uma concordância parcial de gênero gramatical. Nesse sentido, conforme explica Lucchesi (2021), as mudanças referentes ao gênero neutro nas palavras gramaticais (como pronomes e artigos) tendem a ser muito mais lentas e profundas em relação às palavras referenciais, que remetem ao mundo exterior, pois mudanças nas palavras gramaticais vão de encontro à programação linguística internalizada pelos falantes. Ainda, de acordo com Schwindt (2020b), conforme abordado no Capítulo 2, seção 2.2.2, o gênero é mais do que uma informação lexical, sendo um mecanismo gramatical, que, no caso de neutralização por “-e”, pode encontrar complicações relacionadas à determinação por artigos e pronomes, bem como à retomada pronominal. O uso do gênero neutro em artigos e pronomes, nesse sentido, depende de certa medida de aprendizagem formal (SCHWINDT, 2020b). Estipula-se que tal contexto possa ocasionar menos realizações de

concordância de gênero para a variante neutra, tendo em vista o emprego de artigos em sintagmas nominais e de pronomes em sintagmas nominais e/ou desempenhando função anafórica.

Para o controle dessa variável, foi considerada como unidade de análise a palavra, sendo adotada uma abordagem atomística, de modo que cada palavra foi considerada um elemento que se encontrava ou não em situação de concordância. Em um tuíte como “[...] **mi namorade é perfeita**”, por exemplo, os três termos destacados estabelecem relação de concordância, sendo “mi namorade” duas palavras em concordância no SN e “perfeite” uma palavra em concordância com o referente “mi namorade”. Nesse exemplo, são contabilizados três dados: dois em concordância no SN e um em concordância com o referente.

São, portanto, fatores dessa variável:

- A) Concorda no Sintagma Nominal: relativo a casos em que a marcação do mesmo gênero ocorre em todos os elementos flexionáveis do SN. Exemplo: “Você precisa de **amigues novas**”
- B) Não Concorda no Sintagma: relativo a casos em que a marcação de gênero difere em pelo menos um elemento do SN. Exemplo: “**Bom menino**”
- C) Concorda com Referente: relativo a casos em que a marcação de gênero encontra-se em conformidade com o referente. Exemplo: “**mi namorade é perfeita** [...]”
- D) Não Concorda com Referente: relativo a casos em que a marcação de gênero difere em relação ao referente. Exemplo: “[...] pq você discordaria das crueldades que vc **mesme** faz comigo, **patroa**?”
- E) Sem Ambiente para Concordância. relativo a casos em que não há outros elementos em relação aos quais poderia se estabelecer concordância. Exemplo: “muito **lindeee!**”

No caso do fator Sem Ambiente para Concordância, consideraram-se ocorrências nas quais não há mais de um elemento que comporte marcação de gênero no sintagma nominal nem um referente presente no texto. São exemplos disso palavras pertencentes a tuítes curtos e objetivos, que podem não proporcionar o contexto adequado para ocorrer concordância de gênero, como é o caso de tuítes que contêm apenas a expressão “obrigado!”, por exemplo.

Por fim, é importante ressaltar que são abrangidos pela variável Concordância de Gênero apenas casos de concordância gramatical nos quais os referentes apresentam gênero gramatical explícito, podendo ser retomados textualmente. Isso significa que um dado como “oq **elu** fez?”, por exemplo, é associado ao fator Sem Ambiente para Concordância, uma vez que no próprio tuíte não é possível retomar o referente do pronome “elu” e conferir se é estabelecida ou não uma relação de concordância de gênero.

#### 4.2.2.5. *Marcação de Gênero em Referência Genérica/Específica*

Essa variável tem como objetivo investigar como se situam as referências desempenhadas pela marcação de gênero, estipuladas aqui como:

A) Referência Genérica: “[...] esqueci que **seus** milhares de **seguidores** no tt não podem saber [...]”

B) Referência Específica: “A foto do meu perfil sou eu **mesme** [...]”

O controle dessa variável permitirá verificar se há adesão da marcação neutra como generalizadora para a referência de um grupo de pessoas cujo gênero é variado ou indeterminado, além da Referência Específica, utilizada de forma mais restrita para a referência de indivíduos de identidade de gênero não-binária.

Com base na exposição realizada no Capítulo 2, que busca esclarecer os motivos pelos quais o emprego do masculino genérico (MÄDER, 2015) tende a ser evitado, uma vez que seu uso representa valores simbólicos associados à predominância da figura masculina no meio social, tem-se como hipótese que os participantes da pesquisa preferirão fazer uso da marcação neutra para referência de sujeitos não-binários e de grupos compostos por pessoas de gêneros variados, sendo restrito o uso de outros gêneros apenas para a referência de pessoas cujo gênero é conhecido pelo usuário. Considera-se que esses sujeitos, por utilizarem a marcação de gênero neutro e se associarem à comunidade de prática não-binária, demonstrarão empenho em utilizar uma linguagem mais inclusiva, que possibilite visibilidade a identidades não-binárias, utilizando mais a marcação neutra em referência genérica.

#### 4.2.2.6. *Participante*

Este trabalho conta com a participação de três sujeitos, referidos aqui como Participantes A, B, e C.

O primeiro, Participante A, nasceu em 1995 e reside no município de Varginha, localizado na região sul do estado de Minas Gerais. Possui ensino superior completo e atualmente não exerce nenhuma profissão. No que se refere aos seus interesses, costuma estudar, ler livros, jogar jogos de celular e assistir a filmes, séries, animes e reality shows, tópicos que, com frequência, fazem parte de seus tuítes. Adicionalmente, o Participante A se considera ativista da causa LGBTQIA+ e simpatizante da causa racial, estando integrado a discussões online relativas à identidade de gênero e sexualidade. Em relação à própria identidade de gênero, o participante se identifica como transgênero não-binário alinhado ao masculino, sendo, como ele mesmo explica, “uma pessoa que se identifica com um gênero mais masculino”.

O segundo participante desta pesquisa, denominado Participante B, nasceu no ano de 2002 e reside em São Paulo capital. Atualmente está cursando o ensino superior e não atua profissionalmente, tendo como atividades, tocar piano, ler livros e navegar na internet. O Participante B considera-se simpatizante de “qualquer grupo que precise de apoio” e afirma participar de comunidades online nas quais há discussões relativas à identidade de gênero e sexualidade. No que se refere à própria identidade de gênero, identifica-se como agênero, explicando a própria identidade de gênero da seguinte forma: “eu simplesmente não tenho gênero, não sinto que nenhum me caiba.”

O último participante, Participante C, nasceu no ano de 2001 e reside na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Cursa ensino superior e não atua profissionalmente no momento, mencionando como interesses jogar jogos, ouvir músicas e assistir a vídeos e séries online. Afirma ser simpatizante dos movimentos LGBTQIA+, do qual faz parte, bem como dos movimentos Feminista e Negro. Diferente dos outros sujeitos apresentados, o Participante C afirma nunca ter participado de comunidades online voltadas para a discussão de questões sobre identidade de gênero e sexualidade, reconhecendo-se como homem cis: “sou homem, me identificando com o gênero me imposto ao nascer”. Assim, apesar de atestar no perfil da rede social a preferência pelos pronomes masculino e neutro para referência própria, o Participante C não situa sua própria identidade de gênero no espectro da não-binariedade, diferenciando-se dos Participantes A e B.

Tendo em vista esses três participantes, buscou-se observar, por meio de uma perspectiva qualitativa, de que forma características sociais, tais quais o ano de nascimento, o local de moradia, a escolaridade e a participação em comunidades online sobre identidade de gênero, podem se relacionar com o uso da marcação neutra. Aspectos como idade, local de moradia e escolaridade mostram-se relevantes no que diz respeito à compreensão da realidade na qual o sujeito se situa, visto que o contexto social exerce influência acerca do que se pode conhecer sobre pautas LGBTQIA+ voltadas para identidade de gênero, bem como acerca do que se pode compreender sobre a língua como fenômeno mutável, propensa a mudanças além do que determina a gramática normativa.

Cogita-se, nesse sentido, que o perfil das pessoas que utilizam a marcação de gênero neutro na rede social Twitter seja de indivíduos mais jovens, nascidos a partir da década de 90, com nível de escolaridade mais alto, de regiões metropolitanas e engajados em comunidades online que envolvam assuntos voltados para a identidade de gênero e a adoção da marcação de gênero neutro. No trabalho de Xie (2015), por exemplo, observou-se uma relação forte entre pessoas não-binárias e ambientes virtuais, utilizados como recurso para a manutenção de identidade e para a discussão e o compartilhamento acerca de aspectos relativos à temática de identidade de gênero. Nesse sentido, considera-se que esses espaços online permitem o engajamento e a reflexão necessários para a adesão da variação estudada nesta pesquisa.

#### 4.2.2.7. *Mês de Coleta*

Considera-se por meio dessa variável a possibilidade de que o uso da marcação de gênero neutro aumente com o passar dos meses durante o segundo semestre de 2020, devido às crescentes discussões acerca do tema no Twitter e na mídia de forma geral. Para tal, organizaram-se as ocorrências por mês, a partir de julho de 2020.

São fatores, portanto, os meses de:

- A) Julho
- B) Agosto
- C) Setembro
- D) Outubro
- E) Novembro
- F) Dezembro

O controle dessa variável permitirá também verificar em qual período do ano os sujeitos selecionados fizeram mais uso da marcação de gênero neutro, bem como se houve um aumento ou não em relação a outros meses.

#### 4.2.2.8. *Item Lexical*

Espera-se que o controle dessa variável, de caráter aleatório, permita constatar se determinado item lexical favorece o uso da marcação de gênero neutro, tendo em vista a possibilidade de a marcação neutra ocorrer com mais frequência em palavras específicas, associando-se, portanto, a certos itens lexicais. Como fatores dessa variável, serão contempladas as palavras nas quais a variável resposta desta pesquisa se apresenta, registradas na forma masculina singular. Essa codificação remete aos *types*, que se referem à contagem de itens lexicais diferentes, considerando em quantos destes determinado padrão ou construção é aplicável (BYBEE; THOMPSON, 1997). Nesse sentido, ocorrências diferentes como “amigues”, “amiga” e “amiguinho”, por exemplo, foram todas codificadas como “amigo”.

Esta variável recebeu ainda uma segunda coluna de codificação para o registro dos *tokens*, referentes à contagem das ocorrências de determinadas palavras (BYBEE; THOMPSON, 1997). Esse controle tem por objetivo registrar o modo como o gênero neutro é empregado em cada item lexical, a fim de que seja possível observar se há recorrência das mesmas formas neutras e como estas podem variar, dado que não há consenso no português sobre como a marcação de gênero neutro deve ser realizada, sendo observadas várias opções de sistemas pronominais, conforme registrado no Quadro 1 e discutido por Lau (2017) no Capítulo 2, dedicados à realização da marca neutra em pronomes. Um exemplo disso pode ser observado no uso do pronome possessivo “meu” na forma neutra, produzido às vezes como “minhe”, às vezes como “mi”. Nesse sentido, será possível examinar quais formas neutras são escolhidas com mais frequência, constatando-se caso haja ou não ocorrências de variação no emprego de gênero neutro em mesmos *types*.

### 4.3. ORGANIZAÇÃO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados foram organizados em uma planilha, na qual são dispostas nas linhas as unidades de análise, juntamente ao tuíte ao qual elas se associam, e nas colunas a variável resposta e as variáveis preditoras. A codificação foi realizada com base nos fatores apresentados

ao longo desse capítulo, abreviados em alguns casos a fim de simplificar o processo de coleta e organização. Nesse sentido, uma ocorrência como “obrigade”, por exemplo, foi codificada como (1) “N”, para Gênero Neutro na variável resposta, (2) “FN”, para Frase Nominal na variável preditora Função Sintática, (3) Adjetivo, na variável preditora Classe Morfossintática, (4) “Obrigado”, na variável preditora Item Lexical, (5) “Obrigade” para controle da realização da forma neutra, (6) “NE” para “Não se emprega/não há ambiente para concordância” na variável preditora Concordância de Gênero, (7) “RA” para Relacionamento Afetivo” na variável preditora Tópico (visto que o dado utilizado como exemplo está inserido em um contexto comunicativo que focaliza no tópico em questão), (8) “E” para Específico na variável preditora Marcação de gênero em Referência Genérica/Específica, (9) “B” referente ao Participante B, responsável pelo dado, e, por fim, (10) “8” para Agosto na variável preditora Mês de Coleta.

#### 4.4. INSTRUMENTO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados coletados foram submetidos à versão mais recente do software R (versão 4.1.2) por meio da interface RStudio. O R é um software distribuído de maneira gratuita por meio de uma licença de uso público geral, que permite aos usuários adicionar funções diversas, capazes de realizar análise estatística e elaborar gráficos. Para Levshina (2015), o R pode ser considerado como o programa padrão de análise em diversas áreas da Linguística, principalmente nas voltadas para pesquisa de corpus e estudos na área computacional, visto que o software oferece diversos pacotes feitos para propósitos específicos, escritos por especialistas de diferentes campos.

Para a realização da análise estatística, os dados coletados, organizados em uma planilha no Excel, foram convertidos em formato “.csv” e submetidos às funções `table()`, `prop.table()` e `ggplot()` para organização de tabelas, cruzamento de variáveis e elaboração de gráficos, sendo a regressão logística realizada por meio das funções `glm()` e `glmer()`.

#### 4.5. PROCEDIMENTOS ÉTICOS<sup>37</sup>

A amostra de dados utilizada nesta pesquisa compõe-se de tuítes públicos, disponíveis online; no entanto, apesar de serem acessíveis a todos, considera-se necessário adotar medidas que preservem a privacidade e a integridade dos participantes, sendo responsabilidade do pesquisador em relação a quem produziu os dados assegurar esses direitos.

Para D’Arcy e Young (2012), ao trabalhar com a coleta de dados linguísticos provenientes de redes sociais, o pesquisador pode assumir diferentes papéis como audiência, que variam a depender da consciência que os enunciadores têm acerca da presença deste. Para o pesquisador, assumir o papel de “bisbilhoteiro”, referente àqueles indivíduos que leem determinada interação online, mas não são conhecidos pelos falantes, seria, conforme estimam D’Arcy e Young (2012), o mesmo que gravar de modo sorrateiro conversas em espaços não virtuais. Segundo essas autoras, o papel ideal a se assumir ao coletar dados online seria o de “ouvinte”: uma figura conhecida pelo falante, que este tem consciência que existe e que lerá o texto, mas a quem a interação não é direcionada. Nesse sentido, coletar dados como um ouvinte possibilita ao pesquisador assumir uma posição exterior ao ato comunicativo, de um observador, ao mesmo tempo que é possível se aproximar e tratar com os participantes sobre questões voltadas para privacidade, riscos e consentimento, de modo que os participantes estejam conscientes da identidade, presença e intenção do pesquisador de coletar dados para fins acadêmicos (D’ARCY; YOUNG, 2012).

Conforme Eckert (2014), o consentimento é o pilar para práticas de pesquisa éticas, sendo elemento fundamental para que os participantes atuem de forma consciente e voluntária. Nesse sentido, mais do que recolher uma assinatura em um documento, obter consentimento é visto por Eckert (2014) como um processo baseado no estabelecimento e na manutenção de confiança entre pesquisador e participante, o que implica na responsabilidade do pesquisador de explicar o papel que o participante terá na pesquisa e quais efeitos sua participação terá.

Tendo esses pontos em mente, visto que esta pesquisa aborda produções linguísticas provindas de indivíduos, tomou-se o consentimento destes para que os dados que compõem a amostra deste trabalho fossem utilizados de maneira responsável. Apesar de estarem disponíveis na internet para acesso de todos, considera-se que as manifestações linguísticas provindas da rede social Twitter não foram publicadas pelo usuário tendo em vista a

---

<sup>37</sup> O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/PUCRS), apresentando a seguinte numeração relativa ao Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 45742021.7.0000.5336.

possibilidade de serem empregadas em uma pesquisa científica, por isso necessitam de aprovação para serem utilizadas com esse objetivo. Nesse sentido, os cuidados éticos acima descritos foram tomados, bem como foi obtido o consentimento dos participantes selecionados para a utilização de seus tuítes neste trabalho.

Em relação aos dados obtidos via ficha social, foi conduzida a solicitação aos usuários selecionados do preenchimento de informações pessoais que não estão disponíveis no âmbito da internet, o que demandou tempo e atenção dos participantes. As informações obtidas dessa forma foram utilizadas unicamente para o propósito deste trabalho, sendo concedidas pelos sujeitos que, de forma consciente, concordaram em responder a ficha social e disponibilizar informações pessoais para os fins desta pesquisa.

Ainda, no caso de dados coletados online por meio de mídias sociais como o Twitter, há de ser tomado certo cuidado para preservar a identidade dos participantes, visto que, conforme explica Eckert (2014), apesar de a internet prover acesso a dados aparentemente anônimos, a rede também facilita a localização desses dados e a identificação de suas fontes. Para lidar com essa situação, adotou-se uma abordagem semelhante à proposta por Adams e Chiarelli (2021), os quais, para manter a anonimidade dos dados de sua pesquisa, optaram por omitir qualquer informação que pudesse indicar a identidade dos participantes, como fotos de perfil e nomes de usuário, bem como capturas de tela contendo posts, comentários ou tuítes utilizados. Outra medida adotada por Adams e Chiarelli (2021) a fim de impossibilitar a busca de frases, referentes aos dados coletados online, e transcritas como exemplos foi a de não citar de forma exata qualquer dado, de modo a cortar excertos ou realizar a substituição de itens lexicais secundários por sinônimos, dificultando assim a possibilidade de ocorrer busca reversa.

Para a condição da pesquisa em tela foi solicitado, portanto, o consentimento formal dos participantes em relação aos dados obtidos por meio do Twitter e da ficha social para uso na pesquisa aqui descrita, sendo empreendido um cuidado com a preservação da identidade dos participantes. Com esse propósito em mente, no que se refere às manifestações linguísticas coletadas através do Twitter, foi realizada troca e/ou omissão de itens lexicais não contemplados pela análise nos exemplos de dados apresentados neste trabalho, o que visa dificultar a localização do sujeito via busca na internet. Dessa forma, é garantida a anonimidade do participante, bem como assegurada sua privacidade.

## 5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são reportados os valores observados referentes à distribuição dos dados, bem como os resultados obtidos por meio dos testes estatísticos propostos. O capítulo divide-se em quatro seções: na primeira, Frequência Global, apresenta-se e descreve-se a frequência global observada em relação à amostra de dados dos três participantes; na segunda, Análise Multivariada, são reportados os resultados obtidos referentes aos modelos de regressão logística elaborados tendo em vista a amostra de dados de cada participante; na terceira, Variável Mês de Coleta, descrevem-se as distribuições observadas em relação ao emprego do gênero neutro ao longo dos meses; e na quarta, Variável Item Lexical, discutem-se particularidades das ocorrências marcadas com gênero neutro, tendo em vista os itens léxicos observados, bem como apresenta-se um modelo de regressão logística contemplando as variáveis Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios.

### 5.1. FREQUÊNCIA GLOBAL

Foram observadas no total, nos tuítes do segundo semestre de 2020 dos três participantes selecionados, 3.446 ocorrências de substantivos, adjetivos e pronomes com marcação de gênero masculina, feminina ou neutra por morfema, as quais apresentam como referente seres humanos, conforme estipulado no Capítulo 4, referente à metodologia deste estudo. A seguir, é possível observar a distribuição desses dados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Frequência Global – Marcação de Gênero Gramatical: Participantes A, B e C

Gêneros gramaticais (número de ocorrências/%)			
Masculino	Feminino	Neutro	Total
2.012 (58,4%)	896 (26%)	538 (15,6%)	<b>3.446</b>
2.908 (84,4%)			

Fonte: elaborada pela autora

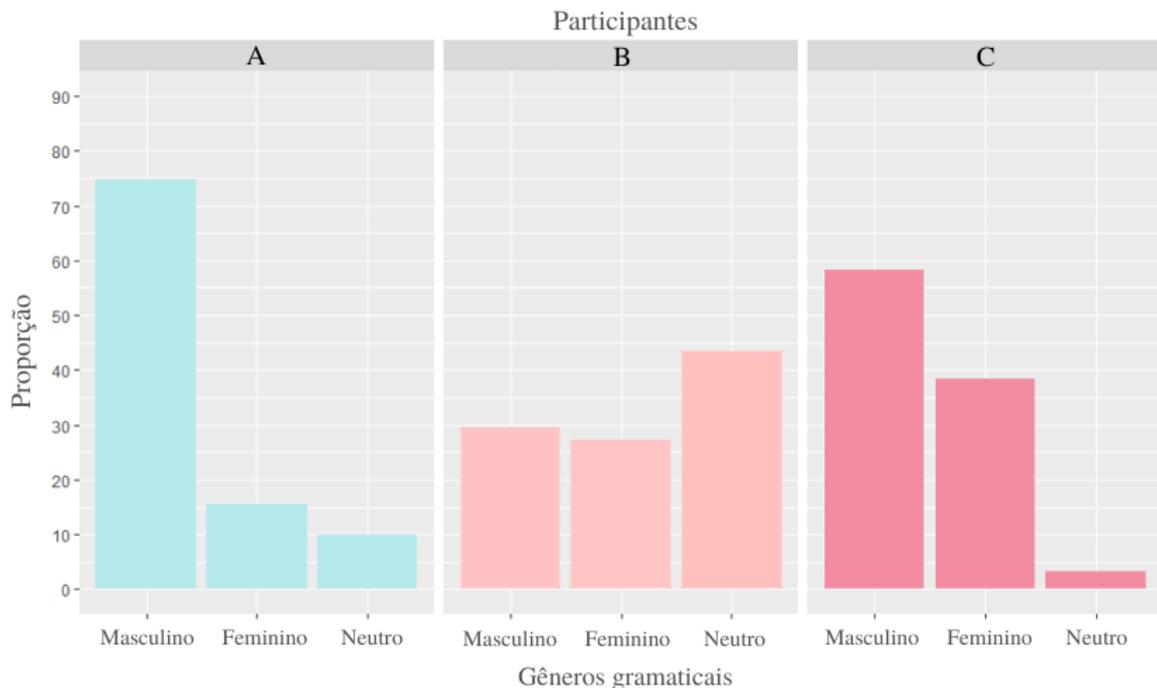
Conforme apresenta-se na Tabela 1, o gênero gramatical mais utilizado pelos participantes foi o masculino, com 2.012 ocorrências, representando 58,4% do total de ocorrências, seguido pelo gênero feminino, com 896 ocorrências, 26% do total, e pelo gênero neutro, com 538 ocorrências, correspondendo a 15,6% da amostra. As ocorrências de gênero

masculino e feminino somadas representam 2.908 ocorrências, caracterizando 84,4% da amostra, enquanto a variante neutra diz respeito a 15,6% desses dados.

A partir da distribuição apresentada na Tabela 1, é possível observar que os gêneros masculino e feminino correspondem à maioria das ocorrências de gênero que constituem a amostra, sendo a forma masculina, especificamente, predominante em relação aos outros gêneros gramaticais. O gênero neutro, por outro lado, apresenta o menor número de ocorrências, o que indica que, mesmo entre sujeitos que adotam a marcação de gênero neutro e se mostram engajados em questões voltadas para a relação entre identidade de gênero e gênero gramatical, a forma neutra ainda representa uma porcentagem de uso inferior a outros gêneros.

A fim de delimitar de que forma os dados apresentados na Tabela 1 se distribuem por participante, elaborou-se o Gráfico 1, apresentado a seguir, no qual é ilustrada a distribuição de uso dos gêneros gramaticais masculino, feminino e neutro tendo em vista cada participante.

**Gráfico 1** - Proporção de gênero gramatical por participante (A, B e C)



Fonte: elaborado pela autora

Conforme as proporções indicadas no Gráfico 1, de 1.458 dados coletados referentes ao Participante A, 1.091 (74,8%) foram marcados na forma masculina, 224 (15,3%) na forma feminina e 143 (9,8%) na forma neutra. Em relação ao Participante B, de um total de 821 dados, observou-se 241 (29,3%) ocorrências de gênero masculino, 224 (27,2%) de gênero feminino e

356 (43,3%) de gênero neutro. No que se refere ao Participante C, constatou-se, de um total de 1.167 dados, 680 (58,2%) ocorrências de gênero masculino, 448 (38,3%) de gênero feminino e 39 (3,3%) de gênero neutro.

Com exceção do Participante B, a distribuição por participante ilustrada no Gráfico 1 corresponde à distribuição geral de dados observada na Tabela 1, caracterizando-se por apresentar um maior número de ocorrências de gênero masculino, seguido pelos gêneros feminino e neutro. Ainda assim, é possível observar que o Participante A faz um uso mais expressivo da marcação masculina (74,8%), enquanto as marcações feminina e neutra apresentam proporções mais semelhantes entre si, respectivamente 15,3% e 9,8%. É possível associar a alta porcentagem de uso da marcação masculina para esse participante à identidade de gênero deste, que, apesar de se situar no espectro não-binário, aceitando a utilização do gênero neutro para referência própria na rede social, reconhece-se como mais alinhado ao gênero masculino. Em sua prática linguística no Twitter, isso implica em um alto índice de uso do gênero gramatical masculino, principalmente em textos cujo referente é o próprio enunciador, como é exemplificado a seguir:

(3) Participante A: “eu sou **alérgico**, não tem como eu ficar **calmo** kkk”

Na ocorrência em (3), as palavras destacadas são marcadas na forma masculina pelo Participante A em referência a si próprio, o que indica, considerando também o conjunto total dos dados, que o próprio participante prefere a marcação masculina e a usa com frequência quando se refere a si mesmo. Esse contexto explica a alta quantidade de ocorrências masculinas observadas no Gráfico 1, conforme será mais detalhadamente abordado quando for discutida a distribuição de referência genérica/específica.

O Participante B, por outro lado, apresenta uma distribuição de dados por gênero diferente das observadas em relação aos participantes A e C, na qual 43% dos dados observados caracterizam-se pela marcação do gênero neutro, enquanto as formas masculina e feminina correspondem a proporções semelhantes, de 29,3% e 27,2%, respectivamente. Tendo em vista a frequência global dos dados incluindo todos os participantes (registrada na Tabela 1), é possível verificar que a maior parte das ocorrências da variante neutra é observada nos dados relativos ao Participante B, responsável por 356 ocorrências de gênero neutro do total das 538 que compõem a amostra.

O alto índice de uso da marcação de gênero neutro para o Participante B parece se associar às identidades de gênero do próprio participante, que se identifica como agênero, e de seu parceiro, frequentemente mencionado nos tuítes que compõe a amostra, conforme o exemplo abaixo:

(4) Participante B: “**mi** crush disse que sou **fofe**”

Na ocorrência apresentada em (4), as palavras destacadas são marcadas na forma neutra pelo Participante B em referência a seu parceiro e a si próprio, o que indica, conforme o conjunto de dados observados em relação a esse sujeito, que o Participante B prefere a marcação de gênero neutro e a usa com frequência quando se refere a si mesmo e a seu parceiro.

No que diz respeito ao conjunto de dados referente ao Participante C, observa-se uma distribuição de dados por gênero semelhante à do Participante A, com prevalência de uso do gênero gramatical masculino seguido pelo feminino e neutro. As ocorrências de gênero masculino e feminino, por outro lado, aproximam-se mais entre si em comparação aos dados referentes ao Participante A, representando respectivamente 58,2% e 38,3% do total de dados para esse sujeito, sendo a marcação de gênero neutro a menos utilizada entre os três participantes, caracterizando apenas 3,3% dos dados relativos ao Participante C.

Semelhante ao Participante A, o Participante C utiliza o gênero masculino para se referir a si mesmo, o que contribui para a existência de um número mais alto de ocorrências para esse gênero conforme retratado no Gráfico 1. Apesar de esse participante sinalizar em seu perfil no Twitter que aceita ser referido por meio do uso de pronomes neutros, ele mesmo utiliza o gênero neutro para se referir a si próprio em apenas uma ocorrência das 39 ocorrências de gênero neutro observadas ao total, transcrita abaixo:

(5) Participante C: “Nos mantem **atualizados** por favor”

Conforme constata-se em (5), o adjetivo “atualizado” foi marcado na forma neutra em concordância com a primeira pessoa do plural para a referência de um grupo de pessoas cujo gênero é variado, em referência generalizadora. Em referência específica, o Participante C não utiliza a marcação de gênero neutro para referência própria nenhuma vez, mas apenas para a referência de indivíduos de identidade de gênero não-binária na segunda ou terceira pessoa. Esse contexto comunicacional (tuítes nos quais é feita a referência a sujeitos de identidade de gênero não-binária na segunda ou terceira pessoa) não ocorreu muitas vezes na amostra de

dados referente ao Participante C, o que pode explicar o número baixo de ocorrências de gênero neutro observado.

Considerando os dados dos três participantes, é relevante sinalizar que, ao observar as proporções de uso de gêneros gramaticais considerando o gênero neutro em contraste aos outros gêneros (feminino e masculino), a marcação de gênero neutro ainda é menos utilizada do que os outros gêneros mesmo para o Participante B, que apresenta um número elevado de ocorrências na forma neutra. Tal dado evidencia que, apesar de os participantes adotarem a marcação de gênero neutro em seus tuítes, os gêneros gramaticais masculino e feminino se mantêm presentes em número expressivo, caracterizando a maioria dos dados observados nessa amostra.

A seguir, são apresentados os resultados da análise multivariada, realizada a partir dos dados de cada participante individualmente, a fim de se investigar quais fatores podem vir a favorecer o uso da marcação de gênero neutro. Justifica-se esse formato de apresentação dadas as particularidades de cada sujeito e as diferentes taxas de marcação de gênero neutro, conforme apresentado na Tabela 1.

## 5.2. ANÁLISE MULTIVARIADA

De acordo com Oushiro (2017, p. 182), “o interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis predictoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta”. Esse modelo é aplicado à amostra de dados desta pesquisa a fim de que se chegue a uma descrição acerca de como a marcação de gênero neutro é utilizada, de modo que se torne possível delimitar quais fatores atuam a favor do emprego do gênero neutro no Twitter para os três participantes selecionados.

Para realização da regressão logística, adotou-se o modelo binominal, que comporta uma variável resposta binária, de dois fatores. Desse modo, analisaram-se as ocorrências referentes à variante neutra em contraste ao restante das ocorrências (variantes feminina e masculina). Abaixo, nas Tabelas 2, 3 e 4, apresentam-se os resultados dos modelos de regressão logística referentes aos Participante A, B e C, respectivamente, bem como o número de ocorrências de gênero neutro para cada fator, seguido do total de ocorrências observadas, incluindo todos os gêneros, para o fator em questão, e da porcentagem que a variante neutra

representa em relação a esse total. São contempladas nesse teste estatístico as variáveis Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica.

**Tabela 2** - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante A)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Ocorrências de gênero neutro/Total
<i>(Intercept)</i>	-2,61	0,45	-5,75	< 0,001	***	
<b>Função sintática</b>						
Complemento nominal e adjuntos (ref.)						24/187 (12,8%)
Sujeito	0,32	0,44	0,72	0,46		10/102 (9,8%)
Predicativo	0,83	0,37	2,20	0,02	*	53/415 (12,7%)
Objeto	0,47	0,38	1,22	0,22		19/122 (15,5%)
Vocativo	1,24	0,44	2,80	0,005	**	21/95 (22,1%)
Frase nominal	-0,85	0,44	-1,93	0,05	.	15/534 (2,8%)
Outros	0,59	1,46	0,40	0,68		1/3 (33,3%)
<b>Classe morfossintática</b>						
Substantivo (ref.)						36/216 (16,6%)
Pronome	0,36	0,35	1,03	0,30		29/213 (13,6%)
Adjetivo	-0,18	0,30	-0,59	0,55		78/1.029 (7,5%)
<b>Tópico</b>						
Relações gerais (ref.)						56/743 (7,5%)
Relacionamento afetivo	0,70	0,43	1,60	0,10		10/42 (23,8%)
Cotidiano	-2,02	0,73	-2,75	0,005	**	2/129 (1,5%)
Mídia social e cultura	0,18	0,22	0,79	0,42		46/374 (12,2%)
Crenças e opiniões	-1,01	0,65	-1,53	0,12		3/38 (7,8%)
Identidade	0,42	0,33	1,29	0,19		20/94 (21,2%)
Conflitos	0,15	0,50	0,31	0,75		6/38 (15,7%)
<b>Concordância de gênero</b>						
Sem ambiente para concordância (ref.)						83/961 (8,6%)
Concorda no sintagma	-0,06	0,24	-0,28	0,77		48/339 (14,1%)
Não concorda no sintagma	0,24	1,45	0,17	0,86		1/3 (33,3%)
Concorda com referente	-1,51	0,45	-3,30	< 0,001	***	6/146 (4,1%)
Não concorda com referente	2,20	0,75	2,91	0,003	**	5/9 (55,5%)
<b>Marcação de gênero em referência genérica ou específica</b>						
Referência específica (ref.)						98/1.316 (7,4%)
Referência genérica	1,45	0,24	5,84	< 0,001	***	45/142 (31,6%)
Modelo: glm(formula = VD ~ FUNCAO + CLASSE + TOPICO + CONCORDANCIA + GENERICO, family = binomial, data = dados.A)						

Fonte: elaborada pela autora

**Tabela 3** - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante B)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Ocorrências de gênero neutro/Total
<i>(Intercept)</i>	0,65	0,55	1,18	0,23		
<b>Função sintática</b>						
Complemento nominal e adjuntos (ref.)						87/201 (43,2%)
Sujeito	-1,02	0,32	-3,15	0,001	**	78/223 (34,8%)
Predicativo	-0,03	0,40	-0,09	0,92		119/209 (56,9%)
Objeto	-1,05	0,39	-2,65	0,008	**	36/109 (33%)
Vocativo	-2,33	0,79	-2,92	0,003	**	5/20 (25%)
Frase nominal	-0,04	0,47	-0,10	0,91		31/53 (58,4%)
Outros	-15,47	1073,0	-0,01	0,98		0/5 (0%)
<b>Classe morfossintática</b>						
Substantivo (ref.)						90/207 (43,4%)
Pronome	-0,86	0,33	-2,55	0,01	*	114/338 (33,7%)
Adjetivo	-0,05	0,35	-0,15	0,87		152/275 (55,2%)
<b>Tópico</b>						
Relações gerais (ref.)						22/112 (19,6%)
Relacionamento afetivo	3,89	0,37	10,43	< 0,001	***	183/204 (89,7%)
Cotidiano	0,97	0,39	2,45	0,01	*	29/62 (46,7%)
Mídia social e cultura	-0,33	0,31	-1,06	0,28		69/335 (20,5%)
Crenças e opiniões	0,97	0,41	2,33	0,01	*	21/48 (43,7%)
Identidade	1,46	0,42	3,42	< 0,001	***	25/52 (48%)
Política	18,1	1195,5	0,01	0,98		4/4 (100%)
Conflitos	17,9	1355,8	0,01	0,98		3/3 (100%)
<b>Concordância de gênero</b>						
Sem ambiente para concordância (ref.)						165/296 (55,7%)
Concorda no sintagma	-1,38	0,28	-4,94	< 0,001	***	150/361 (41,5%)
Não concorda no sintagma	-0,40	1,04	-0,38	0,70		2/4 (50%)
Concorda com referente	-2,00	0,32	-6,13	< 0,001	***	38/156 (24,3%)
Não concorda com referente	-2,88	1,51	-1,90	0,05	.	1/3 (33,3%)
<b>Marcação de gênero em referência genérica ou específica</b>						
Referência específica (ref.)						333/703 (47,3%)
Referência genérica	-1,22	0,31	-3,85	< 0,001	***	23/117 (19,6%)
Modelo: glm(formula = VD ~ FUNCAO + CLASSE + TOPICO + CONCORDANCIA + GENERICO, family = binomial, data = dados.B)						

Fonte: elaborada pela autora

**Tabela 4<sup>38</sup>** - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Função Sintática, Classe Morfossintática, Tópico, Concordância de Gênero e Referência Genérica/Específica (Participante C)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Ocorrências de gênero neutro/Total
<i>(Intercept)</i>	-5,93	1,11	-5,33	< 0,001	***	
<b>Função sintática</b>						
Complemento nominal e adjuntos (ref.)						4/204 (1,9%)
Sujeito	0,46	0,62	0,73	0,46		16/387 (4,1%)
Predicativo	1,84	0,78	2,34	0,01	*	11/279 (3,4%)
Objeto	-0,59	1,15	-0,51	0,60		1/110 (0,9%)
Vocativo	-14,42	1973,9	-0,007	0,99		0/26 (0%)
Frase nominal	1,63	0,74	2,20	0,02	*	7/158 (4,4%)
Outros	-12,75	5814,8	-0,002	0,99		0/3 (0%)
<b>Classe morfossintática</b>						
Substantivo (ref.)						3/195 (1,5%)
Pronome	1,88	0,74	2,54	0,01	*	22/578 (3,8%)
Adjetivo	0,71	0,76	0,93	0,34		14/394 (3,5%)
<b>Tópico</b>						
Relações gerais (ref.)						3/94 (3,1%)
Relacionamento afetivo	0,64	0,96	0,67	0,50		2/35 (5,7%)
Cotidiano	-0,23	0,95	-0,24	0,80		2/73 (2,7%)
Mídia social e cultura	-0,40	0,67	-0,60	0,54		16/759 (2,1%)
Crenças e opiniões	-17,00	1174,1	-0,01	0,98		0/69 (0%)
Identidade	0,76	0,71	1,08	0,27		16/114 (14%)
Política	-16,48	2518,1	-0,007	0,99		0/15 (0%)
Conflitos	-15,01	3596,9	-0,004	0,99		0/8 (0%)
<b>Concordância de gênero</b>						
Sem ambiente para concordância (ref.)						15/396 (3,7%)
Concorda no sintagma	-0,03	0,49	-0,06	0,95		9/300 (3%)
Não concorda no sintagma	2,34	1,59	1,47	0,14		1/2 (50%)
Concorda com referente	-0,21	0,45	-0,47	0,63		10/460 (2,1%)
Não concorda com referente	1,74	0,94	1,85	0,06	.	4/9 (44,4%)
<b>Marcação de gênero em referência genérica ou específica</b>						
Referência específica (ref.)						18/977 (1,8%)
Referência genérica	1,99	0,42	4,72	< 0,001	***	21/190 (11%)
Modelo: glm(formula = VD ~ FUNCAO + CLASSE + TOPICO + CONCORDANCIA + GENERICO, family = binomial, data = dados.C)						

<sup>38</sup> O modelo retratado na Tabela 4 apresentou o seguinte aviso: “probabilidades ajustadas numericamente 0 ou 1 ocorreu”. Essa mensagem não indica que a precisão do modelo está de alguma forma comprometida, mas sinaliza que se constatou uma separação completa de uma variável preditora ou de um conjunto de variáveis em probabilidades absolutas, como 0 ou 1.

Fonte: elaborada pela autora

Na primeira coluna das Tabelas 2, 3 e 4 apresentam-se os fatores das variáveis preditoras expostas anteriormente. O *intercept* representa o fator de referência, o qual é definido pela plataforma R a depender da ordem dos fatores de cada variável. No caso dos modelos apresentados, o *intercept* é composto pelos fatores marcados na tabela como “ref.”.

A segunda coluna corresponde à estimativa em *logodds* de favorecimento ou desfavorecimento do fator em questão em relação à variante neutra, fator apontado como referência para a análise. A escala de medida de *logodds* vai de menos infinito a mais infinito, de modo que resultados estimados em valor negativo indicariam um desfavorecimento em relação ao fator da variável resposta tomado por referência, enquanto resultados estimados em valor positivo indicariam favorecimento. Conforme explica Oushiro (2017), são oferecidos como resultados de um teste de regressão logística um coeficiente linear (*intercept*) e coeficientes angulares para cada variável/termo previsor do modelo, avaliando-se se a estimativa difere significativamente de zero. Nesse sentido os valores dos coeficientes angulares indicam, se positivos, “tendência a favorecimento (em relação a outro nível<sup>39</sup> da mesma variável previsora)”; se negativos, “[...] tendência a desfavorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora)” (OUSHIRO, 2017, p. 186). As estimativas observadas dessa maneira são relativas ao *intercept*, de modo que se observa favorecimento ou desfavorecimento de um nível da variável resposta em contraponto à variável previsora em relação à estimativa registrada no coeficiente linear.

Na terceira coluna do modelo representado nas Tabelas 2, 3 e 4, consta o erro padrão, que se refere à dispersão dos dados, cujo propósito é determinar a precisão da estimativa. Desse modo, quanto menor o valor apresentado, maior o grau de precisão do modelo (OUSHIRO, 2017). Nas colunas seguintes, são reportados o valor-z, calculado por meio da estimativa e do erro padrão, e o valor-*p* de significância. Os asteriscos que aparecem ao lado do valor-*p* são uma maneira de enfatizar os fatores que revelam valor-*p* inferior a 0,05, servindo de indicativo para quais níveis das variáveis preditoras caracterizam-se por apresentar uma correlação com a marcação de gênero neutro cuja chance de ser observada por acaso é inferior a 5%.

---

<sup>39</sup> Na linguagem em R, os fatores de uma variável são referidos como “level”, sendo “nível” uma tradução. Nesse sentido, “níveis” se refere aos fatores de uma variável.

Por fim, nas duas últimas colunas, optou-se por incluir o número de ocorrências referente à variante neutra, bem como o total de ocorrências observadas para o nível da variável em questão, seguidas pela porcentagem de gênero neutro de cada nível.

Tratando-se dos dados referentes à variável Função Sintática, foi observado, conforme se vê na Tabela 2, que as funções marcadas com a variante neutra pelo Participante A são, em ordem decrescente de proporção, Vocativo (ex: “ô **amigue** eu fico tão feliz por você [...]”), Objeto, (ex: “tenho dificuldade pra encontrar **andrógines** pra amigar”), Complemento Nominal e Adjuntos (ex: “saí do aquário pres **mis** amigues”), e Predicativo (ex: “como você é **fofe**”), representando respectivamente 22,1% (21/95), 15,5% (19/122), 12,8% (24/187) e 12,7% (53/415) do total de ocorrências observadas. O fator Outros, constituído das funções de aposto e agente da passiva, caracterizou-se por apresentar a maior porcentagem de marcação de gênero neutro (33,3%), no entanto, é composto por três ocorrências, sendo apenas uma delas referente ao gênero neutro (ex: “[...] pena seria o dano colateral: ês **amigues**”). As outras funções sintáticas, Sujeito (ex: “muites **bruxinhos** me seguem [...]”) e Frase Nominal (ex: “muito **lindeeeeee**”), caracterizaram-se por apresentar menos ocorrências na forma neutra, representando respectivamente 9,8% (10/102) e 2,8% (15/534) das ocorrências totais do gênero neutro.

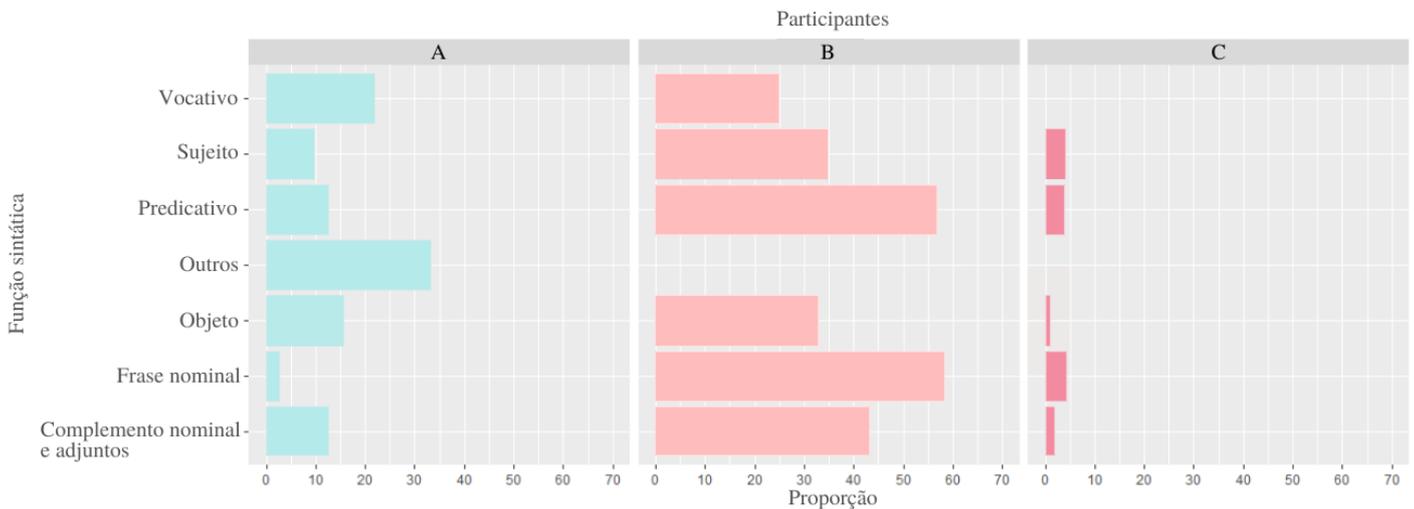
Em relação à variável Função Sintática na amostra de dados referente ao Participante B, conforme retratado na Tabela 3, observa-se que as funções que revelam maior porcentagem de emprego de gênero neutro em comparação aos outros gêneros são Frase Nominal (ex: “[...] **Obrigade!!**) e Predicativo (ex: “[...] estou **rodeade** de gente que me apoia [...]”), representando respectivamente 58,4% (31/53) e 56,9% (119/209) das ocorrências totais referentes a esses fatores. Em seguida, em ordem decrescente de proporção, vê-se as funções de Complemento Nominal e Adjuntos (ex: “[...] olha como meu número tá salvo no celular **delu** [...]”), com 43,2% (87/201) de ocorrências marcadas em gênero neutro, de Sujeito (ex: “mi **namorade** agora usa xiaomi [...]”), com 34,8% (78/223), de Objeto (ex: “perdi mi **namorade** para um 2D [...]”), com 33% (36/109), e de Vocativo (ex: **amade** vc quer que eu sofra?”), com 25% (5/20). O fator Outros, composto pelas funções de aposto e agente da passiva, não foi observado nenhuma vez na forma neutra.

No que se refere ao Participante C (Tabela 4), as funções sintáticas que apresentam maior proporção de ocorrências são Frase Nominal (ex: “[...] transfobia, **não-binaries** e neopronomes na mesma frase”), Sujeito (ex: “ok q **elus** estao te apoiando [...]”) e Predicativo

(ex: “dt<sup>40</sup> foi meio **grosse** [...]”), de modo que o gênero neutro representa respectivamente 4,4% (7/158), 4,1% (16/387) e 3,4% (11/279) dos dados totais referentes a esses fatores. Com menos ocorrências, observam-se as funções de Complemento Nominal e Adjuntos (ex: “eu queria casar, nem que fosse apenas eu e **minhe** parceire [...]”) (1,9% (4/204)) e Objeto (ex: “oque você acha **delu**?”) (0,9% (1/110)), sendo que as funções de Vocativo e Outros não foram observadas na forma neutra nenhuma vez.

Abaixo, no Gráfico 2, é ilustrada a proporção da marcação de gênero neutro (apresentada nas Tabelas 2, 3 e 4 e discutida nos parágrafos anteriores) por Função Sintática e Participante.

**Gráfico 2** - Proporção da marcação de gênero neutro por Função Sintática e Participante (A, B e C)



Fonte: elaborado pela autora

Conforme é possível observar no Gráfico 2, a variante neutra ocorre em proporções bastante diferentes para cada participante, de modo que não se evidenciam semelhanças entre as distribuições observadas entre os três. Nota-se, no entanto, que a função de Vocativo apresenta proporções semelhantes para os Participantes A e B, enquanto inexistente para o Participante C.

Retomando as hipóteses levantadas para as variáveis predictoras, considerou-se a possibilidade das funções sintáticas de vocativo e de sujeito favorecerem a marcação de gênero

<sup>40</sup> Referente à personagem “Double Trouble”, da série animada “She-Ra e as Princesas do Poder”, caracterizada por ser canonicamente de identidade de gênero não-binária.

neutro. Foi possível observar, por meio da regressão logística (Tabela 2), que, na prática linguística do Participante A, a Função Sintática de Vocativo se mostra significativa, favorecendo o uso da variante neutra em relação a complementos nominais e adjuntos, de modo que a hipótese proposta se confirma parcialmente para esse participante. A função de Sujeito também se caracteriza por apresentar uma estimativa que indica favorecimento da marcação de gênero neutro, embora o valor-*p* observado para esse fator ( $>0,05$ ) não tenha sido significativo. Também observada como indicadora de favorecimento da marcação de gênero neutro foi a função de Predicativo, apresentando a segunda estimativa mais alta da variável Função Sintática com valor de significância de 0,02. Nesse sentido, verifica-se que, na amostra de tuítes referente ao Participante A, as funções sintáticas de Vocativo e Predicativo favorecem a marcação de gênero neutro em relação ao *intercept*.

No que se refere ao Participante B (Tabela 3), apesar da função de Sujeito apresentar um número expressivo de ocorrências na forma neutra, sendo o terceiro fator da variável Função Sintática a dispor mais ocorrências de gênero neutro (78/223), a estimativa para esse fator indica desfavorecimento da variante neutra (-1,02 *logodds*) em relação ao *intercept*. Da mesma forma, a função de Vocativo apresenta estimativa que aponta desfavorecimento em relação ao gênero neutro (-2,33 *logodds*), indicando que a hipótese estabelecida para essa variável não se confirma para o Participante B. Esse resultado vai de encontro ao apresentado em relação ao Participante A, cujo resultado do teste estatístico indica favorecimento da marcação de gênero neutro para esses dois fatores.

Em relação ao Participante C (Tabela 4), observa-se que, semelhante ao Participante A, a função de Sujeito apresenta uma estimativa positiva, indicando favorecimento da variante neutra, contudo o valor-*p* não é estatisticamente significativo. A função de Vocativo, por outro lado, não foi observada nenhuma vez na forma neutra na amostra referente ao Participante C, de modo que não se confirma, para esse sujeito, que essa função sintática favoreceria a marcação de gênero neutro. Constata-se, no entanto, que as estimativas das funções de Predicativo e Frase Nominal são estatisticamente significantes, indicando favorecimento da marcação de gênero neutro.

Em síntese, a partir do que foi apresentado em relação à variável Função Sintática, é possível constatar que nenhuma função sintática se repete como estatisticamente significativa em posição de favorecimento para os três participantes. Como a função de sujeito não apresenta valor-*p* significativa em nenhum dos três modelos (Tabelas 2, 3 e 4) e a função de Vocativo apresenta significância apenas em relação ao Participante A, não é possível afirmar que a

hipótese estabelecida para essa variável se confirma. A única função sintática que se repete para dois participantes em posição de favorecimento com valor- $p < 0,05$  é Predicativo, conforme se observa nos modelos dos Participante A e C (Tabelas 2 e 4).

De acordo com Cegalla (2008, p. 343), é função do predicativo exprimir “um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito, ao qual se prende por um verbo de ligação, no predicado nominal”. Nesse sentido, o Predicativo, expressando uma informação relativa ao sujeito, parece desempenhar na amostra o papel previamente previsto para a função de Sujeito na hipótese proposta para a variável Função Sintática. Esperava-se que, por ser o agente de uma ação e/ou aquele sobre quem se diz algo, a função Sujeito pudesse favorecer o emprego do gênero neutro; todavia, observaram-se na função de Predicativo várias ocorrências nas quais o sujeito da oração não era explicitado ou era designado por uma palavra na qual não havia marcação de gênero por flexão, como “fico alegre por você ficar **aliviade**”; “você é **amigue** de um monte de transfóbico”; “nós já somos **amigues**” e “nenê seja **bem-vinde**”. Nesses exemplos, não são observadas ocorrências de gênero neutro na função de Sujeito, mas há ocorrências na função de Predicativo. É possível que ocorrências dessa natureza possam ter contribuído para o resultado obtido, que indica favorecimento do fator Predicativo em relação ao gênero neutro, mas não do fator Sujeito.

Em relação à Classe Morfossintática, segunda variável apresentada nas Tabelas 2, 3 e 4, observou-se que, no que se refere ao Participante A (Tabela 2), a classe que representa maior proporção de uso da variante neutra é o Substantivo, observado na forma neutra em 16,6% das ocorrências para esse fator (36/216) (ex: “[...] mas é que nem mi **amigue** me disse [...]”), seguido pelo Pronome, em 13,6% (29/213) (ex: “[...] eu acho **elus** horríveis”), e pelo Adjetivo, em 7,5% (78/1.029) (ex: “[...] e **bem-vinde** à comunidade).

É relevante mencionar que, apesar de apresentar porcentagem inferior, o fator Adjetivo caracteriza-se pelo maior número de ocorrências na forma neutra (78/1.029). Ao total, o valor elevado de ocorrências de adjetivos se justifica devido à existência de um número expressivo de dados contendo agradecimentos em interações com outros usuários por meio da ocorrência “obrigado”, classificada como Adjetivo. Esses dados em sua maioria não foram marcados com o gênero neutro, o que condiz com a preferência do Participante A pelo gênero masculino para referência própria, visto que ele reconhece a própria identidade de gênero como alinhada ao masculino, fazendo uso do gênero gramatical masculino ao se referir a si mesmo. Ocorrências dessa natureza, que se compõem pelo adjetivo “obrigado”, representam 458 das 1.029 ocorrências de adjetivos, sendo 453 deles marcados na forma masculina, 4 na forma feminina

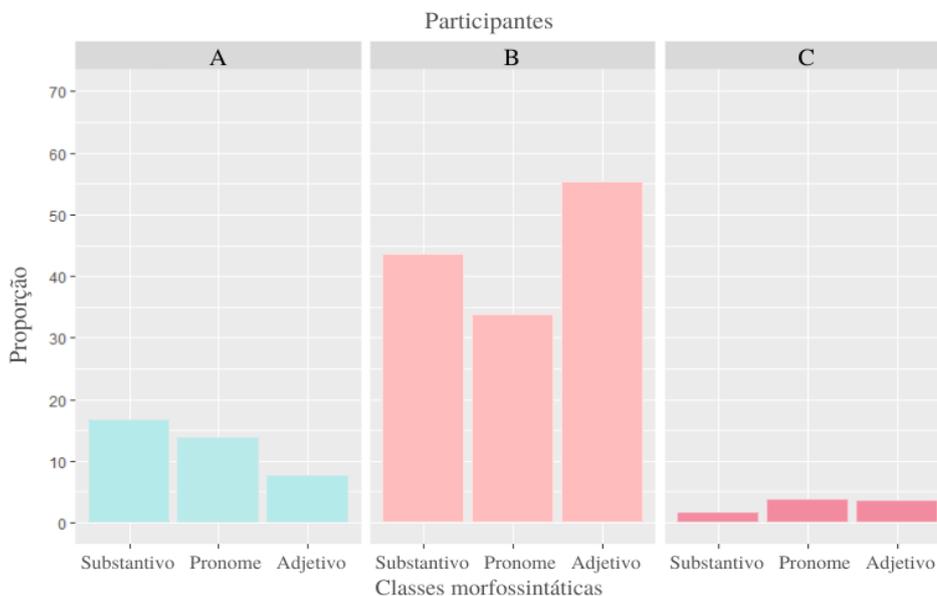
e 1 na forma neutra. A alta porcentagem de uso dessa expressão, o que conseqüentemente contribuiu para uma alta porcentagem de adjetivos marcados em outros gêneros em contraponto à forma neutra, parece se associar à natureza das interações do Participante A na rede social Twitter, as quais se baseiam com frequência em trocas de elogios entre o sujeito e seus seguidores. Nesse contexto, o uso de formas de agradecimento como “obrigado” se mostra bastante recorrente.

No que diz respeito ao Participante B (Tabela 3), a marcação de gênero neutro ocorre com maior proporção na classe de Adjetivo (ex: “[...] vi uma aranha e fiquei **apavorade**”), observada em 55,2% (152/275) das ocorrências para esse fator, seguida por Substantivo (ex: “[...] todas as suas coisas vão para su **namorade** [...]”) (43,4% (90/207)) e Pronome (ex: “**Elu** ficou tão felizinhe [...]”) (33,7% (114/338)).

Nos dados relativos ao Participante C (Tabela 4), verificou-se que a Classe Morfossintática que representa maior proporção de uso em relação à variante neutra é o Pronome, (ex: “[...] é muito pra **elus** absorverem sim”) observado em 3,8% das ocorrências referentes a esse fator, seguido pelo Adjetivo (ex: “[...] deixou implícito em um parágrafo que ês personagens dormiram **juntas** [...]”) e Substantivo (ex: “[...] serie e **bruxe** das trevas mais poderose existente”).

Abaixo, no Gráfico 3, é ilustrada a proporção da marcação de gênero neutro (apresentada nas Tabelas 2, 3 e 4 e discutida acima) por Classe Morfossintática e Participante.

**Gráfico 3** - Proporção da marcação de gênero neutro por Classe Morfossintática e Participante (A, B e C)



Fonte: elaborado pela autora

Conforme observa-se no Gráfico 3, a marcação de gênero neutro ocorre em proporções diferentes entre os três participantes, sem que se possa constatar semelhanças evidentes. Entre os três, a classe morfossintática proporcionalmente mais utilizada em forma neutra varia, sendo Substantivo para o Participante A, Adjetivo para o Participante B e Pronome para o Participante C. Esse resultado não indica necessariamente que o gênero neutro é utilizado de formas distintas pelos três participantes, mas pode apontar que os três, por serem pessoas diferentes que utilizam a rede social de modos diferentes, têm práticas linguísticas variadas, o que ocasiona distribuições relativas ao fator Classes Morfossintática dessemelhantes entre si.

Em relação à hipótese estabelecida previamente, de que os pronomes poderiam vir a favorecer a marcação de gênero neutro, não é possível confirmá-la com base na amostra de dados referente ao Participante A (Tabela 2). Apesar de ser o fator com menor número de ocorrências para essa variável, a estimativa relativa a Pronome indica favorecimento da marcação de gênero neutro; contudo, devido ao valor-*p* alto, é provável que esse favorecimento tenha se dado ao acaso.

Já na amostra referente ao Participante B (Tabela 3), a estimativa para o fator Pronome indica desfavorecimento do emprego de gênero neutro. O resultado referente a essa variável para o Participante B indica que, em referência ao *intercept*, nem Pronome nem Adjetivo favorecem a marcação de gênero neutro, de modo que não se confirma a hipótese previamente estabelecida.

No que se refere ao Participante C (Tabela 4), por outro lado, foi observada, em relação à classe morfossintática de Pronome, a estimativa de 1,88 *logodds*, indicando favorecimento do emprego da marcação de gênero neutro para esse fator. O valor-*p* observado é <0,05, apontando que essa estimativa é estatisticamente significativa. Nesse sentido, é possível afirmar que a hipótese de que o fator Pronome favoreceria a marcação de gênero neutro se confirma para o Participante C.

Em síntese, a partir do que foi apresentado em relação à variável Classe Morfossintática, constata-se que apenas para o Participante C (Tabela 4) a classe Pronome, indo ao encontro da hipótese estipulada para essa variável, apresenta significância favorecendo a marcação de gênero neutro, de modo que, para os Participantes A e B (Tabelas 2 e 3), essa variável não apresentou resultados que indicassem favorecimento da variante neutra.

No que diz respeito à variável Tópico, a terceira variável apresentada nas Tabelas 2, 3 e 4, observou-se que os tópicos que representam maior proporção de uso da variante neutra para o Participante A (Tabela 2) são Relacionamento Afetivo, com 23,8% de suas ocorrências na forma neutra (10/42), como em “não dou conta **delu**, me derreto todo”, seguido por Identidade, com 21,2% (20/94), como em “**amiguinhos** bigêneros, me tirem uma dúvida [...]”, Conflitos, com 15,7% (6/38), como em “aff **menine** eu não vou ficar te adulando [...]”, e Mídia Social e Cultura, com 12,2% (46/374), como em “**Elu** não fez ESFP<sup>41</sup>, claramente sou perfeito”. Os outros tópicos, Crenças e Opiniões (ex: “eu entendo ami [...] eu acho **elus** horríveis [...]”), Relações Gerais (ex: “[...] você é **precioso** demais [...]”) e Cotidiano (ex: “[...] nunca havia me sentido tão **linde** como com aquele peso”), apresentaram proporção inferior para a marcação de gênero neutro, representando respectivamente 7,8% (3/38), 7,5% (56/743) e 1,5% (2/129) das ocorrências totais para os fatores em questão. Do ponto de vista de maior número de ocorrências, por outro lado, destacam-se com ocorrências na forma neutra os tópicos Relações Gerais (56/743 (7,5%)) e Mídia Social e Cultura (46/374 (12,2%)), somando mais da metade do total de ocorrências observadas para a variante neutra referente ao Participante A<sup>42</sup>.

Para o Participante B (Tabela 3), a marcação de gênero neutro representa 100% das ocorrências referentes aos tópicos de Política (4/4) (ex: “por que eu só tô vendo **Bruxe** fazer alguma coisa?”<sup>43</sup>) e Conflitos (3/3) (ex: “**mi namorade** está com muita raiva de capacitista **transfóbique** [...] isso significa que o rolê do dia vai ser deitar alguém na porrada”), apesar de esses fatores se constituírem de poucas ocorrências. O Tópico no qual mais se observam ocorrências da variante neutra é Relacionamento Afetivo, com 89,7% (183/204), como em “sou **suspeite** pra falar, mas estou **apaixonade** pela mesma pessoa há anos [...]”, por exemplo. Em seguida, por ordem decrescente de proporção de uso da marcação de gênero neutro, encontram-se os tópicos Identidade (ex: “[...] sou divergente e não posso ser **controlade**”), representando 48% (25/52) do total de ocorrências referentes a esse fator, Cotidiano (ex: “tô **doide** para comprar uns chaveirinhos [...]”), representando 46,7% (29/62), e Crenças e Opiniões (ex: “Tô **ansiose** para participar do Beltane<sup>44</sup> como se eu fosse para a floresta dançar [...]”), representando 43,7% (21/48). Por fim, com a marcação de gênero neutro empregada

<sup>41</sup> ESFP é um tipo de personalidade conforme a tipologia de Myers-Briggs. No caso desse tuíte, o Participante A estava discutindo sobre um *meme* voltado para essa temática.

<sup>42</sup> Não se observaram ocorrências relativas ao tópico Política na forma neutra nem nas formas masculina e feminina na amostra relativa ao Participante A.

<sup>43</sup> O exemplo em questão se refere a um movimento online contra o desmatamento ocorrido no Twitter por meio da tag *#BrazilSaysNoToDeforestation*.

<sup>44</sup> Festival celta, caracterizado por marcar o início do Verão.

proporcionalmente menos, observam-se os tópicos Mídia Social e Cultura (20,5% (69/335)), como em “eu tô na décima temporada de *Grey’s Anatomy* e **doide** pra continuar”, por exemplo, e Relações Gerais (19,6% (22/112)), como em “um certo mutual curtiu isso e eu tô muito **decepcionade**”, por exemplo.

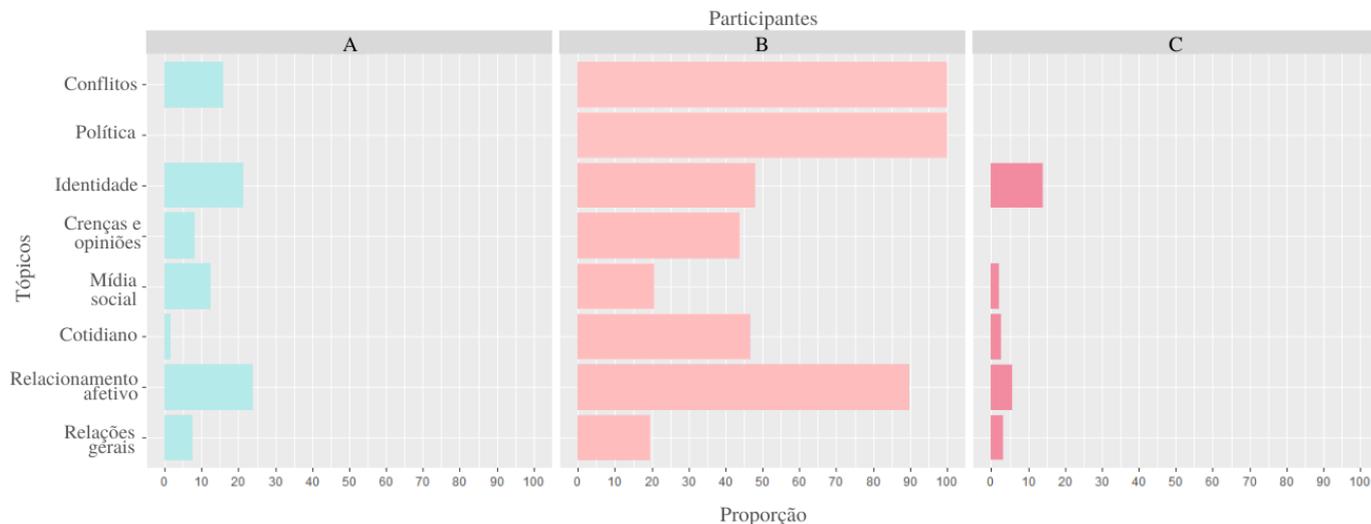
É relevante considerar, com base na distribuição dos dados descrita acima, a possibilidade de o alto número de ocorrências de gênero neutro associadas ao tópico Relacionamento Afetivo e a menor proporção relativa aos tópicos de Mídia Social e Cultura e Relações Gerais ocorrerem por causa da identidade de gênero das pessoas citadas nos tuítes relacionados aos tópicos mencionados, visto que, em Referência Específica, o gênero gramatical estabelece uma relação com o gênero semântico do referente. Tendo isso em mente, há a possibilidade de que, ao tratar de temas voltados para mídia e relações gerais, o Participante B mencione com mais frequência pessoas que preferem os gêneros feminino e masculino para referência própria; contudo, ao tratar do próprio relacionamento afetivo, o Participante B se refira com mais frequência a si mesmo e a seu parceiro<sup>45</sup>, que prefere o gênero neutro para referência própria.

No que se refere ao Participante C (Tabela 4), os tópicos nos quais a marcação de gênero neutro foi empregada com maior proporção foram Identidade (ex: “[...] **elus** são **transgêneres** por não se identificarem com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento [...]”), Relacionamento Afetivo (ex: “eu queria casar, nem que fosse apenas eu e **minhe parceire**”) e Relações Gerais (ex: “[...] os pais ignoram q **elus** ou **outres** membros da família podem ser razão de sofrimento [...]”), representando respectivamente 14% (16/114), 5,7% (2/35) e 3,1% (3/94) dos dados totais referentes a esses tópicos. Os tópicos restantes, Cotidiano e Mídia Social e Cultura, apresentaram menor proporção de emprego da marcação de gênero neutro, representando respectivamente 2,7% (2/73) e 2,1% (16/759) das ocorrências totais desses fatores, sendo que os tópicos Crenças e Opiniões, Política e Conflitos não contaram com nenhuma ocorrência da variante neutra.

A seguir, o Gráfico 4 ilustra a proporção da marcação de gênero neutro, conforme apresentada nas Tabelas 2, 3 e 4, por Tópico e Participante:

---

<sup>45</sup> Exemplos de tuítes voltados para o tópico de Relacionamento Afetivo cujo enfoque recai sob o Participante B e seu parceiro podem ser observados em: (1) “**mi namorade** é tão amorzinho comigo [...]”, (2) “[...] todo momento ao lado **delu** é precioso [...]”, (3) “**mi** crush disse que sou **fofe** [...]”, (4) “[...] **elu** sabe que sou **honeste** e fiel”. Nesses casos, as palavras destacadas referem-se sempre ao parceiro do Participante B ou ao próprio Participante B, sendo marcadas com o gênero neutro dada a preferência de ambos para a utilização do gênero neutro para referência própria.

**Gráfico 4** - Proporção da marcação de gênero neutro por Tópico e Participante (A, B e C)

Fonte: elaborado pela autora

O Gráfico 4 evidencia a frequência expressiva da marcação de gênero neutro por tópico nos dados referentes ao Participante B em comparação aos outros, visto que, mesmo os tópicos com menor proporção de gênero neutro na amostra do Participante B (Mídia Social e Cultura e Relações Gerais), caracterizam-se por apresentar uma proporção significativa de emprego da marcação de gênero neutro (respectivamente 20,5% e 19,6%). Diferente das variáveis até aqui apresentadas, no entanto, é possível observar semelhanças relativas ao emprego da marcação de gênero neutro entre os três participantes em relação aos tópicos Identidade e Relacionamento Afetivo, que apresentam os maiores valores proporcionais para todos os sujeitos (desconsiderando os tópicos Cotidiano e Política nos dados do Participante B, que se caracterizam por poucas ocorrências), sendo, respectivamente, 21,2% e 23,8% para o Participante A, 48% e 89,7% para o Participante B e 14% e 5,7% para o Participante C. Esse é um resultado notável se considerarmos que as amostras dos três participantes diferem bastante entre si, não apresentando semelhanças quanto às variáveis anteriormente analisadas.

Em relação à variável Tópico em discussão, estipulou-se como hipótese que o fator Identidade poderia vir a favorecer a marcação de gênero neutro, dado que esse fator abarca tuítes que discutem temas relativos principalmente à identidade de gênero e sexualidade. De fato, o fator Identidade apresentou, conforme retratado nas Tabelas 2, 3 e 4, estimativas que indicam favorecimento da variante neutra, no entanto não se mostrou estatisticamente significativa para todos os participantes. Nos dados referentes ao Participante A (Tabela 2), é possível observar que o fator Identidade, apesar de apresentar a segunda estimativa mais alta

para a variável Tópico (atrás apenas de Relacionamento Afetivo), não apresenta valor- $p$  significativo, o que indica que a distribuição observada para esse fator pode ter se dado ao acaso. O único tópico que apresenta significância estatística em relação aos dados do Participante A é Cotidiano, indicando desfavorecimento no emprego da marcação de gênero neutro nesse tópico.

No que diz respeito ao Participante B (Tabela 3), por outro lado, o tópico Identidade apresenta uma estimativa que indica favorecimento no emprego da marcação de gênero neutro. Pode-se afirmar, nesse sentido, que a hipótese estipulada para a variável Tópico se confirma para o Participante B. Também observam-se estimativas positivas, indicando favorecimento da marcação de gênero neutro, nos tópicos de Relacionamento Afetivo, Cotidiano, Crenças e Opiniões, caracterizados por apresentar valor- $p$  significativa, além de Política e Conflitos, que não apresentam valor- $p < 0,05$ .

Acerca das ocorrências referentes ao Participante C (Tabela 4), os únicos tópicos que apresentam estimativa positiva em posição de favorecimento da marcação de gênero neutro são Identidade e Relacionamento Afetivo; no entanto, nenhum tópico é estatisticamente significativo, de modo que não é possível confirmar a hipótese proposta para a variável Tópico em relação ao Participante C.

Em síntese, nenhum tópico se repetiu para os três participantes em posição de favorecimento da marcação neutra e apresentou significância estatística. É interessante notar, contudo, que os tópicos Relacionamento Afetivo e Identidade indicaram favorecimento do emprego de gênero neutro em relação aos dados dos três participantes, apesar de apresentarem significância estatística apenas em relação ao Participante B. Tendo em vista o perfil do Participante B, conforme discutido na seção anterior, é possível observar que o emprego do gênero neutro se associa muito ao tópico de Relacionamento Afetivo dado o número expressivo de ocorrências referentes a esse fator (183/204), caracterizando mais da metade do total de dados observados na forma neutra para esse participante (356 ocorrências).

Retomando-se o conceito de comunidade de prática, apresentado no Capítulo 2, como um espaço no qual significado social, identidade, comunidade e valores simbólicos de formas linguísticas são constantemente e mutualmente construídos (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), faz sentido que os três participantes, apesar de suas diferenças, utilizem mais a marcação de gênero neutro nos mesmos tópicos (Identidade e Relacionamento Afetivo), uma vez que, no interior de uma comunidade de prática, seus membros compartilham de valores

semelhantes. O favorecimento da marcação neutra em relação à variável Identidade evidencia que os três participantes se mostram engajados em discussões que abarcam identidade de gênero e sexualidade, empregando a marcação de gênero neutro nesse contexto. No caso de Relacionamento Afetivo, é curioso o favorecimento observado em relação aos Participantes A e C, considerando que estes, nos tuítes observados, não falam das relações afetivas tanto quanto o Participante B, mas, quando falam, empregam o gênero neutro para a referência de possíveis parceiros ou parceiros hipotéticos, como se observa em: “eu queria casar, nem que fosse apenas eu e **minhe parceire** [...]” e “requisitos para ser **minhe namorade**: [...]”. Esses exemplos demonstram que, mesmo sem fazer referência a um parceiro específico, os Participantes A e C enfatizam, com o emprego do gênero neutro, identidades não-binárias, as quais são consideradas como possíveis interesses românticos.

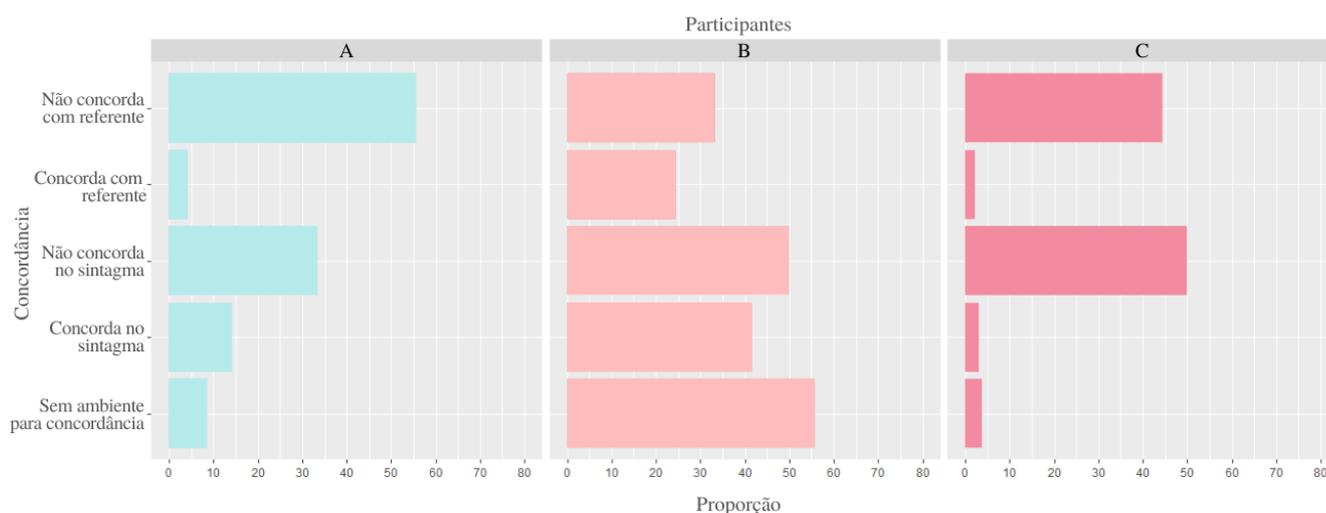
Em relação à variável Concordância de Gênero, observa-se que, em relação ao Participante A, conforme consta na Tabela 2, os fatores que apresentam proporção mais alta quanto para a forma neutra foram Não Concorda com Referente (ex: “ami você é muito **linde!! tá patrão**”), Não Concorda no Sintagma (ex: **querides lésbicas**, entendam que [...]) e Concorda no Sintagma (ex: “se você me considera **sue amigue** [...]), representando respectivamente 55,5% (5/9), 33,3% (1/3) e 14,1% (48/339) das ocorrências totais para os fatores em questão. Em relação ao número total de ocorrências na forma neutra, há predominância dos fatores Sem Ambiente para Concordância (8,6% (83/961)) e Concorda com Sintagma (14,1% (48/339)), sendo que os fatores restantes se constituem de um número baixo de ocorrências na forma neutra.

No que se refere ao Participante B (Tabela 3), os fatores com maior proporção na forma neutra foram Sem Ambiente para Concordância (55,7% (165/296)), como em “não vou passar essa vergonha **sozinhe** [...]”, Não Concorda no Sintagma, como em “**bom menino**”, e Concorda no Sintagma, como em “gente, **ume** artista **perfeite** [...]”, seguidos por Não Concorda com Referente (33,3% (1/3)) (ex: “[...] você discorda das maldades que vc **mesme** faz com o meu coração, **patroa?**”) e Concorda com Referente (24,3% (38/156)) (ex: vou adorar acompanhar **mis** colegas. Quero que **elus** sejam felizes [...]). Apesar de apresentarem relativamente alta proporção de emprego de gênero neutro, os fatores que apontam falta de concordância (Não Concorda no Sintagma e Não Concorda com Referente) caracterizam-se por poucas ocorrências, havendo maior concentração de ocorrências referentes à variante neutra nos fatores Sem Ambiente para Concordância (165/296) e Concorda no Sintagma (150/361).

Acerca do Participante C (Tabela 4), apresentaram maior proporção na forma neutra os fatores Não Concorda no Sintagma (ex: “por que **todo criadore** de bandeira é ume merda?”) e Não Concorda com Referente (ex: “é obrigação **do psicólogo** manter sigilo entre vocês. **Elu** só pode contar para sua mãe [...]”), apesar de se constituírem por poucas ocorrências, caracterizando respectivamente 50% (1/2) e 44,4% (4/9) das ocorrências totais observadas nesses níveis. Em seguida, observam-se os fatores Sem Ambiente para Concordância (3,7% (15/396)) (ex: “ruim? só se **elu** viu o desenho errado”), Concorda no Sintagma (3% (9/300)) (ex: “[...] n gosto de generalização com gênero masculino então falaria ‘**todes elus** ali’”) e Concorda com Referente (2,1% (10/460)) (ex: “[...] **elu** realmente é **apaixonade** por atuar”).

Abaixo, o Gráfico 5 retrata a proporção de emprego da marcação de gênero neutro por Concordância de Gênero e Participante.

**Gráfico 5** - Proporção da marcação de gênero neutro por Concordância de Gênero e Participante (A, B e C)



Fonte: elaborado pela autora

Conforme evidencia-se no Gráfico 5, apesar de se constituírem de poucos dados, os fatores que indicam ausência de concordância (Não Concorda com Referente e Não Concorda no Sintagma) apresentam alta proporção na forma neutra para os três participantes. Esse dado indica que parte considerável das ocorrências de ausência de concordância são associadas à marcação de gênero neutro.

Tomou-se como hipótese para essa variável que poderia ser verificada uma concordância parcial de gênero quando observado o emprego de gênero neutro, sendo esperada

a ausência de concordância entre todos os elementos do sintagma nominal e entre adjetivo/pronome/substantivo e referente textual. Essa hipótese parece se mostrar verdadeira, tendo em vista os resultados apresentados no Gráfico 5. No que se refere ao Participante A (Tabela 2), observam-se estimativas que indicam favorecimento da marcação de gênero neutro para o fator Não Concorda com Referente e desfavorecimento para o fator Concorda com Referente, ambos estatisticamente significantes. Também constatou-se favorecimento do emprego de gênero neutro relativo ao fator Não Concorda no Sintagma, apesar de o valor-*p* observado não ser significativo. Nesse sentido, confirma-se a hipótese de que a variante neutra ocorre mais em concordância parcial de gênero na prática linguística do Participante A.

É importante atentar, contudo, que a variável Não Concorda com Referente constitui-se de poucas ocorrências, sendo elas: (1) “tem **gente** que é tão **bonite** [...]”; (2) “você e **seu nome** são **lindes**” (observada duas vezes); e (3) “meninu como **esse** Lucas é **sensatu**. E **el** escreve umas coisas legais também!”. As duas primeiras ocorrências caracterizam-se pelo emprego do gênero neutro em relação a antecedentes de gênero gramatical feminino (*gente*) e masculino (*seu nome*), que, embora não sejam dados contemplados nesta pesquisa, situam-se em relação de concordância com as ocorrências “bonite” e “lindes”.

No primeiro caso, o emprego da forma neutra parece representar a necessidade de ser feita a inclusão de pessoas de identidade de gênero não-binária por meio da marcação “-e” em “bonite”, apesar de o termo “gente” contemplar um grupo de pessoas independente do gênero. Tendo em vista a relevância dos valores simbólicos assumidos pela marcação “-e”, conforme discutido por Lucchesi (2021), o emprego de gênero neutro, nesse caso, pode ser visto como um ato representativo. No segundo caso, é possível que o Participante A tenha optado por realizar a concordância de “lindes” com “você”: um interlocutor possivelmente de identidade de gênero não-binária. Nesse caso, mostra-se mais importante para o participante fazer uso do gênero neutro como ferramenta para evidenciar uma identidade do que realizar a concordância padrão, com o sintagma “seu nome”. Esse comportamento remete ao que explica Viscardi (2020), que o uso do gênero neutro é um ato de transformação, por meio do qual o foco deixa de ser a figura masculina para que seja oferecido espaço a identidades não-binárias. No terceiro caso, as ocorrências “sensatu” e “el” não concordam com o referente “Lucas”, caracterizado pelo gênero masculino dado o pronome “esse” que o antecede. Esse caso pode caracterizar um dos pontos mencionados por Schwindt (2020b) de que o uso dos sistemas de pronomes neutros, apresentados no Quadro 1, depende de aprendizado formal. É possível que, por não ser intuitivo

o modo de se realizar a neutralização do pronome "esse", o Participante A tenha optado pela marcação masculina padrão.

No caso da amostra de dados referente ao Participante B (Tabela 3), não se observou nenhum fator em posição de favorecimento do emprego da marcação de gênero neutro. Em relação ao *intercept*, todos os fatores indicaram desfavorecimento da variante neutra, sendo os fatores Não Concorda com Referente, Concorda com Referente e Concorda no Sintagma estatisticamente significantes. Nesse sentido, não se pode afirmar que a hipótese de que a marcação de gênero neutro ocorreria mais em concordância parcial de gênero se confirma para o Participante B.

Em relação ao Participante C (Tabela 4), de forma semelhante ao Participante A, é possível observar que os fatores que apontam concordância de gênero parcial (Não Concorda com Referente e Não Concorda no Sintagma) apresentam estimativas que indicam favorecimento da marcação de gênero neutro, enquanto as estimativas referentes aos fatores Concorda com Referente e Concorda no Sintagma indicam desfavorecimento da variante neutra. Essas estimativas corroboram com a hipótese prevista para a variável de concordância de gênero; no entanto, não apresentam valor- $p < 0,05$ , de modo que há a possibilidade de terem sido observadas devido ao acaso.

Em síntese, não se constataram fatores comuns em posição de favorecimento do emprego de gênero neutro nos testes estatísticos conduzidos para os três participantes. O único fator da variável Concordância de Gênero que se repete como significativo para os Participantes A e B é Concorda com Referente, desfavorecendo a marcação de gênero neutro. Esse resultado pode ser um indicativo de que a marcação de gênero neutro não ocorre com frequência em tuítes nos quais há um referente marcado textualmente, em relação ao qual estabelece-se relação de concordância gramatical, o que pode ser verificado também tendo em vista a distribuição observada para o fator Sem Ambiente para Concordância, o qual conta com o maior número de ocorrências na forma neutra para ambos os Participantes A (83/961) e B (165/296) em comparação aos outros fatores da variável Concordância de gênero. Em outras palavras, contata-se o gênero neutro tem mais chances de ser observado em ocorrências nas quais não há ambiente para concordância com referente textual, uma vez que as ocorrências que compõem o fator Concorda com Referente não tendem a ser marcadas no gênero neutro.

Por fim, no que se refere à variável Marcação de Gênero em Referência Genérica ou Específica, observou-se que, em relação ao Participante A (Tabela 2), a Referência Genérica

(ex: “[...] **todes mis** mutuals são fodas”) apresentou a maior proporção na forma neutra (45/142 (31,6%)), de modo que a Referência Específica (ex: “[...] você também é **linde!**”), apesar de ter um número de ocorrências superior, ocorreu proporcionalmente menos na forma neutra (98/1.316 (7,4%)).<sup>46</sup>

Nos dados referentes ao Participante B (Tabela 3) foi observado o contrário: a marcação de gênero neutro ocorreu mais em Referência Específica (ex: “**elu** vai ter q aguentar [...]”), representando 47,3% (333/703) das ocorrências referentes a esse fator. Em Referência Genérica (ex: “se alguém ficar **surprese** essa pessoa não me conhece [...]”), a marcação neutra correspondeu a 19,6% (23/117) das ocorrências totais observadas relativas a esse fator, de modo que o gênero neutro, apesar de apresentar muitas ocorrências na amostra relativa ao Participante B, não é o gênero preferido por este para a referência de grupos de pessoas cujo gênero é variado e/ou desconhecido.

No que se refere aos dados do Participante C (Tabela 4), observou-se que a variante neutra ocorreu com mais frequência em Referência Genérica (ex: “[...] **elus** se identificam com seus xenogeneros<sup>47</sup>[...]”), caracterizando 11% (21/190) do total de ocorrências observadas para esse fator, sendo que, em Referência Específica (ex: “amei como **elu** usou ‘fã do caetano’ como um adendo do xingamento [...]”), a marcação de gênero neutro ocorreu em 1,8% (18/977) dos dados.

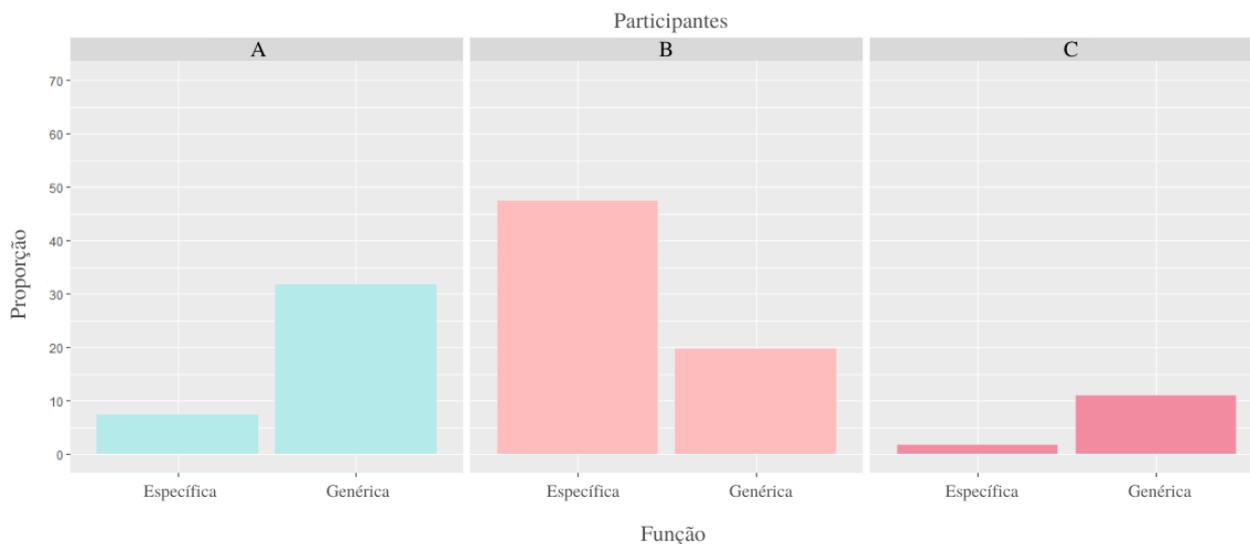
Abaixo, o Gráfico 6 ilustra a frequência da marcação de gênero neutro por Referência Específica ou Genérica e por Participante:

---

<sup>46</sup> Observou-se, em relação aos resultados apresentados, a recorrência do item lexical “obrigado” utilizado em referência específica, caracterizando 455 ocorrências para outros gêneros e apenas uma para gênero neutro. Nesse sentido, a baixa porcentagem de emprego de gênero neutro em referência específica para o Participante A associa-se em parte à quantidade de ocorrências contendo a palavra “obrigado”, marcada em outros gêneros (predominantemente o masculino). Essa concentração de ocorrências do item lexical “obrigado” em referência específica para o mesmo gênero gramatical é observada também para os outros participantes, embora em números menores (para o Participante B, o item lexical ocorre 20 vezes em referência específica marcado com gênero neutro, para o Participante C, ocorre 4 vezes em referência específica marcado com outros gêneros).

<sup>47</sup> Xenogêneros podem ser considerados identidades de gênero que usam conceitos não-convencionais (como animais, cores, aspectos da natureza, sensações etc.) para explicar, por meio de metáforas, uma experiência de gênero fora do espectro binário.

**Gráfico 6** - Proporção da marcação de gênero neutro por Referência Genérica/Específica e Participante (A, B e C)



Fonte: elaborado pela autora

Conforme ilustrado no Gráfico 6, a marcação de gênero neutro é empregada com mais frequência em Referência Genérica em relação aos Participantes A e C, mas não em relação ao Participante B, que utiliza o gênero neutro com mais frequência em Referência Específica. É interessante observar que o Participante A, apesar de apresentar um número de dados marcados na forma neutra inferior ao Participante B, faz mais uso do gênero neutro em Referência Genérica do que este. Ainda assim, observa-se que o gênero neutro não representa a maioria das ocorrências em Referência Genérica para nenhum dos três participantes, de modo que uso do gênero masculino, até então, mostra-se predominante nesse caso para esses sujeitos.

Retomando a hipótese apresentada para essa variável, estipulou-se que a variante neutra seria preferida como generalizadora para a referência de um grupo de pessoas de gênero variado e/ou desconhecido. Apesar de a forma genérica ter sido mais utilizada em outros gêneros, conforme consta nos dados referentes ao Participante A, no modelo de regressão apresentado na Tabela 2 a estimativa para o fator Referência Genérica indica favorecimento da variante neutra, sendo observado valor- $p < 0,05$ . Nesse sentido, confirma-se para o Participante A a hipótese de que palavras em referência generalizadora favorecem a marcação de gênero neutro. Ainda assim, é importante considerar que há um número expressivo de dados em Referência Genérica marcado em gênero masculino, o que parece indicar que o gênero neutro ainda não é mais utilizado do que o masculino genérico.

Para o Participante B (Tabela 3), por outro lado, a Referência Genérica indica desfavorecimento em relação ao emprego de gênero neutro. Esse resultado pode ser explicado tendo em vista a alta frequência de dados marcados na forma neutra em referência específica, fator utilizado como referência para a análise estatística. Nesse sentido, em comparação à distribuição observada em relação à Referência Específica, a Referência Genérica desfavorece a marcação de gênero neutro: resultado que vai de encontro à hipótese estipulada para essa variável.

No que se refere ao Participante C (Tabela 4), constatou-se, de modo semelhante ao Participante A, que a Referência Genérica favorece o emprego de gênero neutro, sendo observado valor-*p* significativo. Esse resultado indica que os Participantes A e C, que utilizam menos o gênero neutro do que o Participante B, apresentam maior probabilidade de aplicar a marcação neutra em Referência Genérica. É relevante reparar que, na amostra referente aos Participantes A e C, que apresentaram resultados semelhantes, observam-se menos ocorrências da forma neutra em Referência Específica (fator utilizado como referência para análise), pois esses participantes contam com uma amostra total de ocorrências marcadas na forma neutra menor do que a observada em relação ao Participante B<sup>48</sup>. Nesse sentido, uma das razões para os Participantes A e C apresentarem esse índice de favorecimento relativo ao gênero neutro em Referência Genérica, e o Participante B não, pode estar associada ao total de ocorrências observadas em Referência Específica, considerando que o resultado é calculado em relação à Referência Específica.

No entanto, isso não significa afirmar que a Referência Genérica não se relaciona de fato com a marcação neutra, uma vez que os testes estatísticos indicam correlação entre a variável resposta e a variável Marcação de Gênero em Referência Genérica ou Específica para os três participantes. O que é importante considerar é que o emprego do gênero neutro em Referência Específica depende de um contexto comunicacional específico, que contempla a referência a alguma pessoa de identidade de gênero não-binária. Se o participante não estiver interagindo com ou se referindo a um indivíduo específico que prefira a marcação neutra para referência própria, não será observado o uso do gênero neutro em Referência Específica. A Referência Genérica, por outro lado, não possui emprego tão limitado, de modo que, para que

---

<sup>48</sup> Retomando os valores apresentados na seção anterior, de um total de 538 ocorrências de gênero neutro que compõem a amostra, 143 são referentes ao Participante A, 356 ao Participante B e 39 ao Participante C.

haja ambiente no qual pode ser observado seu uso, basta o participante fazer referência a pessoas de gênero variado ou desconhecido.

De forma geral, tendo em vista as variáveis preditoras estipuladas para este estudo, os resultados apresentados conforme os testes estatísticos conduzidos indicam que a marcação de gênero neutro é utilizada de formas diferentes por esses participantes, podendo ser associada a suas práticas linguísticas pessoais. As variáveis Função Sintática e Classe Morfossintática apresentaram resultados bastante distintos para os três participantes, mas são observadas semelhanças em relação ao resultado obtido para a variável Tópico, cujos fatores Relacionamento Afetivo e Identidade favorecem a marcação neutra, e em relação às variáveis Concordância de Gênero e Marcação de Gênero em Referência Genérica/Específica, que, apesar de não indicarem os mesmos resultados para os três participantes, apontam semelhanças entre os Participantes A e C no que se refere aos fatores Não Concorda com Referente e Referência Genérica, ambos em posição de favorecimento da marcação de gênero neutro para esses participantes.

No caso dos Participantes A e C, que utilizam com mais frequência o gênero masculino, há um número inferior de ocorrências da variante neutra em comparação a outros gêneros, de modo que a marcação de gênero neutro acaba associada a contextos interacionais específicos, como para a generalização de um grupo de indivíduos de gênero variado ou em uma situação de interação com uma pessoa de identidade de gênero não binária, por exemplo. O Participante B, por outro lado, apresenta uma prática linguística diferente, considerando que parte numerosa de seus tuítes fazem referência a pessoas cuja identidade de gênero se encontra no espectro não-binário (na maioria dos casos, o próprio Participante B e seu parceiro), de modo que o gênero neutro é utilizado com frequência.

A seguir, para melhor visualização dos resultados gerais, é apresentada na Tabela 5 uma seleção dos fatores para os quais foi verificada significância estatística, tendo em vista os resultados obtidos para os três participantes (Tabelas 2, 3 e 4).

Tabela 5 - Fatores estatisticamente significativos em posição de favorecimento e desfavorecimento do emprego de gênero neutro (Participantes A, B e C)

Participante A			Participante B			Participante C		
Favorecimento			Favorecimento			Favorecimento		
Fatores	Estimativa	<i>p</i>	Fatores	Estimativa	<i>p</i>	Fatores	Estimativa	<i>p</i>
Predicativo	0,83	0,02	Relacionamento Afetivo	3,89	<0,001	Predicativo	1,84	0,01
Vocativo	1,24	0,005	Crenças e Opiniões	0,97	0,01	Frase Nominal	1,63	0,02
Não Concorda com Referente	2,20	0,003	Identidade	1,46	<0,001	Pronome	1,88	0,01
Referência Genérica	1,45	<0,001	Cotidiano	0,97	0,01	Referência Genérica	1,99	<0,001
Desfavorecimento			Desfavorecimento					
Frase Nominal	-0,85	0,05	Sujeito	-1,02	0,001			
Cotidiano	-2,02	0,005	Objeto	-1,05	0,008			
Concorda com Referente	-1,51	<0,001	Vocativo	-2,33	0,003			
			Pronome	-0,86	0,01			
			Concorda no Sintagma	-1,38	<0,001			
			Concorda com Referente	-2,00	<0,001			
			Não Concorda com Referente	-2,88	0,05			
			Referência Genérica	-1,22	<0,001			

Fonte: elaborada pela autora

Conforme evidencia-se por meio da Tabela 5, nenhum fator se repete em posição de favorecimento ou desfavorecimento do emprego de gênero neutro para os três participantes. Os fatores observados favorecendo a marcação neutra em relação a mais de um participante foram Predicativo (Participantes A e C) e Referência genérica (A e C), destacados na Tabela 5 com a cor azul. Referente especificamente ao Participante A, são observados também os fatores Vocativo e Não Concorda com Referente em posição de favorecimento. Em relação ao Participante B, os fatores Relacionamento Afetivo, Crenças e Opiniões, Identidade e Cotidiano,

atuando em favorecimento da marcação neutra, são todos referentes à variável Tópico, a qual não se mostrou significativa quanto ao emprego do gênero neutro em relação aos dados dos outros participantes. Por fim, no que se refere ao Participante C, foram observados os fatores Frase Nominal e Pronome em posição de favorecimento.

Em relação aos fatores que desfavorecem a marcação de gênero neutro, o único observado em relação a mais de um participante é Concorda com Referente (A e B), destacado na Tabela 5 com a cor rosa, estando os fatores Frase Nominal e Cotidiano atuando em posição de desfavorecimento da forma neutra para o Participante A, e os fatores Sujeito, Objeto, Vocativo, Pronome, Concorda no Sintagma, Concorda com Referente, Não Concorda com Referente e Referência Genérica atuando em posição de desfavorecimento da forma neutra para o Participante B.

Nota-se que o Participante B, responsável pelo maior número de ocorrências em gênero neutro considerando-se a amostra total de dados (356/538), é quem apresenta mais contextos desfavorecedores com significância estatística, enquanto o Participante C, que produziu menos vezes a marcação neutra em termos de número de ocorrências relativas à amostra total (39/538), não apresenta contextos desfavorecedores com significância estatística. Nesse sentido, pode ser considerado um resultado interessante os Participantes A e C, para os quais observa-se menor porcentagem de emprego do gênero neutro, conforme registrado na seção 5.1, apresentarem condicionadores semelhantes quanto à marcação neutra (Referência Genérica e Predicativo), enquanto os condicionares relativos ao Participante B, que apresenta o maior número de ocorrências na forma neutra, concentram-se em fatores da variável Tópico.

A respeito desse resultado observado para o Participante B, considera-se importante avaliar, de modo semelhante ao que foi discutido nos parágrafos anteriores, o resultado referente ao fator Referência Genérica, tendo em vista que as estimativas indicando desfavorecimento no que se refere a esse fator ocorrem em relação ao *intercept*, que contempla, a saber, a Função Sintática de Complemento nominal e Adjuntos, a Classe Morfossintática de Substantivo, o Tópico de Relações gerais, a Concordância de gênero Sem Ambiente para Concordância e a Referência Específica. No caso dos fatores Complemento Nominal e Adjuntos e Substantivo (referências para o teste estatístico), é observada concentração de itens lexicais específicos marcados com o gênero neutro, sendo observados os mesmos itens léxicos na forma neutra em uma parte considerável das ocorrências referentes à amostra de dados do Participante B. Nesse sentido, cogita-se que essa observação possa explicar o desfavorecimento da marcação neutra em relação ao *intercept* apresentado pelos outros fatores dessa variável.



no processo de variação linguística, pode-se observar a existência de condicionamentos semelhantes em relação à variante neutra para os Participantes A e C, tendo em vista os fatores Predicativo e Referência Genérica, bem como um contexto desfavorecedor semelhante, referente ao fator Concorda com Referente.

Do ponto de vista social, retomam-se alguns contextos que parecem afetar o processo de variação em questão. Conforme discutido na seção 2.1, o movimento contrário ao emprego do masculino genérico, associado simbolicamente à predominância social da figura masculina, conforme discute Mäder (2015), está relacionado ao uso de uma linguagem mais inclusiva, capaz de contemplar identidades que transpassam a binariedade do gênero. O movimento da comunidade de identidade de gênero não-binária, nesse sentido, embora seja de natureza social, pode ser associado a fatores linguísticos, como o próprio funcionamento da flexão de gênero em português, que considera o gênero masculino como não marcado (neutro) (CAMARA JR., 1970), conseqüentemente motivando implicações ideológicas e simbólicas centradas na figura masculina, e à saliência cognitiva do traço [+sexuado] em português (SCHWINDT, 2020a), que faz com que os falantes tenham uma percepção masculinizante da língua dada a predominância do gênero masculino em palavras de traço [+sexuado].

Esses aspectos, discutidos com mais detalhes na seção 2.1, contribuem para o entendimento acerca de como a marcação neutra “-e” ocorre, uma vez que pôde se constatar que o gênero neutro é observado com frequência em contexto genérico (conforme os resultados obtidos referentes aos Participantes A e C) e é marcado mesmo em casos nos quais seu emprego não seria necessário do ponto de vista gramatical, mas ocorre com o objetivo de evidenciar o gênero neutro em relação a um indivíduo, como foi discutido anteriormente<sup>49</sup>, na análise referente à variável Concordância de Gênero nesta seção. Tendo em consideração esse contexto de marcação de gênero neutro como estratégia para tornar mais visíveis identidades não-binárias, pode-se contemplar também a Função Sintática de Predicativo, que apresentou estimativas indicando favorecimento do uso de gênero neutro para os Participantes A e C, cujo propósito envolve a expressão de informações relacionadas ao sujeito ou ao objeto. No caso de esses sujeitos ou objetos se referirem a pessoas não-binárias, é o Predicativo que atua como

---

<sup>49</sup> Os exemplos mencionados são “tem gente que é tão bonite [...]” e “você e seu nome são lindes”, nos quais o gênero neutro é aplicado fora da concordância padrão, atuando de forma a destacar as identidades não-binárias de quem os tuítes mencionam. Também é um exemplo disso o emprego da marcação neutra referente à palavra “artista” (“artiste”), conforme será abordado na sequência, na seção referente à variável Item Lexical.

uma das funções capazes de enfatizar textualmente a identidade delas, podendo esse ser um dos motivos pelos quais o resultado relativo à função Predicativo foi observado.

O desfavorecimento observado em relação ao fator Concorda com Referente, por outro lado, pode ser associado a uma questão estrutural da língua, uma vez que a escassez de ocorrências de gênero neutro para esse fator indica que a marcação neutra não é observada com frequência em tuítes nos quais há ambiente para concordância com referente. Esse resultado pode ser um indicativo de que o gênero neutro está associado a tuítes nos quais não há uma relação anafórica entre as palavras marcadas com o gênero neutro, o que vai ao encontro do problema levantado por Schwindt (2020b), conforme discutido no Capítulo 2, seção 2.2, segundo o qual a retomada pronominal pode se mostrar um processo complicado tendo em vista o uso do gênero neutro. Constataram-se, em relação a esse fator, ocorrências situadas em tuítes curtos, como “parabéns **queride!**”, e em tuítes nos quais o referente não é expresso por meio de uma palavra sexuada, como “caraca tu é muito **linde!**”. Nesse sentido, pode haver uma preferência dos Participantes A e B, para os quais observa-se esse fator em posição de desfavorecimento, de utilizar o gênero neutro, quando fora de um sintagma nominal, em textos curtos e/ou nos quais não é estabelecida relação anafórica entre referente.

Em relação ao Participante A, nativo de Varginha – MG e nascido no ano de 1995 (27 anos), que utiliza com mais frequência o gênero masculino para referência própria dada sua identidade de gênero alinhada ao masculino, há um número inferior de ocorrências da variante neutra em comparação aos outros gêneros, de modo que a marcação de gênero neutro acaba associada a contextos interacionais específicos, como para a referência a outros indivíduos de identidade de gênero não-binária, por exemplo. É interessante considerar que o Participante A, sendo o participante de idade mais elevada, não teve acesso à internet e aparelhos digitais desde o início da infância, tendo em vista o acesso restrito a computadores e internet na época; mas, ainda assim, afirma participar ativamente de comunidades online voltadas para temáticas de identidade de gênero e sexualidade, bem como aplica a marcação de gênero neutro em suas práticas linguísticas nas redes sociais, o que indica que a variável linguística em questão não ocorre apenas entre os mais jovens (adolescentes).

Em relação ao Participante B, nativo de São Paulo capital e nascido no ano de 2002 (19 anos), observa-se a marcação de gênero neutro utilizada com frequência superior à dos outros gêneros, o que parece se associar às identidades de gênero do próprio participante, que se identifica como agênero, e de seu parceiro, frequentemente mencionado nos tuítes observados. Esse participante compartilha características em comum com o Participante A, como o interesse

por filmes de terror, livros de ficção, músicas pop e jogos eletrônicos de RPG, além de ambos apresentarem o mesmo nível de escolaridade (Ensino superior completo/incompleto) e não estarem atuando profissionalmente no momento. Adicionalmente, ambos demonstram interesse em pautas sociais voltadas para a comunidade LGBTQIA+ e neurodiversidade, afirmando-se simpatizantes de grupos que precisem de apoio.

No que se refere ao Participante C, Nativo da cidade de Rio de Janeiro – RJ e nascido no ano de 2001 (20 anos), é observado o menor número de ocorrências referentes ao emprego de gênero neutro, o que pode se associar de alguma forma ao fato de o Participante C ser o único participante cisgênero, identificando-se como homem-cis. Esse participante, de modo semelhante aos outros, também demonstra interesse por músicas pop e jogos online, compartilhando com os outros participantes características como o mesmo nível de escolaridade (superior) e a ausência de um vínculo profissional até o momento da realização deste trabalho. Conforme afirma, o Participante C é simpatizante do movimento LGBTQIA+, do qual faz parte, mas nunca participou de comunidades online voltadas para o debate sobre identidade de gênero e sexualidade. Apesar disso, o Participante C é o único que conta com tuítes escritos com o objetivo de explicar o funcionamento do gênero, no formato de *threads* que buscam abordar questões acerca da linguagem neutra, mostrando-se engajado em práticas que atribuem visibilidade à comunidade de identidade de gênero não-binária.

Nessa direção, é relevante retomar Eckert (2005), conforme apresentado no Capítulo 3, no que se refere às práticas associadas a uma comunidade, por meio das quais se constrói uma perspectiva da realidade compartilhada entre seus membros. Tendo em vista que esta se caracteriza pela composição de indivíduos que compartilham características em comum, sejam objetivos, valores, contexto social etc. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), pode-se afirmar que os três participantes desta pesquisa compartilham perspectivas semelhantes, visto que se mostram engajados em assuntos em comum dentro da comunidade de identidade de gênero não-binária no Twitter. Embora o Participante C não se identifique como pessoa não-binária, ele faz uso da marcação de gênero neutro e discute o tema em seu perfil no Twitter, atuando de modo a evidenciar valores referentes à comunidade de identidade de gênero não-binária por meio da linguagem.

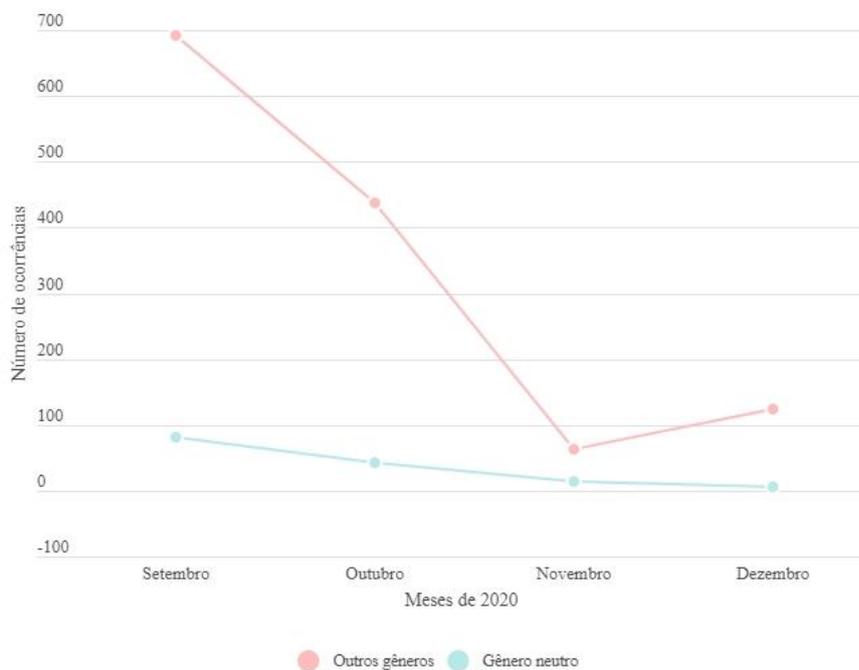
Por essa perspectiva, considerando-se as comunidades de prática como corpos sociais que se estabelecem a partir do envolvimento dos participantes em determinadas práticas, é possível observar que os resultados apresentados apontam para a relevância do papel da

comunidade de prática para a adesão do gênero neutro, uma vez que são compartilhados valores e posicionamentos ideológicos representados por meio da marcação neutra. No caso desse estudo, o engajamento dos participantes A e B em comunidades que tratam de temas voltados para identidade de gênero e sexualidade pode ser um dos elementos que aproxima esses sujeitos, de modo semelhante ao que constata Xie (2015), conforme discutido no Capítulo 2, que observou o meio virtual como um espaço para a definição de identidades não-binárias, bem como para o acolhimento de pessoas da comunidade. Nessa direção, a marcação de gênero neutro assemelha-se ao que estipula Eckert (2005), para quem a variação linguística é um recurso para a construção de um significado social. O significado implícito no uso do gênero neutro demarca uma posição de resistência frente ao padrão cis-heteronormativo, o qual não concede espaço, nem na sociedade nem na língua, para a existência de sujeitos que se distinguem desse padrão.

Além dos resultados apresentados até aqui, também são propostas análises mais específicas em relação às variáveis Mês de Coleta e Item Lexical, as quais não integram a análise multivariada aqui analisada. Esses resultados apresentam-se nas seções a seguir.

### 5.3. VARIÁVEL MÊS DE COLETA

A variável Mês de Coleta foi contemplada nesta pesquisa tendo em vista a possibilidade de o emprego do gênero neutro apresentar um acréscimo ao longo dos meses, considerando-se as crescentes discussões acerca do tema no Twitter e na mídia. As ocorrências que compõem a amostra são referentes ao segundo semestre de 2020, sendo distribuídas por participante conforme se observa nos gráficos a seguir. Primeiramente, em relação ao Participante A, apresenta-se o Gráfico 7.

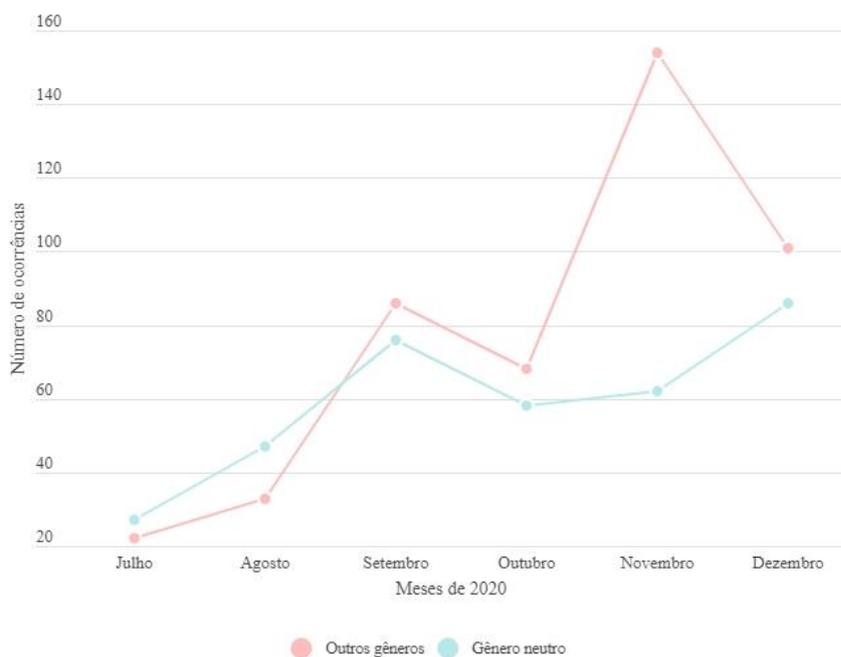
**Gráfico 7 - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante A)<sup>50</sup>**

Fonte: elaborado pela autora

Conforme ilustrado no Gráfico 7 anterior, o mês de 2020 no qual o Participante A realizou o maior número de ocorrências relativos à variante neutra foi setembro, quando são registradas 81 ocorrências (10,4%) da marcação neutra de um total de 772, havendo um decréscimo ao longo dos meses até dezembro, mês no qual se registram apenas 5 ocorrências (3,8%) na forma neutra de 129. Em relação aos outros meses, são observadas 14 ocorrências da forma neutra em novembro (14/76 (18,4%)) e 43 em outubro (43/481 (8,9%)).

A seguir, apresenta-se o Gráfico 8, referente às ocorrências observadas para o Participante B.

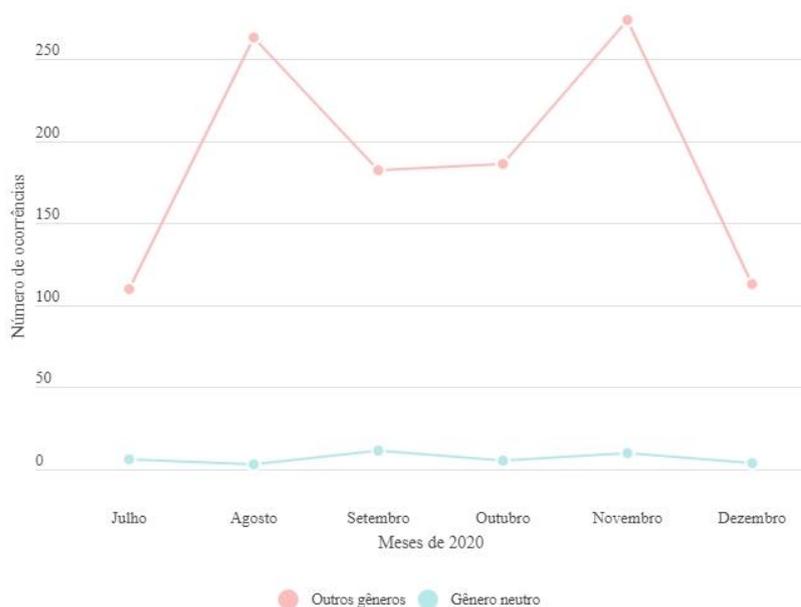
<sup>50</sup> A coleta de dados relativa ao Participante A não pôde ser concluída, pois o participante excluiu sua conta da rede social enquanto ainda faltavam ocorrências referentes a dois meses para serem coletadas. Por isso, não fazem parte da amostra de dados do Participante A os meses de julho e agosto.

**Gráfico 8** - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante B)

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com o Gráfico 8 anterior, observa-se que os meses nos quais são verificadas mais ocorrências da variante neutra referentes ao Participante B são dezembro, mês no qual se registram 86 ocorrências (45,9%) na forma neutra de um total de 187, e setembro, quando se registram 76 ocorrências (46,9%) de 162. Nos meses de julho e agosto, o gênero neutro chega a ser mais utilizado do que os outros gêneros, sendo observadas respectivamente 27/49 (55,1%) e 47/80 (58,7%) ocorrências de gênero neutro. Nos meses restantes, são observadas 62/216 (28,7%) ocorrências da forma neutra em novembro e 58/126 (46%) em outubro.

Em seguida, no Gráfico 9, observa-se a distribuição de ocorrências por mês referente ao Participante C.

**Gráfico 9** - Ocorrência das variantes de gênero ao longo do tempo (Participante C)

Fonte: elaborado pela autora

Em relação ao Gráfico 9, verifica-se nos meses de setembro e novembro maior emprego do gênero neutro em relação à amostra de dados do Participante C, sendo observadas respectivamente 11/193 (5,6%) e 10/284 (3,5%) ocorrências. Nos meses de julho, agosto, outubro e dezembro são verificadas respectivamente 6/116 (5,1%), 3/266 (1,1%), 5/191 (2,6%) e 4/117 (3,4%) ocorrências referentes à marcação neutra.

Observam-se semelhanças em relação à distribuição reportada no que se refere ao mês de setembro, o qual apresenta números mais elevados de ocorrências na forma neutra para todos os participantes. Sabe-se que, durante esse período, o tema “linguagem neutra” esteve em alta devido à viralização de um vídeo postado no Instagram em 6 de setembro de 2020, no qual Rosa Laura<sup>51</sup>, pessoa de identidade de gênero não-binária, disponibiliza-se a esclarecer dúvidas sobre o uso do gênero neutro em português. O vídeo repercutiu e gerou várias discussões acerca do uso do gênero neutro, de modo que, em outubro de 2020, o tema chegou aos assuntos mais comentados do Twitter por meio das hashtags “#PronomeNeutroNaoExiste” e “#PronomeNeutroExiste”. Nesse sentido, é possível que a visibilidade que o assunto ganhou

<sup>51</sup> Rosa Laura é um tatuador, que conta com 29,5 mil seguidores no Instagram durante a realização deste trabalho. Suas postagens contemplam principalmente seu trabalho artístico, mas observam-se alguns vídeos nos quais são abordados temas relativos à linguagem neutra, bem como relacionados à visibilidade trans e à transfobia.

durante esse período explique o maior número de ocorrências do gênero neutro durante o mês de setembro para os três participantes.

Durante esse mês, são observados tuítes que apresentam uma reflexão acerca do uso da marcação de gênero neutro de alguma forma, como “ ‘Pronome neutro só existe na internet’ quem pensa isso só vive com pessoas binárias, pq eu uso bastante [...] meus amigos usam pronomes neutros comigo e com **mi namorade**, [...]” e “**agricultore**. não é complicado”, por exemplo. O primeiro tuíte é um relato referente à experiência do participante com o uso de pronomes neutros fora da internet, no qual é possível observar um posicionamento contrário à afirmação “pronome neutro só existe na internet”, repetida por pessoas em discursos negativos à adoção do gênero neutro. No segundo caso, o participante tenta explicar como pode ser realizada a neutralização da palavra “agricultor”, conversando com outro usuário que desqualificava o emprego da marcação neutra devido à dificuldade de aplicá-la em palavras como “agricultor”, pois tornaria a palavra “irreconhecível”.

Tuítes como esses, que apresentam uma reflexão sobre o emprego do gênero neutro, podem ser associados ao que apontam Silva *et al.* (2021), conforme tratado no Capítulo 3, no que se refere à movimentação coletiva observada nas redes sociais em torno de postagens como a de Rosa Laura em 2020, anteriormente mencionada. Esse movimento associado à comunidade não-binária e a seus apoiadores proporciona conexões entre usuários e constitui um grupo de identidade bem definida, a favor de práticas de inclusão. Nesse caso, a notoriedade do tema “linguagem neutra” no mês de setembro de 2020 parece ter movimentado a comunidade de identidade de gênero não-binária e seus apoiadores, o que pode se refletir, em alguma medida, nos dados dos três participantes, tendo em vista o número elevado de ocorrências de gênero neutro nesse mês.

#### 5.4. VARIÁVEL ITEM LEXICAL

Em relação à variável Item Lexical, foram observados 46 *types* marcados com gênero neutro na amostra referente ao Participante A, 108 *types* na amostra referente ao Participante B e 20 *types* na amostra referente ao Participante C. Para melhor visualização desses resultados<sup>52</sup>, foram compostas nuvens de palavras, representadas na Figura 1, apresentada anteriormente na

---

<sup>52</sup> Esses resultados estão transcritos de forma completa no Quadro 4, localizado no Apêndice B.

seção 5.3, referente à análise multivariada, e na Figura 2, referente ao Participante A, expressa a seguir:

**Figura 2** - Nuvem de palavras contendo os Itens lexicais (*types*) marcados com gênero neutro (Participante A)



Fonte: elaborada pela autora

Conforme observa-se na Figura 2, as palavras que mais são marcadas na forma neutra para o Participante A são “Lindo”, ocorrendo 23 vezes para a variante neutra de um total de 96 ocorrências (como em “é uma **linde**”), “Amigo”, ocorrendo 20 vezes de 80 ocorrências ao total (como em “o que eu não faço pelus **amigos**”), e “Meu”, ocorrendo 13 vezes de 43 ocorrências ao total (como em “teria orgulho de ter elu como **mi** namorado”). Além dessas, também se destacam as palavras “Querido” (como “você é muito **queride**”), com 7/13 ocorrências, e “Fofa” (como “que **fofinhe** amg!”), com 9/48 ocorrências. Em relação à palavra “Querido”, é interessante notar que, dos sete dados observados na forma neutra, cinco deles desempenham a função sintática de vocativo (como “desculpa te preocupar **queride** [...]”), a qual se mostrou estatisticamente significativa em posição de favorecimento em relação ao gênero neutro, conforme registrado nas Tabelas 2 e 5, na seção 5.2. Tendo isso em mente, é possível constatar que essa palavra é com frequência utilizada na forma neutra quando em função de Vocativo, referindo-se a um interlocutor que prefere o gênero neutro para referência própria.

Considerando a totalidade dos itens lexicais que foram marcados na forma neutra pelo Participante A, foi observada variação na forma de realização do gênero neutro em algumas palavras, listadas a seguir no Quadro 3.

**Quadro 3** - Itens lexicais nos quais há variação na marcação de gênero neutro (Participante A)

Item Lexical	Realização da marcação neutra (número de ocorrências)	
	Realização I	Realização II
Ele	Elu (7)	El (1)
Menino	Menine (3)	Meninu (1)
Meu	Mi/mis (9)	Minhe (4)
Sensato	Sensate (2)	Sensatu (1)

Fonte: elaborado pela autora

Conforme consta no Quadro 3, as palavras “Ele”, “Menino”, “Meu” e “Sensato” foram realizadas de formas diferentes na forma neutra, apresentando-se respectivamente nas formas “Elu/El”, “Menine/Meninu”, “Mi/Minhe” e “Sensate/Sensatu”. Em relação às realizações II de “Ele”, “Menino” e “Sensato”, constatou-se que todas ocorreram no mesmo tuíte, transcrito abaixo:

(6) Participante A: **meninu** como esse Lucas é **sensatu**. E **el** escreve umas coisas legais também!

O tuíte acima é escrito pelo Participante A a um seguidor, que pede em sua biografia para ser referido pela forma neutra marcada com “u”, como é possível observar nas duas primeiras palavras destacadas em (6). Essa variação nas realizações do Participante A justifica-se, portanto, devido à interação deste com outro indivíduo que pede a adoção de um sistema de marcação de gênero neutro diferente para referência própria, de acordo com o qual o pronome pessoal do caso reto na primeira pessoa do singular não é marcado pela vogal “u”, caracterizando-se apenas por “El”, e os adjetivos e substantivos são marcados por “u” em vez de “e”.

No que se refere à variação da palavra “Meu” entre “Mi” e “Minhe”, por outro lado, não foram observados indícios que justifiquem o porquê de uma ou outra realização ser adotada. Para exemplificar, foram transcritos abaixo dois tuítes nos quais “Mi” e “Minhe” ocorrem:

(7) Participante A: Olhem isso **mis** mutuals<sup>53</sup>

(8) Participante A: [...] **Minhe** filhe eu levo TUDO para o lado pessoal

Em (7) e (8), ambas as realizações da variante neutra referentes ao pronome possessivo “Meu” acompanham um vocativo em referência generalizadora, visto que se dirigem a um grupo de pessoas cujo gênero é variado. A maior diferença entre os dois exemplos reside no substantivo posterior ao pronome, que em (7) é uma palavra em inglês e em (8) não; no entanto, a princípio não haveria nenhum fator impeditivo ao uso de “Mi” juntamente à palavra “Filhe” ou ao uso de “Minhe” juntamente à palavra “Mutual”. O que se pode levar em consideração sobre esse caso é que não parece ser possível depreender uma regra acerca da marcação da palavra “Meu” na forma neutra a partir da amostra de dados coletada.

Em relação ao Participante B, cujos dados foram apresentados anteriormente na Figura 1, observa-se a predominância das palavras “Namorado” (como em “mi **namorade** vai ver isso comigo [...]”) e “Meu” (como em “pessoal eu amo **mi** namorade [...]”), ocorrendo na forma neutra respectivamente 65 vezes de 71 e 61 vezes de 106. Também destacam-se as palavras “Ele”, com 37 ocorrências de gênero neutro de um total de 148 (como em “gosto de fazer tudo com **elu**”), “Obrigado”, com 20 ocorrências na forma neutra de 20 ocorrências observadas ao total (como em “Eu vou olhar! **Obrigade!**”), e “Bruxo” com 9 ocorrências na forma neutra de um total de 12 (como em “é pedir muito ter uma floresta cheia de **bruxes** aqui perto [...]”).

Conforme já abordado, a alta frequência de uso das palavras mencionadas na forma neutra parece se associar aos tópicos tratados pelo Participante B na rede social, que abrangem, em grande parte, comentários sobre relacionamento afetivo (o que explica a recorrência das palavras “Meu” e “Namorado” na forma neutra), bem como tratam de temas que envolvem misticismo, refletido nas realizações observadas da palavra “Bruxo”, utilizada pelo Participante B com frequência ao falar de si mesmo.

---

<sup>53</sup> “Mutual” é uma gíria do Twitter originária da língua inglesa. Refere-se a indivíduos que seguem um usuário da rede social e são seguidos de volta.

No que se refere a possíveis realizações diferentes para a variante neutra, não foi observada variação nos dados que compõem os tuítes do Participante B. Retomando a discussão acerca da variação do pronome “Meu”, realizado pelo Participante A nas formas “Mi” e “Minhe”, é relevante mencionar que o Participante B utiliza apenas a forma “Mi”, observada 60 vezes como “Mi” e uma no plural como “Mis”.

Um dado interessante observado em relação aos itens lexicais marcados na forma neutra por esse participante foi o emprego de gênero neutro na palavra “artista”, realizado duas vezes como “artiste”. Apesar de ser uma palavra que não apresenta flexão de gênero, não caracterizando oposição entre gênero masculino e feminino, o Participante B adiciona a marca “-e” à palavra no lugar da vogal temática “a” mais de uma vez, enfatizando o gênero do artista referido conforme se observa nas ocorrências “[...] façam uma **artiste** feliz com seus likes” e “precisa de uma **artiste** muito talentosa [...]”. Essas ocorrências podem ser vistas como um exemplo de utilização do gênero neutro com o propósito de tornar visível a identidade não-binária da pessoa referida nos tuítes, sendo um uso linguístico que, mesmo em uma palavra na qual não há flexão de gênero, busca tornar evidente o gênero não-binário.

Quanto ao Participante C, organizou-se também uma nuvem de palavras com aquelas marcadas com gênero neutro, conforme a Figura 3 a seguir:

**Figura 3** - Nuvem de palavras contendo os Itens lexicais (*types*) marcados com gênero neutro (Participante C)



Fonte: elaborada pela autora

De acordo com a Figura 3, há a predominância do pronome “Ele” (ex: “falaria ‘todes **elus** lá’ pq não gosto de generalizar pelo masculino”) marcado na forma neutra, observado em 16 de 361 ocorrências para esse item léxico. Com exceção do item léxico “Dele” (ex: “oque

você acha delu?”), que ocorre duas vezes marcado com o gênero neutro, todas as outras palavras que compõem a Figura 3 são observadas apenas uma vez cada na forma neutra. Esse dado vai ao encontro da estimativa observada em relação à classe Pronome, indicando favorecimento do emprego de gênero neutro na amostra de dados referente ao Participante C (conforme discutido na seção 5.2 e registrado nas Tabelas 4 e 5). Há, nesse caso, uma concentração de ocorrências de gênero neutro relativa ao item léxico “Ele”.

Adicionalmente, não foram constatadas variações nas realizações do gênero neutro para o Participante C. O pronome “Meu”, que apresentou variação em relação ao Participante A, é empregado na forma neutra apenas uma vez na amostra referente ao Participante C, sendo realizado como “Minhe”.

Em relação às ocorrências observadas para os três participantes, ressalta-se a ausência da forma neutra em alguns pronomes demonstrativos e clíticos. Mais especificamente, os pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste” não ocorreram na forma neutra nenhuma vez, de modo que não foi possível depreender nos tuítes coletados para esta pesquisa o padrão adotado para a aplicação da marcação neutra nas palavras mencionadas. Em relação aos usos de pronomes neutros caracterizados no Quadro 1 (apresentado anteriormente na seção 2.2.2) e às explicações sobre o funcionamento da linguagem neutra feita por Lau (2017), não são observadas orientações que contemplem a neutralização dos pronomes mencionados, o que caracteriza uma limitação das propostas de sistemas pronominais citadas. Nesse sentido, em pronomes nos quais a marcação de gênero não é tão intuitiva o gênero neutro pode não ocorrer (como observado em relação aos pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste”) ou variar (como observado em relação ao pronome possessivo “mi/minhe”).

Embora não correspondam aos critérios estabelecidos para a composição da amostra, considera-se relevante lançar um olhar em direção à classe morfossintática dos artigos, marcados com gênero neutro. Havia se considerado nos estágios iniciais desta pesquisa a possibilidade de artigos serem pouco marcados na forma neutra; entretanto, foram observadas várias ocorrências nas quais são utilizados artigos, tanto definidos quanto indefinidos, marcados com gênero neutro em concordância no sintagma nominal, conforme se exemplificam em “a pessoa está destinade a se apaixonar por **ume** assexuade” e “tô aliviade por não ser **ê** úniqwe que acha esquisito”, por exemplo. Nas ocorrências que compõem a amostra, a neutralização de artigos parece se caracterizar conforme os exemplos citados: é feita a adição de “-e” ao radical “um”, no caso dos artigos indefinidos, e é utilizado “ê”, com acento circunflexo, no caso dos artigos definidos. O emprego da forma “Le” como artigo definido, previsto no Quadro 1 e por

Lau (2017), conforme discutido na seção 2.2.2, não foi observado na amostra de dados desta pesquisa.

A fim de verificar de que forma as variáveis Item Lexical e Participante poderiam exercer influência sobre o emprego do gênero neutro, elaborou-se um modelo de regressão logística contendo as variáveis citadas como efeitos aleatórios, de modo a examinar essa configuração influencia o resultado já obtido. Entretanto, o modelo, conforme fora apresentado nas Tabelas 2, 3 e 4, não convergiu com a adição dos efeitos aleatórios, sendo necessárias modificações para que se chegasse a um resultado preciso<sup>54</sup>.

Assim, com o intuito de gerar um modelo que não apresentasse erros, retirou-se da análise os Tópicos de Política, Crenças e Opiniões e Conflitos, uma vez que esses fatores caracterizam-se por poucas ocorrências, prejudicando a ortogonalidade entre as variáveis. Por esse mesmo motivo, optou-se por agrupar os fatores Cotidiano e Mídia social e Cultura, uma vez que estas representam tópicos que se assemelham na medida em que tratam de temas do dia a dia. Adicionalmente, foi necessário remover as variáveis Função Sintática e Concordância de Gênero, pois, mesmo agrupando os fatores dessas variáveis que poderiam apresentar algum tipo de semelhança, não foi possível gerar um modelo que as contivesse e não relevasse erros. Esse resultado caracteriza uma perda de informações que poderiam ser valiosas, principalmente no que se refere à variável Função Sintática, que apresentou correlação com a variante neutra, favorecendo-a por meio da função de Predicativo para os Participantes A e C. Ainda assim, considera-se que a adição deste modelo possa agregar à discussão aqui proposta, motivo pelo qual optou-se por apresentá-lo, conforme observa-se a seguir na Tabela 6.

---

<sup>54</sup> Esse erro pode ocorrer devido à complexidade do modelo proposto, de modo que a amostra deste estudo não apresentou ocorrências o suficiente para que pudesse ser gerado um modelo contendo todas as variáveis que pretendiam ser observadas.

**Tabela 6** - Regressão logística de efeitos mistos para o uso da variante neutra considerando Classe Morfossintática, Tópico e Referência Genérica/Específica (Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p		Ocorrências de gênero neutro/Total
<i>(Intercept)</i>	-3,45	0,69	-4,94	< 0,001	***	
<b>Classe morfossintática</b>						
Substantivo (ref.)						117/556 (21%)
Pronome	0,22	0,37	0,58	0,56		156/1.048 (14,8%)
Adjetivo	0,81	0,24	3,32	< 0,001	***	228/1.618 (14%)
<b>Tópico</b>						
Relações gerais (ref.)						81/949 (8,5%)
Relacionamento afetivo	2,64	0,22	11,8	< 0,001	***	195/281 (69,3%)
Cotidiano e Mídia social	0,16	0,17	0,95	0,34		164/1.732 (9,4%)
Identidade	1,44	0,23	6,28	< 0,001	***	61/260 (23,4%)
<b>Marcação de gênero em referência genérica ou específica</b>						
Referência específica (ref.)						418/2.845 (14,6%)
Referência genérica	0,72	0,18	4,03	< 0,001	***	83/377 (22%)
Modelo: $glmer(formula = VD \sim CLASSE + TOPICO + GENERICO + (1 PARTICIPANTE) + (1 ITEMLEXICAL), family = binomial, data = dados)$						

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com a Tabela 6, observa-se, em relação ao *intercept*, favorecimento do emprego do gênero neutro para todos os fatores, sendo os Tópicos de Relacionamento Afetivo e Identidade os que apresentam estimativas mais altas indicativas de favorecimento (respectivamente, 2,64 e 1,44 *logodds*). Com valor-*p* significativo, são observados os fatores Adjetivo (14% (228/1.618)), Relacionamento Afetivo (69,3% (195/281)), Identidade (23,4% (61/260)) e Referência Genérica (22% (83/377)), todos em posição de favorecimento em relação à variante neutra.

Esse resultado complementa as análises realizadas na seção 5.2, na qual discutiu-se que os tópicos de Identidade e Relacionamento Afetivo haviam apresentado estimativas positivas para todos os Participantes, segundo consta nas Tabelas 2, 3 e 4, mas mostraram-se estatisticamente significativos apenas para o Participante B. Nesse sentido, o resultado apresentado na Tabela 6 vai ao encontro da hipótese estipulada para a variável Tópico, sendo a utilização do gênero neutro e a participação de discussões envolvendo identidade de gênero e aspectos identitários consideradas práticas associadas à comunidade de indivíduos de identidade de gênero não-binária e de seus apoiadores. Nesse sentido, esse resultado indica que

a marcação de gênero neutro associa-se ao tópico de Identidade, sendo as ocorrências relativas a esse fator consideradas exemplos de práticas à favor de discussões voltadas para questões da comunidade, como observa-se em: “Se você não é contra aros, aces, intersexos, **não-binários** e xenogêneros então pq, **minhe filhe**, vc se diz anti-mogai??”; “**amiguinhos** bigêneros, me tirem uma dúvida? é possível ser demiboy + alguma coisa? [...]” e “[...] hétero na hora de corrigir o amigo homofóbico, de defender o amigo LGBTQ+, fica como? **Caladinhe.**”, por exemplo.

Em relação ao Adjetivo, constata-se, conforme apresentado na seção anterior com relação às Tabelas 2, 3, 4 e 5, que esse fator não foi observado nenhuma vez com significância estatística, mostrando-se favorecedor da marcação neutra apenas em relação à amostra do Participante C. Apesar disso, ao considerarem-se as ocorrências de todos os participantes e as variáveis aleatórias, observou-se relevância estatística para a classe Adjetivo, a classe morfossintática que conta com o maior número de ocorrências na forma neutra. Essa observação pode ser associada ao resultado obtido em relação ao fator Predicativo, que favorece o gênero neutro para os Participantes A e C, conforme discutido na seção 5.2 e apresentado nas Tabelas 2, 4 e 5, pois foi possível constatar, ao cruzar as variáveis Classe Morfossintática e Função Sintática, que, de um total de 183 ocorrências da função Predicativo para a variante neutra, 166 compõem-se de Adjetivos. Nesse sentido, parece haver de fato uma relação entre o fator Predicativo, já observado como estatisticamente significativo, e a classe Adjetivo, que apresenta significância no modelo apresentado na Tabela 6.

O resultado relativo ao fator Referência Genérica já havia sido discutido na seção 5.2, uma vez que este já havia mostrado significância estatística nos dados observados referentes aos Participantes A e C, sendo o resultado apresentado na Tabela 6 uma confirmação de que, mesmo considerando-se os efeitos aleatórios Item Lexical e Participante, a variável Marcação de Gênero em Referência Genérica ou Específica continua apresentando correlação com a variante neutra.

Tendo em vista a hipótese estabelecida para variável Item Lexical, contemplada pelo teste estatístico como efeito aleatório, buscou-se delimitar se algum(s) dos 480 *types* que compõem a variável Item Lexical favorece o uso do gênero neutro, considerando-se a possibilidade de a forma neutra ocorrer em palavras específicas. Para tanto, foi aplicada a função  $\text{coef}()$  no modelo de regressão apresentado na Tabela 6, sendo possível observar os modelos ajustados. De acordo com os coeficientes angulares observados para os itens léxicos

referentes à variável Item Lexical, verifica-se que nenhuma palavra atua em favorecimento da marcação neutra, conforme registrado a seguir na Tabela 7, que exhibe as cinco palavras que se mostraram mais próximas a um contexto de favorecimento.

**Tabela 7** - Coeficientes angulares referentes a Item Lexical (em ordem decrescente)

<b>Item Lexical</b>	<b><i>Intercept</i></b>
Namorado	-1,43
Querido	-1,70
Junto	-1,90
Bruxo	-2,14
Lindo	-2,24

Fonte: elaborada pela autora

Os itens lexicais que apresentaram valores relativos ao *intercept* mais altos foram, em ordem decrescente, “Namorado” (-1,43 *logodds*), “Querido” (-1,70 *logodds*), “Junto” (-1,90 *logodds*), “Bruxo” (-2,14 *logodds*), e “Lindo” (-2,24 *logodds*), conforme verifica-se na Tabela 7. Levando-se em conta todos os *types* contemplados nesse modelo estatístico, observou-se que o item léxico caracterizado pelo menor coeficiente angular, indicando o maior desfavorecimento em relação ao gênero neutro, foi “esse” (-4,53 *logodds*), palavra que, conforme discutido nesta seção, não foi observada nenhuma vez na forma neutra. A partir do resultado reportado, é possível depreender que o emprego do gênero neutro é desfavorecido de modo global, não apresentando estimativas positivas em relação a alguma palavra em específico.

Ao finalizar a análise proposta, são retomadas a seguir as hipóteses apresentadas para as variáveis contempladas neste estudo.

No que se refere à variável resposta, estipulou-se que os participantes empregariam o gênero neutro para a referência específica de pessoas de identidade de gênero não-binária e para a referência de grupos compostos por pessoas de gênero variado/desconhecido. Essa hipótese confirma-se, uma vez que a marcação de gênero neutro é observada em Referência Específica apenas para a referência de pessoas que se identificam com o uso gênero neutro, as quais se encontram em alguma medida no espectro de gênero não-binário. Embora o Participante C seja homem cisgênero, ele mesmo não utiliza a marcação neutra para referência própria, conforme discutiu-se na seção 5.1 deste capítulo, sendo as ocorrências da marcação neutra limitadas à referência de pessoas que especificamente preferem ser referidas por meio do gênero neutro.

Tendo em vista os resultados obtidos para variável Marcação de Gênero em Referência Genérica/Específica, confirma-se também a hipótese de que o gênero neutro seria utilizado para a referência de grupos compostos por pessoas de gênero variado/desconhecido, considerando-se que o fator Referência Genérica encontra-se em posição de favorecimento da forma neutra para os Participantes A e C, conforme registrado nas Tabelas 2, 4 e 5, localizadas na seção 5.2, bem como na amostra total de dados considerando Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios, conforme registrado na Tabela 6 desta seção.

Em relação à variável previsoras Classe Morfossintática, não se confirma a hipótese estipulada de que a classe de pronomes poderia vir a favorecer a marcação de gênero neutro, uma vez que não se observou regularidade nos resultados obtidos para esse fator, sendo Pronome estatisticamente significativo em posição de favorecimento apenas em relação à amostra do Participante C. Para essa variável, foi verificado favorecimento da forma neutra em relação à classe Adjetivo, conforme o modelo registrado na Tabela 6 desta seção.

Para a variável Função Sintática, não se confirmam as hipóteses de que as funções de Vocativo e Sujeito poderiam vir a favorecer o emprego do gênero neutro, tendo em vista que essas funções não foram observadas como condicionadores significantes para mais de um participante, sendo apenas Vocativo estatisticamente significativo favorecendo a marca neutra na amostra de dados referente ao Participante A. Para essa variável, verificou-se que a função de Predicativo apresentou certa regularidade como favorecedor do gênero neutro, conforme observa-se em relação resultados obtidos para os Participantes A e C, segundo registrado nas Tabelas 2, 4 e 5, localizadas na seção 5.2.

Quanto à variável Tópico, confirma-se a hipótese de que o fator Identidade poderia vir a favorecer o uso do gênero neutro, uma vez que foi observada, no modelo registrado na Tabela 6 desta seção, uma estimativa indicando favorecimento da forma neutra em relação a esse fator com valor-*p* significativo. Também observou para essa variável o fator Relacionamento Afetivo favorecendo a marcação de gênero neutro, conforme consta também na Tabela 6.

No que se refere à variável Concordância de Gênero, a hipótese de que a marcação neutra poderia ser observada em concordância parcial de gênero, tendo em vista a possibilidade de o emprego de gênero neutro em artigos e certos pronomes caracterizar um processo complexo, afetando assim a concordância de gênero, não se confirma, pois os fatores que indicam falta de concordância não se mostraram condicionares da forma neutra. Nesse caso, observa-se o fator Não Concorda com Referente como favorecedor da forma neutra apenas em

relação ao Participante A, não se repetindo nas amostras referentes aos outros participantes como fator significativo. Ainda, em relação ao fator Concorda com Referente, verificou-se certa regularidade desse contexto como desfavorecedor do gênero neutro (para os Participantes A e B); contudo, dada a hipótese apresentada, não se considera que esse desfavorecimento relacione-se apenas à não realização de concordância de forma direta, uma vez que a escassez de dados na forma neutra em relação a esse fator indica também que o gênero neutro associa-se mais a outros contextos de concordância, como circunstâncias nas quais a concordância ocorre por meio do SN ou simplesmente não ocorre devido à falta de ambiente para tal.

Para a variável Marcação de Gênero em Referência Genérica/Específica, confirma-se a hipótese de que os participantes demonstram preferência em utilizar o gênero neutro em Referência Genérica, conforme já apresentado em relação à variável resposta; entretanto, casos nos quais observa-se o masculino genérico ainda se mostraram em grande número, de modo que não é possível afirmar que há uma preferência de uso da marcação neutra como genérica em detrimento do gênero masculino.

Em relação à variável Mês de Coleta, não se confirma a hipótese de que o uso da marcação de gênero neutro aumentaria com o passar dos meses durante o segundo semestre de 2020, embora verifique-se um aumento no emprego do gênero neutro especificamente no mês de setembro para os três participantes, cuja causa pode se associar à repercussão do vídeo de Rosa Laura, conforme abordado na seção anterior.

Por fim, para a variável Item Lexical, verifica-se que o emprego do gênero não se associa a determinado item léxico em específico, uma vez que, conforme reportado na Tabela 7, não são observados coeficientes com valor positivo em relação aos itens lexicais considerados, de modo que nenhuma palavra atua como condicionadora no que se refere à marcação neutra.

A seguir, apresentam-se as considerações finais do trabalho.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal contribuir para a compreensão acerca do funcionamento da marcação de gênero neutro: como esta é utilizada, o grupo que a utiliza e por quais motivos. Nesse sentido, objetivou-se, por meio da exposição realizada neste trabalho, possibilitar um melhor entendimento acerca do funcionamento da marcação de gênero neutro em português, empregada em situações comunicacionais reais, considerando as características da comunidade que adere a essa variante, bem como de que forma fatores linguísticos e sociais podem vir a favorecê-la. Buscou-se, por meio dos dados aqui apresentados, colaborar com a discussão que envolve a adoção do gênero neutro em português, de modo a fornecer dados linguísticos por meio dos quais tenha sido possível depreender como essa marcação de gênero ocorre no Twitter.

Para alcançar esses objetivos, foi tomado como base o aporte teórico sociolinguístico referente à Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e às Comunidades de Prática (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992a, 1992b), por meio do qual foi possível observar o emprego de gênero neutro como um recurso linguístico utilizado para a expressão de significados simbólicos e ideológicos, associados à comunidade de prática que contempla indivíduos de identidade de gênero não-binária e seus apoiadores. Nesse sentido, o emprego da marcação neutra estimula debates e evidencia identidades não-binárias (SANTANA, 2021), sendo uma prática representativa dos valores compartilhados pela comunidade.

Tendo isso em vista, foi possível observar que a adoção da marcação de gênero neutro pode ser associada às comunidades de prática: corpos sociais que se estabelecem a partir do envolvimento dos participantes em determinadas práticas, sendo o emprego da marcação neutra um recurso simbólico capaz de afetar o desenvolvimento das formas de pensar e agir que caracterizam a comunidade (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), além de atuar como uma marca representando identidades de gênero não-binárias e enfatizando-as em uma língua que, a princípio, não oferece meios para tal. Ao criar esses meios, a comunidade não-binária constrói identidade e valores coletivos, expressos também individualmente por seus membros.

Consideraram-se como práticas associadas à comunidade, além do próprio emprego de gênero neutro, o caráter militante implícito em seu uso, explícito nos tuítes que discutem questões que abrangem identidade de gênero e sexualidade, observados em alguma medida na

amostra de dados dos três participantes contemplados por esta pesquisa. Em perspectiva semelhante a Xie (2015), observou-se que o espaço virtual do Twitter pode ser utilizado como meio para a construção, definição e debates acerca de fatores identitários, sendo também um espaço de acolhimento entre as pessoas de identidade não-binária e da comunidade LGBTQIA+ de forma mais ampla.

Considerando os resultados obtidos referentes aos modelos de regressão logística, constatou-se que os fatores que indicam favorecimento em relação à variante neutra diferem entre os participantes, de modo que não foram verificados, para os três participantes, os mesmos contextos atuando em favor do emprego do gênero neutro. Entretanto, são observados condicionamentos semelhantes em relação à variante neutra para os Participantes A e C, no que se refere aos fatores Predicativo e Referência Genérica, bem como um contexto desfavorecedor em comum, relativo ao fator Concorda com Referente, para os Participantes A e B. No modelo que contempla os dados dos três participantes, tendo as variáveis Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios, verificou-se que os fatores Adjetivo, Relacionamento Afetivo, Identidade e Referência Genérica favorecem a marcação de gênero neutro e mostram-se estatisticamente significantes.

Retomando os resultados obtidos individualmente, no que se refere ao Participante A constataram-se, apresentando valor-*p* significativa, as Funções Sintáticas de Vocativo e Predicativo; a ausência de concordância de gênero com o referente e a Referência Genérica como fatores em posição de favorecimento para a marcação neutra. Esse resultado indica que o Participante A tende a aplicar mais o gênero neutro em palavras que desempenham as funções sintáticas de Vocativo e Predicativo, atuam como termos genéricos em referência a um grupo de pessoas cujo gênero é variado ou desconhecido e que não se encontram em concordância gramatical com o referente ou antecedente textual.

Para o Participante B, os fatores que atuaram como favorecedores do emprego de gênero neutro com valor-*p* significativa são referentes à variável Tópico, sendo, a saber, Relacionamento Afetivo, Crenças e Opiniões, Identidade e Cotidiano, de modo que ocorrências situadas nesses tópicos comunicacionais tendem a ser marcadas na forma neutra pelo Participante B. Conforme discutido, esse resultado é verificado tendo em vista o alto número de ocorrências das palavras “minhe” e “namorade” na forma neutra, o que ocasionou uma concentração das ocorrências observadas nesses itens léxicos. Entretanto, estima-se que o alto número de ocorrências da marcação neutra produzido em tuítes voltados para o tópico de

Relacionamento Afetivo esteja relacionado ao fato de o cônjuge do Participante B também preferir a marcação de gênero neutro para referência própria. Nesse caso, a marcação de gênero neutro poderia estar mais associada à identidade de gênero das pessoas citadas no texto do que ao tópico Relacionamento Afetivo em si.

Em relação ao Participante C, são observadas com valor-*p* significativa, favorecendo o uso de gênero neutro, as funções de Predicativo e Frase Nominal, a classe de Pronome e a referência Genérica. Em outras palavras, verificou-se que o Participante C tende a utilizar a marcação de gênero neutro em ocorrências que desempenham as funções de Predicativo e Frase Nominal, caracterizam-se por serem da classe morfossintática Pronome e que desempenham referência Genérica em referência a um grupo de pessoas cujo gênero é variado ou desconhecido.

Observou-se certa regularidade quanto aos condicionamentos envolvendo os fatores Predicativo e Referência Genérica para os Participantes A e C, os quais favorecem o emprego de gênero neutro, bem como em relação ao fator Concorda com Referente, que desfavorece a marcação neutra para os Participantes A e B. Em relação aos condicionadores observados para os Participantes A e C, considera-se relevante observar que esses sujeitos apresentam menor porcentagem de uso do gênero neutro, de modo que o resultado obtido indica que os participantes que fazem menos uso da variante neutra apresentam contextos condicionadores semelhantes em relação a esta.

Tem-se em vista, por essa perspectiva, que o emprego do gênero neutro se associa fortemente a questões como o funcionamento da flexão de gênero em português, que considera o gênero masculino como não marcado (CAMARA JR., 1970). Seu uso é associado, assim, à predominância da figura masculina na sociedade, bem como à saliência cognitiva do traço [+sexuado] em português (SCHWINDT, 2020a), que pode ser apontada como uma das principais causas pelas quais os falantes têm uma percepção masculinizante da língua portuguesa, dada a predominância do gênero masculino nas palavras de traço [+sexuado]. Esse contexto instiga movimentos sociais contra o uso do masculino, o que pode explicar os resultados obtidos em relação à Referência Genérica e ao Predicativo, uma vez que a Referência Genérica na forma neutra se apresenta como uma alternativa para a referência do gênero humano (MÄDER, 2015), sem os valores simbólicos implícitos relacionados à predominância masculina no uso do masculino genérico, e o Predicativo tem como função a expressão de informações relacionadas ao sujeito, de modo que, fazendo referência a uma

pessoa não-binária, torna-se um recurso capaz de enfatizar textualmente a identidade não-binária por meio do gênero neutro.

No que se refere ao fator Concorda com Referente em posição de desfavorecimento em relação ao gênero neutro, considera-se que esse resultado possa indicar que o gênero neutro está associado a tuítes nos quais não há uma relação anafórica entre as palavras marcadas com o gênero neutro, o que se relaciona ao problema apresentado por Schwindt (2020b), de acordo com o qual a retomada pronominal pode implicar em um processo complexo quando utilizada a marcação neutra.

Observou-se também, em relação a Adjetivo, Relacionamento Afetivo e Identidade, além de Referência Genérica, conforme já discutido, favorecimento do emprego de gênero neutro com valor-*p* significativa por meio do modelo contemplando Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias. Ao considerar as comunidades de prática como um espaço no qual significado social, identidade, comunidade e valores simbólicos de formas linguísticas são constantemente e mutualmente construídos (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1992b), leva-se em conta que a utilização do gênero neutro, nos casos de Relacionamento Afetivo e Identidade, pode associar-se a valores em comum, compartilhados no interior da comunidade, uma vez que, nesses tópicos, podem ser marcados posicionamentos ideológicos.

O favorecimento da marcação neutra em relação à variável Identidade evidencia que os participantes se mostram engajados em discussões que abarcam identidade de gênero e sexualidade, empregando a marcação de gênero neutro nesse contexto. Discussões envolvendo identidade de gênero e aspectos identitários são consideradas, por essa perspectiva, práticas associadas à comunidade de indivíduos de identidade de gênero não-binária e seus apoiadores, de modo que o resultado obtido para o fator Identidade contribui para o entendimento acerca de como o gênero neutro pode ser utilizado como ferramenta para demarcar posicionamentos, relativos a pautas identitárias e a aspectos da identidade individual dos participantes.

No caso do fator Relacionamento Afetivo, considera-se que o favorecimento observado possa se dar principalmente devido à amostra de dados referente ao Participante B, na qual parte considerável dos tuítes se volta para o tópico em questão. Ainda, observa-se que, mesmo os Participantes A e C, que não expõem tanto os seus relacionamentos nos tuítes observados, empregam o gênero neutro para a referência a possíveis parceiros ou parceiros hipotéticos, o que indica que, mesmo sem fazer referência a um parceiro específico, os Participantes A e C

ênfatizam, com o emprego do gênero neutro, identidades não-binárias, consideradas como possíveis interesses românticos.

Também verificou-se, em relação à variável Mês de coleta, um alto número de ocorrências relativas à variante neutra no período de setembro de 2020 para os três participantes, o que pode ter sido causado devido à viralização do vídeo postado por Rosa Laura no Instagram em 6 de setembro de 2020 sobre a “linguagem neutra”, com o objetivo de explicar como é utilizado o gênero neutro em pronomes e por meio da marcação “-e”. Esse resultado vai ao encontro da reflexão feita por Schwindt (2020b) e da discussão proposta por Silva *et al.* (2021), que observam a importância de formadores de opinião nas redes sociais, como Rosa Laura, para a discussão que envolve o uso de gênero neutro, sendo formados, por meio dessas discussões, grupos online que apresentam uma identidade bem definida a favor ou contra o tema. Nesse sentido, é reforçada a proposta de formação de uma comunidade de prática online, que demonstra engajamento no emprego do gênero neutro e nas discussões que envolvem marcação neutra e não-binariedade de gênero.

Por meio da variável Item Lexical, foi possível observar que a variável em questão não apresentou como resultado valores de coeficientes angulares positivos, que pudessem indicar que determinado item léxico atua em favor da marcação de gênero neutro. Também observaram-se quais palavras foram mais vezes marcadas com o gênero neutro, sendo verificado que esse resultado varia conforme o participante. As palavras mais utilizadas com o gênero neutro foram “linde” e “amigue” em relação ao Participante A, “mi” e “namorade” em relação ao Participante B e “elu” em relação ao Participante C.

Constataram-se ainda casos de variação na realização da forma neutra na amostra referente ao Participante A, principalmente entre o pronome possessivo “meu”, realizado como “mi” e “minhe”, e casos de marcação de gênero neutro em palavras que não apresentam sufixo de gênero na amostra relativa ao Participante B, como observado em duas ocorrências contendo a palavra “artiste”. A análise também permitiu verificar que os pronomes “Esse”, “Lo/o”, “Desse”, “Nesse” e “Deste” não ocorreram na forma neutra nenhuma vez, não sendo possível descrever de que modo o gênero neutro é empregado nesses casos.

Embora o recorte proposto para este trabalho tenha focado nas classes gramaticais que demonstravam mais chances de ser observadas na forma neutra (pronome, adjetivo e substantivo), considera-se que teria sido importante incluir a classe de artigos na amostra de dados, uma vez que foram observadas diversas ocorrências contendo artigos marcados na forma

neutra (realizados como “ume” e “ê”). Tem-se em conta que, para compor uma descrição completa acerca do funcionamento do gênero neutro em português, seria necessária a inclusão da classe dos artigos, sendo uma limitação deste trabalho sua ausência na análise quantitativa conduzida.

Também considera-se que teria sido significativo ao trabalho examinar a variável Concordância de Gênero por meio de uma análise não-atomística, sendo o sintagma a unidade de análise, bem como delimitar as ocorrências que continham reflexões metalinguísticas acerca do uso da marcação neutra, de modo a quantificar esses dados. Tais implementações analíticas devem ser consideradas em trabalhos futuros.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua com futuros estudos cujo foco recaia sobre o uso do gênero neutro. Tendo em vista a relevância desse tema nos âmbitos social e político, bem como a popularização de discussões online voltadas para a temática da linguagem neutra, considera-se que ainda há muito o que se observar em relação à marcação de gênero neutro em língua portuguesa, sendo o presente estudo apenas um dos muitos olhares que se podem lançar sobre esse fenômeno.

Mais do que os aspectos linguísticos que envolvem o gênero neutro, considera-se que estudos que busquem discutir o emprego da marcação neutra possam trazer à luz também questões sociais relativas às pessoas que utilizam essa forma linguística, sobre as quais soma-se uma quantidade incontável de opiniões intolerantes e depreciativas. É papel do linguista, nesse sentido, agir, por meio da pesquisa e da divulgação científica, contra o imaginário linguístico que produz e perpetua preconceitos, uma vez que só o conhecimento e o diálogo possibilitam mudanças em direção a um futuro menos intolerante.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Julia Bahia; CHIARELLI, Carlos Augusto Jardim. A guide on extracting and tidying tweets with R. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. e410, 3 dez. 2021.
- ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. As classes formais do PB. **Letras de Hoje**, v. 45, n. 1, p. 5-15, jan./mar. 2010.
- ALMEIDA, Gioni Caê. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341736329\\_Manual\\_para\\_o\\_uso\\_da\\_linguagem\\_neutra\\_em\\_Lingua\\_Portuguesa](https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa). Acesso em: 16 set. 2020.
- ARMELIN, Paula. Classifying Nominals in Brazilian Portuguese: a unified account for gender and inflectional class. **Complex Visible Out There: Language Use and Linguistic Structure**, v.1, p. 67-82, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BALDEZ, Diovana da Silveira; GOMES, Graziella Steigleder. Considerações sociolinguístico-dialógicas sobre o uso da marcação de gênero neutro no Twitter. *In*: BARROS, Solange Maria de *et al.* (org.). **I EnEPEL Estudos emancipatórios em linguagem: perspectivas críticas**. São Paulo: Pé de Palavra, 2021. p. 195-206. *E-book*. Disponível em: <https://www.nepelufmt.com/bibliografia>. Acesso em: 3 mar. 2022.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.
- BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**. Natal. v. 5, n. 6, p. 15-47, 2011.
- BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BYBEE, Joan; THOMPSON, Sandra. Three frequency effects in syntax. *In*: **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. 1997. p. 378-388.
- CABELLEIRA, Denise Mross. Comunidades de prática: conceitos e reflexões para uma estratégia de gestão do conhecimento. **XXXI Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD)**, 2007. Disponível em: [http://anpad.org.br/eventos.php?cod\\_evento=&cod\\_evento\\_edicao=33&cod\\_edicao\\_subsecao=280&cod\\_edicao\\_trabalho=7676](http://anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=&cod_evento_edicao=33&cod_edicao_subsecao=280&cod_edicao_trabalho=7676). Acesso em: 10 mar. 2022.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro colega: exclusão linguística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, v. 1, n. 2, p. 230-246, 2007.

CALISTO. **A linguagem neutra não é errada e eu posso explicar porque**. Rio de Janeiro, 28 mai. 2020. Twitter: @CalistoMF. Disponível em: <https://twitter.com/CalistoMF/status/1266028324045893632>. Acesso em: 7 mar. 2022.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARTACAPITAL, Redação. Suécia debate uso de pronome que indica o terceiro sexo. **CartaCapital**, São Paulo, 8 out. 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/suecia-debate-uso-de-pronome-que-indica-o-terceiro-sexo/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CARVALHO, Ana Luísa Pinto. **Alocação de gênero não binário no sistema prisional: análise da experiência de gêneros não conformes**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CARVALHO, Dannel da Silva. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

CARVALHO, Dannel da Silva. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 47, p. 30-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14452>. Acesso em: 11 out. 2020.

CARVALHO, Dannel da Silva. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n. 2, p. 635-660, 2018.

CASTRO, Roney Polato de; REIS, Neilton dos. Romper binários de gênero e sexualidade: ensaiar uma educação não-binária. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 11, n. 17, p. 108-124, jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/5437>. Acesso em: 14 set. 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAK, Avinash. Beyond ‘he’ and ‘she’: the rise of non-binary pronouns. **BBC News**, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-34901704>. Acesso em: 15 set. 2020.

COLLING, Ana Maria. Elxs, el@s e n\*s: substituição de marcadores de gênero na linguagem escrita é parte de uma luta para diminuir preconceitos expressos na linguagem. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 04 out. 2015. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/10/substituicao-de-marcadores-de-genero-na-linguagem-escrita-busca-diminuir-preconceitos-4861701.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

CORWIN, Anna. Language and gender variance: Constructing gender beyond the male/female binary. **Electronic Journal of Human Sexuality**, v. 12, 2009. Disponível em: <http://www.ejhs.org/Volume12/Gender.htm>. Acesso em: 08 set. 2020.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7<sup>o</sup> ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

D'ARCY, Alexandra; YOUNG, Taylor Marie. Ethics and social media: Implications for sociolinguistics in the networked public. **Journal of Sociolinguistics**, v. 16, n. 4, p. 532-546, 2012.

ECKERT, Penelope. Ethics in linguistic research. *In*: PODESVA, Robert; SHARMA, Devyani. (ed.). **Research Methods in Linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2014. p. 11-26.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. *In*: **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, 2005.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Communities of practice: Where language, gender and power all live. *In*: **Locating power: Proceedings of the second Berkeley women and language conference**. Berkeley, CA: Berkeley University, 1992a. p. 89-99.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge University Press, 2013.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: Language and gender as community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 21, 1992b. p. 461-490.

ELLIOTT, Grace. **Exploring Non-binary Gender Identities**. Trabalho de conclusão (BA Sociology) – De Montfort University, Leicester, 2017.

FREITAG, Raquel Meister; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300009>.

FREITAS, Ernani Cesar; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? o entrelaçamento de gêneros no Twitter. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015.

FREITAS, Monique Amaral de. O “x” da questão: gênero neutro como ato ético e estético?. *In*: BRITO, Pedro Amaro de Moura; BRITO, João Rodrigo de Moura (ed.). **Palavras e contra palavras: cortejando a vida na estética do cotidiano**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

FRIAS, Mario. [Comentário sobre postagem do Museu da Língua Portuguesa]. Rio de Janeiro, 23 jul. 2021. Twitter: @mfriasoficial. Disponível em: <https://twitter.com/mfriasoficial/status/1418704496427995146>. Acesso em: 02 ago. 2021.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. A manualização do saber linguístico e a constituição de uma linguagem não sexista. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, 2016. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11505>. Acesso em: 2 mar. 2022.

HENN, Ronaldo Cesar; DIAS, Marlon Santa Maria. “Se ela é não-binária, por que se referem no feminino?”: um corpo estranho em disputa. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 3, 27 dez. 2019.

KANNER, Gabriel. Linguagem neutra: 4 razões pra você rechaçar o mais novo delírio progressista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/06/linguagem-neutra-4-razoes-para-voce-rechacar-o-mais-novo-delirio-progressista.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. (1972) São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAU, Heliton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias: a voz 'del@s' ou 'delxs'? Não! A voz 'delus'!. In: **V Simpósio Internacional em Educação Sexual: saberes/trans/versais currículos identitários e pluralidades de gênero**, Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

LAVE, Jean. Situated learning in communities of practice. In: RESNICK, Lauren; LEVINE, John; TEASLEY, Stephanie (ed.). **Perspectives on socially shared cognition**. Washington: American Psychological Association, 1991. p. 63-82. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/10096-003>

LEE, Chelsea. Welcome, singular “they”. **American Psychological Association**, 31 out. 2019. Disponível em: [https://apastyle.apa.org/blog/singular-they#disqus\\_thread](https://apastyle.apa.org/blog/singular-they#disqus_thread). Acesso em: 16 set. 2020.

LEVSHINA, Natalia. **How to do Linguistics with R: Data exploration and statistical analysis**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

LEWASCHIW, Cari Lobo; GAIGIA, V. **Guia para a Linguagem Oral não-binária ou neutra**, 2018. Disponível em: [https://identidades.fandom.com/pt-br/wiki/Linguagem\\_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria\\_ou\\_neutra](https://identidades.fandom.com/pt-br/wiki/Linguagem_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria_ou_neutra). Acesso em: 12 mar. 2022.

LUCCHESI, Dante. A estrutura da língua e a criação de gênero neutro. **Roseta**, v. 4, n. 1, 2021.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster's Words of the Year 2019**. 2019. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/word-of-the-year/they>. Acesso em: 15 set. 2020.

MERRIAM-WEBSTER. **The Merriam-Webster Dictionary**. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/they>. Acesso em: 15 set. 2020.

MEYERHOFF, Miriam. Communities of Practice. *In*: CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, Natalie (ed.). **The Handbook of Language Variation and Change**. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470756591.ch21>

MOKWA, Marcela. O papel e a função da linguagem não binária ou neutral no contexto das redes online. **Revista Movimento**, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. Acesso em: 16 set. 2020.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Nova marca do museu da língua portuguesa**. São Paulo, 12 jul. 2021. Twitter: @MuseudaLingua. Disponível em: <https://twitter.com/MuseudaLingua/status/1414704318800875520>. Acesso em: 02 ago. 2021.

OUSHIRO, Livia. Coleta de dados para pesquisas sociolinguísticas (em tempo de pandemia). *In*: XXXV Encontro Nacional da ANPOLL, 2020. **Anais do XXXV ENANPOLL**, online, 2020. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/anais.htm>. Acesso em: 28 fev. 2022.

OUSHIRO, Livia. **Introdução à Estatística para Linguistas**, v.1.0.1 (dez/2017). 2017. Disponível em <https://rpubs.com/oushiro/iel>. Acesso em: 8 mar. 2022.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4º ed. São Paulo: Ática, 2005.

PESSOTTO, Ana Lucia. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. **Revista Ártemis**, v. 28, n. 1, p. 160-178, 2019.

PINO, Nádia. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. **Cadernos Pagu**. Campinas. v. 28, p. 149-174, 2007.

REIS, Neilton dos; CASTRO, Roney Polato de. Narrativas de experiências na não-binaridade: discutindo gênero, identidades e diferenças. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 4, n. 11, p. 504-520, 2019.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2016.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. **Projeto de Lei nº 2013/2020, de 3 de dezembro de 2020**. Dispõe sobre a vedação do uso de novas formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas no país e aprovadas pela comunidade lusófona. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:  
<http://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/249cb321f17965260325775900523a42/bf0a484f271ce6950325863100652920?OpenDocument&Start=1.1.1&Count=80&Collapse=1.1.1>. Acesso em: 6 jul. 2021.

ROSA LAURA. **Tirando dúvidas sobre a linguagem neutra!**. 6 set. 2020. Instagram: @rosalaura\_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEzM37VHu->. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTANA, Mauro Simões de. O gênero neutro: pintando o português para a luta. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 695-710, 2021.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, v. 34, n. 2, p. 745-768, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44509154975775546>.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos no português brasileiro. In: CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy (org.). **Gênero e língua(gem): formas e usos**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2020a. p. 279-294.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020b.

SEVERO, Cristine Gorski. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**. Ano 4, n.7, 2º semestre de 2007.

SILVA, Sidnay Fernandes dos Santos. *et al.* Da gramática normativa à linguística popular militante. **Porto Das Letras**, v. 7, n. 4, p. 141-159, 2021.

TAGLIAMONTE, Sali. **Variationist sociolinguistics: Change, observation, interpretation**. John Wiley & Sons, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TAVITS, Margit; PÉREZ, Efrén. Language influences mass opinion toward gender and LGBT equality. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 116, n. 34, p. 16781-16786, 2019. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/116/34/16781>. Acesso em: 15 set. 2020.

UBA SOCIALES. **Lenguaje inclusivo para producciones académicas**. Buenos Aires, 31 jul. 2019. Twitter: @ubasociales. Disponível em: <https://Twitter.com/ubasociales/status/1156670552679092224>. Acesso em: 16 set. 2020.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. *In: XVII Congreso Internacional Asociacion de Linguística y Filología de America Latina*. João Pessoa: AFAL. 2014. p. 1-10.

VIEIRA, Marcelo. **“Quero poder existir”**: contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT da Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VISCARDI, Janaisa. Língua para todes: um ensaio sobre o gênero neutro. **Revista Marie Claire**, São Paulo, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/amp/Comportamento/noticia/2020/12/lingua-para-todes-um-ensaio-sobre-o-genero-neutro.html>. Acesso em: 19 mai. 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (1968) São Paulo: Parábola, 2006.

WENGER, Etienne; WENGER-TRAYNER, Beverly. **Communities of practice**: A brief introduction. 2015. Disponível em: <https://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>. Acesso em: 6 jul. 2020.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice**: Learning, Meaning, and Identity. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

WENGER, Etienne; SNYDER, William. Communities of practice: The organizational frontier. **Harvard business review**, v. 78, n. 1, p. 139-146, 2000. Disponível em: <https://hbr.org/2000/01/communities-of-practice-the-organizational-frontier>. Acesso em: 5 jul. 2020.

WEST, Candace; ZIMMERMAN, Don. Doing Gender. **Gender and Society**, v. 1, n. 2, p. 125-151, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/189945>. Acesso em: 6 set. 2020.

XIE, Jasmine. **Deconstructing and developing gender: the nonbinary search for identity**. Senior Honors Thesis – Carnegie Mellon University, 2015. Disponível em: [https://kilthub.cmu.edu/articles/thesis/Deconstructing\\_and\\_developing\\_gender\\_the\\_nonbinary\\_search\\_for\\_identity/6684089/1](https://kilthub.cmu.edu/articles/thesis/Deconstructing_and_developing_gender_the_nonbinary_search_for_identity/6684089/1). Acesso em: 5 mar. 2022.

## **APÊNDICE A - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Eu, Cláudia Regina Brescancini, responsável pela pesquisa “A marcação de gênero neutro no Twitter: uma abordagem variacionista”, estou fazendo um convite para você participar como voluntário nesse estudo.

Esta pesquisa pretende descrever o uso da marcação de gênero neutro na rede social Twitter a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação, buscando verificar quais fatores de ordem linguística e social podem influenciar no uso da variante aqui delimitada.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante dada a escassez do tema na área da Linguística. Por essa razão, considera-se relevante buscar, por meio de pesquisa científica, formas de descrever as características da marcação de gênero neutro, bem como contribuir para o entendimento acerca dos motivos pelos quais esta surgiu e da comunidade que a usa. Cabe ao linguista, por essa perspectiva, tomar lugar de fala frente aos fenômenos de mudança da língua, explicando-os com base em evidências científicas.

Para a realização desta pesquisa, serão coletados tuítes (textos de até 280 caracteres oriundos da rede social Twitter) escritos no ano de 2020 nos quais haja a ocorrência de substantivos, adjetivos e pronomes que apresentam distinção de gênero semântico por morfema, possuindo como referente entidades de traço [+animado].

Sua participação constará na permissão do uso dos seus tuítes para a pesquisa e no preenchimento de uma breve ficha social.

É possível que aconteça o seguinte desconforto: um breve cansaço devido ao preenchimento do formulário, embora este seja bastante breve. Os benefícios que esperamos do estudo referem-se principalmente ao esclarecimento quanto ao funcionamento da marcação de gênero neutro em Língua Portuguesa para os profissionais da linguagem.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato a qualquer hora com Cláudia Regina Brescancini pelo telefone (51) 992361851 ou e-mail [bresc@pucri.br](mailto:bresc@pucri.br) e com Diovana da Silveira Baldez pelo telefone (51) 985839913 ou e-mail [diovana.baldez@gmail.com](mailto:diovana.baldez@gmail.com).

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50, sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma.

Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Ao assinar e rubricar todas as páginas deste documento, você de forma voluntária e esclarecida, nos autoriza a utilizar os seus tuítes e informações pessoais disponibilizadas via ficha social para finalidade de pesquisa e realização deste estudo. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação dos meus dados e informações de natureza pessoal para essa finalidade específica.

---

Assinatura do participante da pesquisa ou de seu representante legal

---

Assinatura de uma testemunha

### **DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTEVE O CONSENTIMENTO**

Expliquei integralmente este estudo clínico ao participante ou ao seu cuidador. Na minha opinião e na opinião do participante e do cuidador, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Data: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do Investigador

---

Nome do Investigador (letras de forma)

**APÊNDICE B - Quadro 4 - Lista de Itens Lexicais marcados com gênero neutro**

<i>Types</i>	Número de ocorrências			Realizações da forma neutra e número de ocorrências
	Outros gêneros (feminino e masculino)	Gênero neutro	Total	
Abraçado	1	1	2	“Abraçade” (1)
Acefóbico	0	1	1	“Acefóbiques” (1)
Agarrado	1	1	2	“Agarradinhe” (1)
Agressivo	2	1	3	“Agressive” (1)
Agricultor	0	1	1	“Agricultore” (1)
Alinhado	1	2	3	“Alinhade” (2)
Aliviado	0	2	2	“Aliviade” (2)
Alto	5	1	6	“Alte” (1)
Aluno	4	1	5	“Alunes” (1)
Amado	6	1	7	“Amade” (1)
Amigo	91	24	115	“Amigue” (13), “Amigues” (10), “Amiguinhos” (1)
Andrógino	0	1	1	“Andrógines” (1)
Animado	0	1	1	“Animade” (1)
Ansioso	1	3	4	“Ansiose” (3)
Apaixonado	7	3	10	“Apaixonade” (3)
Apavorado	0	1	1	“Apavorade” (1)
Aquariano	0	1	1	“Aquariane” (1)
Aquele	9	2	11	“Aquelu” (1), “Praquelu” (1)
Arrumado	0	1	1	“Arrumadinhe” (1)
Artista <sup>55</sup>	0	2	2	“Artiste” (2)
Assediador	0	1	1	“Assediadore” (1)
Assexuado	0	1	1	“Assexuade” (1)
Atualizado	0	2	2	Atualizade (1), Atualizades (1)
Bêbado	1	1	2	“Bebade” (1)
Beijado	0	1	1	“Beijade” (1)
Bem-vindo	2	3	5	“Bem-vinde” (3)
Bioquímico	0	1	1	“Bioquimique” (1)
Bloqueado	1	1	2	“Bloqueade” (1)
Bonito	24	4	28	“Bonite” (3), “Bonitinho” (1)
Bravo	5	2	7	“Brave” (2)
Bruxo	5	12	17	“Bruxe” (10), “Bruxinho” (1), “Bruxinhos” (1)
Burro	15	2	17	“Burre” (2)
Calado	1	1	2	“Caladinhe” (1)
Cantor	3	1	4	“Cantore” (1)
Casado	3	2	5	“Casade” (1), “Casades” (1)
Certo	4	1	5	“Certe” (1)
Chato	13	2	15	“Chate” (2)
Coitado	4	1	5	“Tadinhe” (1)
Companheiro	1	1	2	“Companheire” (1)
Comprometido	0	2	2	“Comprometide” (2)
Controlado	0	2	2	“Controlade” (2)
Convencido	0	1	1	“Convencide” (1)

<sup>55</sup> Esse item lexical a princípio não se encaixa no recorte estabelecido para a coleta de dados, visto que a palavra “artista” não apresenta sufixo de gênero. No entanto, como foi observada a variação neutra “artiste” para esse item lexical, optou-se por incluir esses dados na amostra.

Convidado	0	1	1	“Convidades” (1)
Correspondido	0	1	1	“Correspondide” (1)
Criado	1	1	2	“Criade” (1)
Criador	5	1	6	“Criadore” (1)
Culpado	0	1	1	“Culpade” (1)
Daquele	2	1	3	“Daquelu” (1)
Decepcionado	0	1	1	“Decepcionade” (1)
Dele	150	11	161	“Delu” (9), “Delus” (2)
Desesperado	1	1	2	“Desesperade” (1)
Desgraçado	4	1	5	“Desgraçade” (1)
Deslumbrado	0	1	1	“Deslumbrade” (1)
Destinado	0	1	1	“Destinade” (1)
Disposto	2	2	4	“Disposte” (2)
Distraído	2	1	3	“Distraide” (1)
Doido	5	3	8	“Doide” (3)
Eclético	0	1	1	“Eclétique” (1)
Ele	525	60	585	“Elu” (53), “Elus” (6), “El” (1)
Emocionado	1	2	3	“Emocionade” (2)
Entediado	2	1	3	“Entediade” (1)
Errado	8	1	9	“Errade” (1)
Esmagado	0	1	1	“Esmagade” (1)
Eu	0	1	1	“Euzinhe” (1)
Exausto	0	1	1	“Exauste” (1)
Expulso	2	1	3	“Expulse” (1)
Famoso	19	2	21	“Famose” (1), “Famosinhe” (1)
Feito	0	2	2	“Feite” (2)
Feliz	1	1	2	“Felizinhe” (1)
Filho	34	3	37	“Filhe” (3)
Fofo	46	17	63	“Fofe” (12), “Fofinhe” (4), “Fofinhes” (1)
Fulano	0	1	1	“Fulaninhe” (1)
Gato	5	1	6	“Gate” (1)
Gostoso	10	2	12	“Gostose” (2)
Grosso	4	1	5	“Grosse” (1)
Honesto	0	1	1	“Honeste” (1)
Humilhado	0	1	1	“Humilhade” (1)
Idoso	3	1	4	“Idose” (1)
Imundo	0	1	1	“Imunde” (1)
Iritado	4	1	5	“Iritade” (1)
Junto	0	6	6	“Juntes” (6)
Libriano	4	2	6	“Libriane” (1), “Librianes” (1)
Lindo	91	26	117	“Linde” (26)
Lisonjeado	13	1	14	“Lisonjeade” (1)
Magnífico	0	1	1	“Magnifique” (1)
Magro	1	1	2	“Magre” (1)
Mal-educado	0	1	1	“Mal-educade” (1)
Maravilhoso	13	2	15	“Maravilhose” (2)
Menino	36	7	43	“Menine” (6), “Meninu” (1)
Mesmo	15	7	22	“Mesme” (7)
Meu	101	75	176	“Mi” (63), “Mis” (7), “Minhe” (5)
Misterioso	0	1	1	“Misteriose” (1)

Morto	9	1	10	“Morte” (1)
Muito	2	1	3	“Muites” (1)
Namorado	22	68	90	“Namorado” (67), “Momolade” (1)
Não-binário	4	3	7	“Não-binários” (2), “Não-binária” (1)
Negro	2	1	3	“Negre” (1)
Nele	7	1	8	“Nelu” (1)
Nervoso	2	3	5	“Nervose” (3)
Nordestino	1	1	2	“Nordestine” (1)
Nosso	5	1	6	“Nosse” (1)
Novo	5	1	6	“Nove” (1)
Obrigado	461	21	482	“Obrigade” (20), “Brigade” (1)
Orgulhoso	0	2	2	“Orgulhose” (2)
Outro	21	1	22	“Outres” (1)
Parceiro	1	1	2	“Parceire” (1)
Parecido	2	1	3	“Parecide” (1)
Passador	0	1	1	“Passadore” (1)
Perdido	1	1	2	“Perdidinhe” (1)
Perfeito	26	3	29	“Perfeite” (3)
Perigoso	0	1	1	“Perigose” (1)
Pitico	23	1	24	“Pitique” (1)
Pobre	0	1	1	“Pobrezinhe” (1)
Poderoso	1	1	2	“Poderose” (1)
Precioso	2	1	3	“Preciose” (1)
Preguiçoso	1	1	2	“Preguiçose” (1)
Preocupado	0	1	1	“Preocupade” (1)
Professor	21	1	22	“Professore” (1)
Protegido	1	1	2	“Protegidinhos” (1)
Querido	8	7	15	“Queride” (5), “Querides” (2)
Realizado	0	1	1	“Realizade” (1)
Rodeado	1	1	2	“Rodeade” (1)
Sádico	0	1	1	“Sádique” (1)
Sarcástico	0	2	2	“Sarcástique” (2)
Sensato	6	3	9	“Sensate” (2), “Sensatu” (1)
Sequestrado	1	1	2	“Sequestrade” (1)
Seu	38	7	45	“Sue” (4), “Su” (3)
Solteiro	2	1	3	“Solteire” (1)
Sozinho	17	6	23	“Sozinhe” (6)
Sucedido	0	1	1	“Sucedide” (1)
Surpreso	3	3	6	“Surprese” (3)
Suspeito	3	1	4	“Suspeite” (1)
Talentoso	3	2	5	“Talentose” (2)
Terrear <sup>56</sup>	0	1	1	“Terrerinhe” (1)
Todo	41	8	49	“Todes” (7), “Tode” (1)
Tolo	0	1	1	“Tolinhe” (1)
Tranquilo	5	2	7	“Tranquile” (2)
Transfóbico	14	1	15	“Transfóbique” (1)
Transgênero	0	1	1	“Transgêneres” (1)

<sup>56</sup> Termo referente a um RPG que se popularizou no Twitter em 2020. É o nome de uma casa de uma escola de magia, sendo os alunos dessa casa referidos afetivamente como “terrerrinhos”, conforme a ocorrência de marcação de gênero neutro registrada.

Único	5	1	6	“Únique” (1)
Válido	8	2	10	“Válide” (2)
Viciado	1	2	3	“Viciade” (2)
Vidrado	0	1	1	“Vidrade” (1)
Violento	0	1	1	“Violente” (1)
Vivido	0	1	1	“Vivido” (1)